



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

VINICIUS EMANUEL RODRIGUES

**“VENHA O TEU REINO”:**  
REPRESENTAÇÕES DO TEMPO NA IGREJA EVANGÉLICA  
ASSEMBLEIA DE DEUS DO BRASIL (1995–2005)

VINICIUS EMANUEL RODRIGUES

**“VENHA O TEU REINO”:**  
**REPRESENTAÇÕES DO TEMPO NA IGREJA EVANGÉLICA**  
**ASSEMBLEIA DE DEUS DO BRASIL (1995–2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em História Social, área de concentração em Cultura, Representações e Religiosidades.

Orientador: Dr. Alfredo dos Santos Oliva

Londrina  
2012

VINICIUS EMANUEL RODRIGUES

**“VENHA O TEU REINO”:  
REPRESENTAÇÕES DO TEMPO NA IGREJA EVANGÉLICA  
ASSEMBLEIA DE DEUS DO BRASIL (1995–2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado em História Social, do Centro de  
Letras e Ciências Humanas da Universidade  
Estadual de Londrina – UEL

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva  
UEL – Londrina - PR

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudia Neves da Silva  
UEL – Londrina - PR

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Zueleide Casagrande de Paula  
UEL – Londrina - PR

Londrina, 27 de abril de 2012.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desses quatro anos de pesquisa sobre a Igreja Evangélica Assembleia de Deus contráí algumas dívidas de gratidão. Com certeza não conseguiria ter concluído este trabalho tão importante para minha vida acadêmica e pessoal sem o auxílio das pessoas e instituições que se seguem. Minha sincera gratidão:

Aos meus sogros (Célia e Luiz Marendaz) que me cederam parte das fontes primárias sobre a Igreja Evangélica Assembleia de Deus;

Ao Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP e à Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD que tão bem me recebeu, especialmente: ao Pr. Isael Araújo (diretor e pesquisador do CEMP), ao Pr. Silas Daniel (editor-chefe do jornal Mensageiro da Paz), à Flavianne Vaz (historiadora do CEMP), à Vera Garcez Theme (Bibliotecária da CPAD) e a Marcos Paulo de Almeida (Pedagogo do CEMP). Obrigado a todos por terem me cedido seu tempo e as fontes que me faltavam.

Aos meus professores de graduação e pós-graduação, que me ensinaram os caminhos da história;

À banca examinadora, que separou uma parte do seu tempo para ler e avaliar meu trabalho;

À Benedita Rodrigues, minha mãe, a quem devo tudo;

À minha amada esposa Aliny, que nunca deixou de me apoiar.

Por fim, ao professor Alfredo dos Santos Oliva que, embora tenha uma postura epistemológica distinta da minha, não mediu esforços me orientando para que este trabalho fosse possível.

RODRIGUES, Vinicius Emanuel. “**Venha o teu reino**”: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1995–2005). 2012. 150f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

## RESUMO

Este trabalho desenvolve uma análise sobre as representações do tempo na maior igreja evangélica pentecostal do Brasil, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (fundada em 1911), entre os anos 1995 e 2005. Fundamentados no pensamento teórico de Roger Chartier, Norbert Elias e Mircea Eliade discorremos sobre como essa igreja sofre influências do modelo linear de tempo do cristianismo, assim como realiza releituras do tempo secular inserindo-o no tempo sagrado a partir de sua cosmovisão escatológica. O período escolhido para análise também manifesta o pensamento da igreja sobre um elemento muito presente nas sociedades ocidentais das viradas de século e de milênio, o “milenarismo”. Para tanto, nos utilizamos de fontes muito pertinentes para a compreensão desses elementos, trata-se do principal órgão de doutrinação da instituição, a revista *Lições Bíblicas*, e de seu jornal oficial, o *Mensageiro da Paz*, ambos hegemônicos em seus segmentos e, portanto, reveladores do discurso oficial da referida igreja.

**Palavras chave:** Tempo. Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Pentecostalismo.

RODRIGUES, Vinicius Emanuel. “**Venha o teu reino**”: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1995–2005). 2012. 150f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

### **ABSTRACT**

This paper develops an analysis of the representations of time in most of Brazil Evangelical Pentecostal Church, the Evangelical Church Assembly of God (founded 1911), between 1995 and 2005. Based on theoretical thinking of Roger Chartier, Norbert Elias and Mircea Eliade on about how this church is influenced by the linear model of time of Christianity, as well as performs reinterpretations of the secular time placing it in the holy time from its eschatological worldview. The period chosen for analysis also expresses the thought of the church on a very present in Western societies in the turn of century and millennium, "millenarianism". For this purpose, we use a lot of sources relevant to the understanding of these elements, it is the main body of the institution of indoctrination, the magazine Bible Lessons, and its official newspaper, the Messenger of Peace, both hegemonic in their segments and therefore , revealing that the official discourse of the church.

**Keywords:** Time. The Evangelical Church Assembly of God. Pentecostalism.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Evolução quantitativa das religiões no Brasil entre 1970 e 2000 .....	14
<b>Tabela 2</b> – Periódicos com temas que versam diretamente sobre escatologia (1995-2005).....	89
<b>Tabela 3</b> – Lições que abordam a importância da <i>glossolalia</i> e dos dons espirituais para a IEAD e para sua visão sobre o tempo e os últimos dias .....	100
<b>Tabela 4</b> – Artigos extraídos do jornal Mensageiro da Paz, entre 1995-2005, que versam sobre o estabelecimento de uma “Nova Ordem Mundial” e do reino do “Anticristo”.....	114
<b>Tabela 5</b> – Lições que abordam a importância (orgânica) de Israel para a história da humanidade segundo a cosmovisão da IEAD (1995-2005).....	117

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O TEMPO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL</b> .....	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>AS “LIÇÕES BÍBLICAS” E O “MENSAGEIRO DA PAZ”</b> .....	<b>53</b>
<b>4</b>	<b>REPRESENTAÇÕES DO TEMPO NO DISCURSO INSTITUCIONAL “ASSEMBLEIANO”</b> .....	<b>66</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>133</b>
	<b>FONTES PRIMÁRIAS</b> .....	<b>138</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>144</b>
	<b>ANEXO</b> .....	<b>149</b>
	<b>ANEXO A – O plano divino através dos séculos</b> .....	<b>150</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é resultado de quatro anos de pesquisas sobre o fenômeno religioso, mais especificamente sobre a Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil<sup>1</sup>. Nesse período pudemos realizar diversas pesquisas de campo, bibliográficas e de fontes primárias que nos ajudaram a ampliar nosso conhecimento conceitual e histórico tanto sobre o domínio História das Religiões, quanto sobre a instituição em apreço.

Um trabalho sobre o tema já foi por nós realizado no curso de pós-graduação *lato sensu* em História Social nesta instituição, no qual contamos com a orientação e colaboração do professor Dr. Alfredo dos Santos Oliva. Parte do mesmo trabalho tornou-se capítulo de um livro sobre o centenário do pentecostalismo no Brasil organizado por ele em parceria com o professor Dr. Antonio Paulo Benatte<sup>2</sup>. A continuidade da pesquisa nos permitiu desfrutar de maior segurança quanto à temática, bem como contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a religiosidade brasileira.

O trabalho realizado buscou, através da análise de duração inferior (anos 1999-2000) ao que tratamos nesta dissertação, possibilitar a compreensão dos discursos institucionais acerca do tempo “assembleiano”<sup>3</sup> e do medo milenarista que pairou sobre uma parcela da sociedade ocidental cristã na virada do século XX para o XXI. Estes discursos, retirados de um periódico, foram por nós interpretados como representações simbólicas que proporcionaram, dentre outras coisas, formas muito claras de controle institucional ao tratar da questão escatológica, estabelecendo regras e normas de vivência aos fiéis a fim de que os mesmos adquirissem formas de comportamento e pensamentos que os preparariam para enfrentar um suposto momento fatídico para a história da humanidade.

Na realização desta tarefa pesquisamos a revista *Lições Bíblicas* da IEAD, periódico de circulação trimestral cuja finalidade principal é a doutrinação da referida instituição. Para este trabalho, ampliamos nossas fontes, trabalhando, além das próprias *Lições Bíblicas*, também com o jornal *Mensageiro da Paz*, ambos periódicos oficiais da IEAD. Ampliamos também o período pesquisado, sendo que,

---

<sup>1</sup> IEAD.

<sup>2</sup> OLIVA, Alfredo S; BENATTE, Antonio P. (Orgs.). *Cem anos de Pentecostes*: capítulos de história do pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte, 2010.

<sup>3</sup> Nesta pesquisa a palavra será usada para indicar referência ou pertencimento à IEAD.

enquanto no primeiro analisamos apenas os anos da virada, neste, nos debruçamos sobre os seis últimos anos século XX e os primeiros cinco do século XXI, uma duração que nos dará uma visão mais ampla do período e das representações do tempo que nele se construíram institucionalmente.

Falar de uma ideia institucional de tempo como forma de controle não implica que este seja o único objetivo da IEAD ao doutrinar seus fieis. Não negamos que haja na liderança convicções religiosas profundas. Embora encontremos exceções, esta é uma característica de todas as religiões, pois quem se liga ao sagrado, liga-se por acreditar, de alguma forma, em forças sobrenaturais que regem a sociedade e regulam a vida dos indivíduos. Se não fosse assim, não teríamos um crescimento tão vertiginoso das religiões, especialmente as mais dinâmicas, fenômeno que podemos comprovar analisando os dados estatísticos produzidos até o momento sobre o seu crescimento.

Sobre estes dados falaremos logo, queremos nos ater agora ao aspecto citado acerca da religiosidade: as motivações religiosas. cremos que não faríamos um bom trabalho se não abordássemos essa questão como elemento importante do crescimento religioso que atua, é claro, em conjunto com demais fatores inerentes à própria existência humana, quais são: sede de poder, desejo de vantagem, autoengrandecimento, controle social, ambição, entre outros.

Compreendemos a religião não como um elemento de irracionalidade da existência humana, nem como um meio tão racional cujo objetivo seria apenas a sobreposição e exercício de poder de um indivíduo sobre o outro. Ao contrário, acreditamos que exista, sim, o aspecto do controle, mas também que haja uma parcela muito importante de convicção nos que exercem as crenças religiosas. Geertz é esclarecedor ao abordar a religião como:

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.<sup>4</sup>

São essas motivações que colocam a religião no âmbito da fé sincera, onde não encontramos apenas uma organização de interesses egoístas, mas também um espaço onde se exercem atividades e pensamentos altruístas no sentido de que se acredita realmente naquilo que se prega, e isso produz o interesse de que outras

---

<sup>4</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 67.

peessoas adiram à mesma crença que se julga salutar para o bem estar físico e espiritual dos indivíduos, tanto nesta vida quanto após a morte já que, para o ser humano religioso, a realidade por excelência é a realidade que se pauta na religiosidade e na crença de um princípio criador e norteador da existência humana.

Buscamos, com isso, realizar uma análise que se fundamente na inter-relação entre os elementos físicos (disposições para se realizar algo no âmbito religioso, interesses materiais e exercício do poder) e nos elementos metafísicos (motivações espirituais e convicções religiosas que formam a fé).

Partindo dessa premissa, isto é, da religião como um fenômeno que produz convicções e “motivações duradouras” nos indivíduos, encontramos em Rubem Alves uma importante contribuição: “talvez esta seja a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido”<sup>5</sup>. Esta sentença reflete algo que consideramos importante, isto é, a ideia de que a religiosidade passa, antes de todas as coisas, por uma busca subjetiva de estabelecer certa lógica para o mundo físico, o que o autor chama de “sentido” para a realidade. Esta busca certamente ajuda a explicar o porquê do crescimento das religiões em um mundo que se julga em muitas instâncias cada vez mais cientificista, ainda que haja um debate relevante sobre a relativização e o próprio questionamento sobre a cientificidade da ciência desde meados do século XX<sup>6</sup>.

Entre o fim da Idade Média e o século XVI, quando o ocidente começou a problematizar a experiência religiosa a partir de um confronto entre ciência e religião, esta última passa a ser vista pejorativamente, como símbolo de atraso e ignorância. O período em que a lógica religiosa ligava todo o pensamento social passou a ser chamado de “idade das trevas” legando, a partir daí, um futuro de preconceito ao pensamento religioso. Ainda hoje, em muitos lugares onde se mantêm a lógica científica, ser religioso é sinônimo de ignorância, de adesão a uma pré-lógica e de ausência de “modernidade”<sup>7</sup>. Alves, no entanto, constrói sua análise

<sup>5</sup> ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981. p. 11.

<sup>6</sup> Um debate importante sobre esta questão pode ser encontrado na obra “A criação imperfeita” de Marcelo Gleiser. O autor questiona a proposta de simetria da ciência moderna que estabelece que o mundo surge a partir de uma certa ordem, bem como teorias de alguns cientistas que buscam dar uma explicação para o Universo com uma metodologia e um pensamento pré-estabelecidos acerca do fenômeno de surgimento e evolução da natureza, explicações que visam o que o autor chama de “montagem do quebra-cabeças”. Para Gleiser, o mundo deve ser entendido como assimetria, portanto, como um fenômeno da imperfeição, que fuja de padrões de explicação unificadores acerca da realidade, portanto, de verdades absolutas e de “teorias finais” que, segundo ele, certamente serão superadas a partir do próprio desenvolvimento e descobertas científicas. Conf. GLEISER, Marcelo. *A criação imperfeita: cosmos, vida e o código oculto da natureza*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

<sup>7</sup> ALVES, Rubem. Op. Cit. p. 70.

a partir da concepção de que o pensamento religioso possui uma lógica e que, embora fuja muitas vezes do pretensão científico sem autocrítica, representa um sentido para a realidade.

Não queremos aqui lançar um olhar cego para a realidade, fazendo apologia irresponsável da religião, ao contrário, queremos estabelecer uma reflexão que busque os porquês não apenas do ponto de vista da história como ciência<sup>8</sup>, mas também tentar compreender a realidade sob o olhar da alteridade aqui representada pelo ser humano religioso. Nesse sentido, reconhecer que existem “motivações duradouras” nas religiões é fator fundamental para o conhecimento do fenômeno, e estas motivações geram “disposições” que produzem ações, por parte dos indivíduos ligados à religião, de significação da sua existência. É nesse aspecto que a religiosidade tenta dar sentido à vida.

Alcançar o ponto em que se manifestam as motivações dos seres humanos religiosos é tarefa não muito fácil. Segundo Alves<sup>9</sup>, elas estão no plano do sentimento, portanto, abstrato. Dificilmente serão alcançadas se não olharmos para a religião com relativismo, buscando também o elemento que a mantém sólida em meio a muitas intempéries passadas nesses últimos séculos, isto é, a fé; é nela que se deposita a certeza da “verdade” do ser humano religioso. Segundo o autor, “é algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar”<sup>10</sup>, é o que fundamenta, sem dúvida alguma, as diversas formas de religião que se manifestam no mundo contemporâneo.

Compreender a realidade do ponto de vista em que não há certezas é inconcebível para o pensamento científico mais conservador. Porém, para o ser humano religioso, o mundo se apresenta e é interpretado por meio da fé como uma “verdade”. Mas esta verdade é uma “aposta” e só percebemos isso quando estamos de fora ou quando lançamos um olhar relativista. Nesse sentido, a religião se aproxima da ciência, posto que esta também é uma aposta, cujas hipóteses são lançadas à legitimação pela experiência. A diferença consiste em que, no caso religioso, não se pode chegar, muitas vezes, a uma resposta em vida<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Nossa forma de abordagem da história se baseia no modelo moderno de interpretação, por isso defendemos a existência de uma ciência histórica apreensível pelos métodos de interpretação. Obviamente não estamos falando de verdades absolutas, mas da interpretação da objetividade do acontecimento que é possível alcançar através das fontes. Nossa visão da história como processo a partir da Teoria do Desenvolvimento Social de Norbert Elias, que ficará mais clara no corpo do trabalho, também fortalece nossa ideia sobre a “história como ciência”.

<sup>9</sup> Ibid. p. 74.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Ressaltamos que um debate mais aprofundado sobre a ciência pode ser encontrado na obra de Marcelo Gleiser, conforme

Percebemos que pensar o fenômeno religioso não é tão simples. Compreendê-lo, sem cair num determinismo ou mesmo preconceito cientificista, exige que conheçamos categorias e formas de pensamento inerentes à própria realidade religiosa. Do contrário, cremos não ser possível uma explicação aceitável da religião. Compreendê-la exige analisar as visões de mundo que permeiam quem faz parte da sua realidade: o fiel, o ser humano religioso.

Neste trabalho realizamos uma análise que busca fortalecer as especificidades do fenômeno religioso pentecostal, especialmente o assembleiano, por isso buscamos esclarecer como funciona o pensamento religioso e como este se articula com o mundo secular, quais as leituras que realiza desta realidade que é paralela à realidade religiosa; paralela do ponto de vista da explicação científica, mas que, no plano religioso, se manifesta como realidade única, por isso é também preciso conhecê-la como tal. Segundo Alves:

É fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano.<sup>12</sup>

A religião está inserida nas relações sociais e, embora se queira deixá-la em segundo plano, ou adjetivá-la pejorativamente, de alguma maneira ela exerce uma função<sup>13</sup> social que influencia a vida cotidiana dos indivíduos, por isso é também importante para a ampliação do conhecimento sobre qualquer meio.

Diante da importância qualitativa somada à relevância quantitativa do movimento pentecostal enquanto fenômeno religioso na sociedade brasileira, nos propomos a estudá-lo com o objetivo de apreender como se constroem e quais as implicações das representações que se fazem sobre o tempo dentro da IEAD para a sociedade contemporânea.

Não podendo ser compreendido de outra forma, senão como uma importante instituição dentro do fenômeno religioso brasileiro, a IEAD apresenta uma visão de mundo que, em alguns aspectos lhe é bastante peculiar. Diante das proporções tomadas pelo movimento, elencamos um elemento que nos ajudará a

---

apontamos na N.R. 5, da página 6 da presente dissertação. Tal debate é importante auxiliar na compreensão deste trabalho, ainda que não seja questão central do mesmo.

<sup>12</sup> Ibid. p. 14.

<sup>13</sup> O conceito de “função” é tratado mais detalhadamente no capítulo 1 deste trabalho, quando o utilizamos para definir como se constrói socialmente a ideia de tempo.

compreendê-la de forma mais clara, bem como ajudará a entender como se relaciona com a sociedade em que está inserida; este elemento é o tempo.

No intuito de contextualizar a importância da ideia de tempo com o meio em que foi constituída; no intuito de apontar como o tempo é percebido e, portanto, é um elemento socialmente construído e dependente da relação que exerce com a sociedade; e, no intuito de mostrar como ocorre a síntese temporal construída dentro das IEAD, dedicamos o segundo capítulo sobre a temática. Para tanto, realizamos uma abordagem histórica da constituição e construção da ideia geral de tempo que acompanhou a formação das sociedades ocidentais e, a partir daí, problematizamos a narrativa com ferramentas conceituais do sociólogo Norbert Elias, com quem compartilhamos a noção de que o tempo é, não um dado *a priori*, mas um fenômeno apreendido e explicado socialmente a partir da evolução e do desenvolvimento sociais, portanto, intimamente ligado à evolução dos conhecimentos socialmente construídos.

Compreender o tempo dentro da IEAD representa entender um elemento que lhe atribui identidade, pois engloba uma questão muito importante da sua cosmogonia: a concepção teleológica e escatológica do mundo. Diferentemente do que possa parecer, esta concepção não tem ecos apenas dentro da instituição, mas envolve a sociedade como um todo e é desta forma que a abordamos, pois o indivíduo religioso também está inserido na teia de relações que chamamos sociedade.

Para além da explicação sociológica para a justificativa da pesquisa, no entanto, temos um aspecto consistente que, por si só, poderia atribuir importância a esta análise. Este aspecto é a importância quantitativa bem representada nos números do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>14</sup>. Como a maior igreja evangélica/protestante do Brasil, a IEAD representa hoje quase 50% dos pentecostais brasileiros. Observemos alguns dados:

---

<sup>14</sup> IBGE

**Tabela 1 - Evolução quantitativa das religiões no Brasil entre 1970 e 2000.**

Ano	População	Católicos	Evangélicos de missão	Evangélicos pentecostais	Evangélicos total	Outras religiões	Sem religião
1970	93.470.306	91,8%	—	—	5,2%	2,5%	0,8%
1980	119.009.778	89,0%	3,4%	3,2%	6,6%	3,1%	1,6%
1991	146.814.061	83,3%	3,0%	6,0%	9,0%	3,6%	4,7%
2000	169.870.803	73,9%	5,0%	10,6%	15,6%	3,2%	7,4%

Fonte: Dados do IBGE, Censo/2000<sup>15</sup>.

Precisamos tomar os dados censitários com cautela, relativizando-os à luz de um pensamento crítico para construirmos uma explicação razoável e que represente algo próximo da realidade. Os dados acima revelam algumas informações importantes para nossa pesquisa. É possível perceber uma queda expressiva no número de católicos no decorrer dos anos, no entanto, confrontando com a realidade social, esse número talvez esteja incoerente, isso porque na década de 1970, por exemplo, a pesquisa não tenha sido muito clara quanto se apresenta no ano 2000. Isso está claro quando vemos como os evangélicos eram vistos, de forma unificada, não diferenciando os que tinham práticas pentecostais dos chamados tradicionais. Não que atualmente tenhamos uma pesquisa perfeita que responda todas as complexidades da realidade social, mas com o passar dos anos é perceptível que a metodologia e as categorias de pesquisa foram se aprimorando.

Quando observamos a evolução dos números do contingente católico, percebemos um decréscimo considerável em sua quantidade, algo em torno de 20% aproximadamente num período de trinta anos. Um olhar acrítico, sem levar em conta o contexto social em que os números se apresentam, pode nos levar a crer que a religião está passando por uma forte crise. No entanto, quando observamos que no Brasil o número de pessoas que se autodenominam católicas é bem maior do que o número que efetivamente pratica a religião, percebemos que a queda pode não ser tão acentuada quanto parece.

<sup>15</sup> Os dados analisados são do censo do ano 2000. Estamos aguardando por números mais próximos da realidade que, acreditamos, serão disponibilizados no Censo de 2010, mas estes dados não foram disponibilizados até o momento. Acreditamos, no entanto, a partir de estudos disponibilizados em revistas científicas, as quais utilizamos também para a crítica dos números, que há uma tendência de que os números continuem a se projetar conforme a última década, especialmente no que tange ao aumento do pentecostalismo e do grupo dos sem religião.

Algumas leituras se diferenciam a partir do modelo metodológico e das comparações que se utilizam para realizá-las. Alberto Antoniazzi, por exemplo, conclui que vivemos uma queda efetiva do catolicismo, e que esta queda é mais acentuada em algumas regiões do que em outras. Apontando o nordeste como possuindo, relativamente, a maior porcentagem de católicos, estabelece como explicação para o fenômeno a força da cultura e do catolicismo popular que permanece nessa região<sup>16</sup>.

Difere da leitura de Antoniazzi, Marcelo Neri<sup>17</sup>, para quem o catolicismo está em processo de estagnação. O autor se destaca por sua metodologia inusitada na abordagem do campo religioso brasileiro. Utilizando dados censitários aliados à Pesquisa do Orçamento Familiar de 2003 o autor analisa a questão a partir do método das ciências econômicas, especialmente a partir da lei de mercado da “oferta e procura”, aplicando-a ao campo das religiões.

Com ênfase mais quantitativa que qualitativa, ou seja, com menos ênfase nas questões socioculturais, Neri se debruça sobre os dados das duas pesquisas para expor sua interpretação acerca do panorama das religiões no Brasil; e mesmo quando olha para questões culturais, o faz sem levar em conta as diversas nuances que uma variável desse tipo pode apresentar. A partir daí o autor se volta aos levantamentos sobre contribuições, oferta e demanda de religiões e de líderes para formar uma explicação sobre a realidade. Segundo sua análise, estes dados estão intimamente ligados revelando dependências e relações de causa e efeito entre si. O dado sobre a estagnação numérica do catolicismo contraria as expectativas da maioria dos estudiosos das religiões frente a realidade cultural brasileira. A própria comparação entre o Censo e a POF parece-nos metodologicamente incompatível já que esta última é feita por amostragem.

Analisemos outro dado, o número dos “sem religião”, e perceberemos como se complexificou com o passar dos anos o campo religioso brasileiro. Este grupo, ao contrário do que possa parecer, não é composto apenas por ateus ou pessoas avessas à crença, mas também por pessoas que escolheram viver a religiosidade desvinculada das instituições. Em nossa opinião, esse dado necessita de melhores categorias para descrevê-lo, ou mesmo desvincular os dados,

---

<sup>16</sup> ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o censo 2000. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo: n° 02, 2003. p. 75-80.

<sup>17</sup> NERI, Marcelo C. *Economia das Religiões*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2007.

apresentados como se fosse a mesma coisa. Uma informação, no entanto, é possível apreender: simultaneamente a ascensão das religiões carismáticas, cresce também o número de pessoas que não querem manter vínculos religiosos. Esse dado também é resultado de uma evolução social e mudança cultural que permitiu às pessoas expressarem suas opiniões e crenças de forma mais aberta, se tornando cada vez menos discriminadas por isso.

As informações anteriormente relacionadas nos servem como modelo comparativo para outro dado importante e que merece mais atenção nesta pesquisa: a evolução do número de evangélicos. Há um aumento de três vezes desde a década de 1970, mostrando a forte adesão que este ramo do cristianismo tem tido nos últimos tempos. Alavancando este crescimento está o grupo dos pentecostais que, quantitativamente, não tem sido acompanhado por nenhum outro grupo religioso brasileiro. Em nossa pesquisa publicada sob a organização de Alfredo Oliva<sup>18</sup>, já havíamos destacado este crescimento, atribuindo-o ao dinamismo com que esta religiosidade se manifesta. Os elementos desse dinamismo provocam a adesão das pessoas ao movimento pentecostal, conforme os dados atestam. O sucesso do pentecostalismo está na sua capacidade de se adaptar à realidade social e à lógica do mundo contemporâneo, cuja materialização pode ser perceptível em alguns elementos como a teologia da Prosperidade<sup>19</sup>.

As interpretações dos dados estatísticos apresentados são apenas algumas de muitas outras possíveis. Mas uma informação dentro delas nos chama mais atenção, ela aponta para a importância do pentecostalismo no contexto social brasileiro. O crescimento expressivo deste movimento rebate o suposto declínio gradativo da religião que se pensou do lugar da ciência. Ao contrário, o que se percebe é que a adesão a uma religiosidade com as características do pentecostalismo, que envolve a prática cotidiana da religião, onde o fiel pode a todo momento estar em contato com o sagrado, independente da mediação de sacerdotes, médiuns ou gurus, revela que o sentimento de religiosidade está impregnado na sociedade contemporânea e que o ser humano religioso permanecerá ainda protagonista nesta teia de relações sociais que constituem o meio em que vivemos.

---

<sup>18</sup> RODRIGUES, Vinicius E. Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1999-2000). In: OLIVA, Alfredo S.; BENATTE, Antonio P. (Orgs.). Op. cit. p. 213-214.

<sup>19</sup> NERI, Marcelo C. Op. cit. p. 6-8.

No interior do movimento pentecostal, como a segunda igreja desse segmento a se implantar em território brasileiro, a IEAD se tornou a primeira em termos numéricos, alcançando 8.148.140 fieis de acordo com dados do IBGE/2000. Com quase 50% do total de pentecostais, possui uma quantidade surpreendente, mesmo quando pensamos no total de protestantes, que gira em torno de 26 milhões. Um movimento dessa amplitude merece nossa atenção e um estudo aprofundado sobre os elementos simbólicos sob os quais se fundamentam sua cosmogonia. Assim, buscando descobrir como esse grupo projeta suas convicções sobre a realidade, nos propomos a realizar este trabalho. Buscamos, sobretudo, entender como, e fundamentado em que, a IEAD elabora sua concepção de tempo. Em outras palavras, tentamos entender como a instituição exerce sua “função” doutrinadora e quais as possíveis consequências desta na vida dos fieis.

Deixemos claro, ainda, uma questão importante, embora a IEAD seja uma vertente do pentecostalismo, ela apresenta suas especificidades e, ainda que tentemos pensar o movimento pentecostal de forma homogênea, ele não se configura dessa maneira. Ao contrário, os diversos grupos ou instituições se distinguem a partir das estruturas de poder que lhes são inerentes e pelas representações de mundo que elaboram. Este último caso é o que buscamos aqui ao pesquisar o elemento tempo.

Para esta tarefa, consideramos pertinente a utilização do conceito de “representação” de Roger Chartier. Segundo o autor, o conceito permite:

[...] articular três modalidades de relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas, graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.<sup>20</sup>

As representações sociais, segundo o autor, são delimitações intelectuais que diferenciam o grupo em relação a outros grupos, produzindo práticas sociais que singularizam uma forma de ver e de estar no mundo, diferenciando cada segmento, posto que, para o autor, as representações são múltiplas e representam uma instância de afirmação do poder. A rigor, é uma forma

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p. 23.

de justificar determinada configuração social, bem como legitimar as escolhas e condutas dos indivíduos. Embora cada representação do mundo aspire à supremacia, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. É assim que vemos o tempo assembleiano, uma dentre as múltiplas formas de se pensar a duração, que carrega, na forma com que é concebida, as características da instituição.

O tempo assembleiano atua nas práticas cotidianas inserindo os fieis no tempo sagrado, forjando a ideia de verdade para sua cosmovisão, relegando às demais temporalidades socialmente construídas a adjetivação de falsas. Na valorização da afirmação da concepção de tempo da IEAD, contribui efetivamente as ideias de “teleologia” e “escatologia” presente no discurso da instituição sobre a história da humanidade. Esse discurso está presente nos periódicos que utilizamos como fontes primárias para o desenvolvimento deste trabalho.

Conforme anteriormente descrito, o segundo capítulo aborda o desenvolvimento da ideia de tempo que permeia o ocidente e como esta ideia é socialmente construída. Salientamos que não há apenas uma construção simbólica sobre o tempo no ocidente, no entanto, há uma que se apresenta com mais força e que, de certa forma, exerce maior influência sobre as sociedades que se formaram nessa parte do mundo: a visão de tempo teleológica judaico-cristã. Um breve histórico realizado, instrumentalizado pela análise de Norbert Elias sobre o conceito de tempo, nos permitirá compreender com mais clareza como ocorre o fenômeno de supremacia do tempo judaico-cristão, bem como nos indicará como este modelo de pensamento influencia sua forma secularizada, o tempo do progresso.

Tal análise se faz necessária para mostrarmos como entendemos a dinâmica da construção simbólica do tempo, como essa construção social mais ampla influencia a IEAD e como esta se apropria da visão e dos acontecimentos seculares revestindo-os em sua interpretação da aura de sacralidade através de suas representações sobre o tempo. A partir daí, entenderemos o tempo assembleiano também como socialmente construído, portanto, fortemente influenciado pelo meio e pela historicidade da sociedade em que se encontra, produtor de práticas sociais e justificador da sua cosmovisão e da forma de estar no mundo de seus fieis.

Sobre os periódicos, isto é, sobre a revista *Lições Bíblicas* e sobre o jornal *Mensageiro da Paz* dedicamos o terceiro capítulo, no qual trabalharemos

questões técnicas e de publicação como, tiragem, características das reportagens, ilustrações, circulação, entre outros. Uma análise crítica dessa natureza é importante quando trabalhamos com veículos midiáticos, pois pode revelar muito do que está inserido nos interesses e objetivos das publicações. Desprezar estas informações com certeza deixaria o trabalho incoerente.

Por fim, no quarto capítulo, trabalhamos com a pesquisa das fontes propriamente ditas. Buscamos entender como se apresentam as “representações do tempo” no discurso contido nas publicações apresentadas; buscamos ainda apreender, ainda que de forma hipotética, de que forma estas publicações podem construir no fiel a visão de mundo coerente com a instituição IEAD. Destacamos como as questões escatológicas estão inseridas nestas publicações e como se manifestam nos discursos através de medos e de esperanças. O trabalho de especialização *lato sensu* nos ajudou no diagnóstico preliminar desses elementos das representações temporais assembleianas, nossa tarefa aqui será penetrar ainda mais fundo em um período de tempo maior para compreender até que ponto esse discurso está inserido ou fundamentado na própria sociedade contemporânea.

## 2 O TEMPO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Há uma pergunta que continua à espera de resposta: como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma 'hora' é algo de invisível.<sup>21</sup>

Norbert Elias

A complexidade do “tempo” ou da “ideia de tempo”, elemento que abordaremos neste capítulo, está bem representada na indagação realizada por Elias em sua obra “Sobre o Tempo”. Atualmente há certa pretensão na possibilidade de medição ou mesmo de mensuração deste aspecto da vida social, pretensão que chega a uniformizar a concepção de temporalidade, eliminando assim, todas as singularidades do termo e particularidades dos grupos que o utilizam como ferramenta de regulação ou localização. Há, mesmo, certa confusão no entendimento do que seria de fato o tempo.

Que ele é importante, que se tornou indispensável para o mundo contemporâneo é inegável. No entanto, ao se tratar do tempo, esquece-se que estamos tratando de algo “abstrato” o suficiente para causar inúmeras confusões em sua compreensão. Abstrato não no aspecto de puramente ideal ou inatingível, mas no sentido de que esta abstração torna-se uma reflexão sobre algo que não se pode perceber pelos sentidos, mas que não é menos real por isso, algo que existe, mas que sua existência está inevitavelmente ligada à existência humana. Parece que tratamos de um elemento antagônico já que, segundo Elias, não se pode perceber o tempo pelos sentidos, ainda que ele seja inerente à existência dos seres humanos. No entanto, perceberemos nesta análise que o tempo é uma realidade antropológica, posto que as categorias pelas quais se identifica são categorias que não existiriam se não houvesse um ser dotado de todas as faculdades de reflexão presentes nos humanos.

Elias, cuja análise sobre o tempo é referência dentro das ciências humanas, fortalece nossa concepção, pois nem mesmo ele abordou a temporalidade – conceito absolutamente relacional, como os algarismos numéricos o são quando fazem referência a determinados elementos concretos – sem utilizar-se de elementos conceituais da própria realidade concreta dos seres humanos. Ao se referir ao tempo, Elias utiliza-se do símbolo “hora” que surge de um elemento concreto, o relógio, ligando seu exemplo a algo que compreendemos e que foi

---

<sup>21</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 7.

instituído socialmente para abordar algo que, em um primeiro momento, não existe, exceto quando ligado aos próprios seres humanos. O enunciado “uma ‘hora’ é algo de invisível” nos mostra como uma “hora” representa simbolicamente um elemento que, em primeira instância não existe, mas que passa a existência a partir do momento que o conceito passa a compor o capital simbólico da sociedade referenciando determinada coisa.

Compreender o tempo como um dado cultural e não como um elemento ideal e, portanto, tomado *a priori* é o principal objetivo deste capítulo. A partir dessa conceituação, poderemos entender e, a partir daí, tratar com maior clareza como se dão as representações do tempo na IEAD. Para o leitor também se tornará mais claro este trabalho quando, senão convencido, ao menos esclarecido sobre como entendemos a formação social da ideia de tempo e como está inserida no universo simbólico das sociedades que a forjam. Tal compreensão exige que adentremos um pouco à história da sociedade ocidental, bem como entendamos a dinâmica social e esta em relação ao fenômeno religioso. Para esta tarefa, elencamos três autores que nos são referências acerca da temática do tempo, Gerald James Whitrow<sup>22</sup>, Norbert Elias<sup>23</sup> e Mircea Eliade<sup>24</sup>, além de outros que, no decorrer da pesquisa serão utilizados de forma complementar para melhor compreensão da nossa proposta.

Como é possível perceber nas temáticas das obras dos autores com quem estamos dialogando neste capítulo, trabalharemos o tempo e focalizaremos sua ótica dentro do fenômeno religioso entrelaçando-o com a questão do desenvolvimento social, pois compreendemos que um está intimamente ligado ao outro, embora aquele, estando inserido neste, seja de forma mais ampla por ele influenciado. Assim, antes de pensarmos propriamente o fenômeno religioso, precisamos pensar a relação indivíduo-sociedade, minuciosamente abordada na obra de Elias, e precisamos pensar essa relação em função de sua influência na formação da ideia de tempo nas sociedades.

<sup>22</sup> WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Nesta obra, o autor nos traz um histórico esclarecedor e muito didático sobre a ideia de tempo e como ela se forma a partir das relações entre física/natureza e sociedade no processo de evolução social.

<sup>23</sup> ELIAS, Norbert. Op. cit. “Sobre o Tempo” é uma obra esclarecedora no sentido de colocar o tempo como imediatamente vinculado ao desenvolvimento social, resultante das formações simbólicas de cada sociedade.

<sup>24</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. O livro pode ser considerado uma introdução à história das religiões. Cabe ressaltar que não trata exclusivamente da questão temporal, mas dedica um capítulo para o tema “O tempo sagrado e os mitos” cuja abordagem serve de ponte para uma concepção do tempo socialmente construído e adaptado à concepção de determinado grupo religioso.

De antemão esclarecemos ao leitor que, a partir de nossas pesquisas, nos convencemos de que o tempo é uma realidade socialmente constituída, portanto uma “construção social”, sem reserva alguma ao termo construção, mas vendo-o como realmente aparece no léxico, ou seja, como “composição, elaboração, fabricação, edificação” como “conjunto de técnicas que permitem construir”<sup>25</sup>, técnicas imanentes ao próprio desenvolvimento social que permitem elaborar, fabricar e tornar tal ideia sólida, de forma a constituir o arcabouço simbólico de cada sociedade. A sociedade, por sua vez, na obra de Elias aparece como um elemento regulador do indivíduo, mas esta relação é muito complexa. Entende-la nos ajudará a compreender também a construção da ideia de tempo.

Seria um equívoco pensarmos esta relação em termos tão simples e sintéticos como vemos a sociedade *apenas* como reguladora do indivíduo. Embora Elias nos aponte que se deve pensar a “estrutura do todo” para compreender as “partes individuais”, este todo não é, de forma alguma, inerte à influência do individual, mas este envolvimento se dá em termos de “relações e funções”, posto que só existe sociedade a partir da junção das partes individuais que exercem, cada qual, sua função dentro do todo social e que contribuem para sua formação e estruturação<sup>26</sup>. Os indivíduos, por uma necessidade imanente à própria humanidade a que pertencem, moldam seus comportamentos e vinculam seus desejos aos das outras pessoas, exercendo assim determinadas funções a partir daquilo que se “espera” ou ao qual ele se propôs a exercer dentro do “*continuum* social”. A esta autoregulação de comportamento, que muitas vezes se dá em relação às necessidades, desejos, proibições, punições ou mesmo sentimentos em relação à sua realidade, Elias dá o nome de “*habitus* social”, que, em suma, é o processo de individualização<sup>27</sup>.

O *habitus* social, em primeira instância, leva o indivíduo a exercer suas funções criando na sociedade este cosmo de dependência que o autor entende como “rede de funções”. A rigor, as funções podem ser exercidas em qualquer âmbito social tanto material como imaterial, e o indivíduo a exerce como aluno, trabalhador, irmão, cônjuge, amigo, filho, contribuinte, etc. É esta “rede de funções”

---

<sup>25</sup> NOVA CULTURAL. *Larousse Cultural: Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

<sup>26</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 25, 28.

<sup>27</sup> *Ibid.* p. 43.

que entendemos como sendo a “sociedade” e na qual também se exerce um sentimento ou mesmo ações sobre e sob o tempo.

Conforme compreendemos a sociedade, entendemos também o indivíduo que a compõe, pois é resultado dela em primeira instância, mas também a constitui e, portanto, exerce sobre ela certa influência. Para compreendermos isso é preciso novamente nos voltar ao conceito de “função” de Elias. O que caracteriza a função de cada indivíduo dentro da sociedade é o grau de autonomia que ele desfruta, mas que em todos os casos é relativa, ou seja, a autonomia que cada indivíduo exerce dentro da sociedade variará de acordo com cada estrutura ou grupo social ao qual ele pertence, nunca será ilimitada. Um indivíduo jamais poderá, em uma sociedade industrial, realizar suas atividades de trabalho, por exemplo, fundamentando-se no tempo da natureza. Não será o cantar do galo ou o alvorecer que determinará o horário do começo do trabalho, nem o sol no centro do céu que determinará o tempo do almoço, mas será sempre o horário do relógio que indicará os tempos de cada atividade. Tal indivíduo das sociedades industriais poderá até se negar a trabalhar ou a manter regularidade nos horários, mas a coerção social, elemento imanente à própria sociedade, não lhe permitirá manter tal atitude por muito tempo. Ele terá que se adequar à “margem de decisão” que lhe é acessível<sup>28</sup>.

A esta autonomia que classificamos como “relativa” chamaremos aqui de elasticidade social que, em nossa análise, constitui-se como fator produtor da historicidade<sup>29</sup>, dando ao indivíduo determinadas possibilidades de ação, mas que não são, de maneira alguma, ilimitadas. As limitações e possibilidades exercidas socialmente pelo indivíduo são o chamado “processo de individualização” e remetem à compreensão do que é a sociedade; e o indivíduo é, em última instância, um processo em constituição dentro do meio social. Compreender isso é fundamental para que entendamos como o tempo, ou a ideia de tempo se “naturaliza” nas visões dos sujeitos pensantes, tornando-os totalmente dependentes dela, tornando-os apologistas dessas visões e transmissores das mesmas como a realidade por excelência.

A visão escatológica, que abordaremos com maior detalhe no capítulo que trabalharemos especificamente com as “Representações do tempo no discurso

---

<sup>28</sup> Ibid. p. 49.

<sup>29</sup> Compartilhamos do pensamento de Agnes Heller de que toda historicidade só pode ser produzida pelas ações dos indivíduos no espaço e no tempo; sem os indivíduos, ou algum ser que possua as mesmas capacidades intelectuais, não haveria história. Conf. HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

institucional ‘assembleiano’”, é bastante ilustrativa neste sentido, visto que é colocada como natural e arbitrária para a constituição da identidade e da cosmovisão cristã pentecostal assembleiana. Natural, pois se apresenta como a realidade por excelência, como a obra e o plano do Criador; e arbitrária, pois se julga capaz de englobar o tempo secular, impondo-lhe suas determinações enquanto acontecimento histórico. Na prática isso funciona a partir da vida dos indivíduos – os fieis – que acreditam e disseminam a cosmovisão assembleiana em sua vivência social.

Entender a relação sociedade-indivíduo sob o olhar de Norbert Elias parece, em uma leitura superficial de sua obra, compreendê-los de forma separada em que uma categoria (sociedade) é inúmeras vezes mais poderosa que a outra (indivíduo). Cairíamos num equívoco se pensássemos dessa maneira; equívoco maior se fundamentássemos nossa análise sobre este baluarte. Pensar estes conceitos implica, indubitavelmente, pensá-los como “relação de [ou entre] funções”, como elementos que se complementam já que não existe sociedade que não seja composta de indivíduos, e não existem indivíduos que não pertençam a uma sociedade. Segundo Elias:

Aquilo que muitas vezes é conceitualmente separado como duas substâncias diferentes, ou duas camadas diferentes dentro do ser humano – sua ‘individualidade’ e seu ‘condicionamento social’ – não passa, na verdade, de duas funções diferentes das pessoas em suas relações recíprocas, nenhuma das quais pode existir sem a outra. Trata-se de termos referentes à atividade específica do indivíduo em relação a seus semelhantes e a sua capacidade de ser influenciado e moldado pela atividade destes; referem-se à dependência que os outros têm dele e a sua dependência dos outros<sup>30</sup>

O que chamamos individualidade é, para o autor, o exercício de relação e autoregulação entre um indivíduo e outro e destes em relação à sociedade a que pertencem, e estas relações, para acontecerem, dependem da apreensão dos indivíduos dos símbolos sociais inerentes ao meio ou ao grupo social a que pertencem. É esta capacidade de aprender e interiorizar símbolos o que torna os seres humanos diferentes dos outros seres vivos. O tempo é um desses símbolos, que emerge dentre tantos outros e que, para nós, tem valor especial de análise<sup>31</sup>.

Classificar o tempo como símbolo socialmente construído implica analisá-lo sob diversos aspectos, utilizando-se de instrumental conceitual de

<sup>30</sup> ELIAS, Norbert. Op. cit. p. 56.

<sup>31</sup> Id. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 20.

diversas disciplinas; caso contrário, corremos o risco de cair numa análise extremamente superficial. Não que tenhamos a pretensão de esgotar o tema; nem mesmo acreditamos nesta possibilidade; e o próprio espaço que aqui se destina a ele não nos permite um trabalho muito denso. Queremos apenas entender sob quais aspectos uma compreensão da temporalidade se torna mais eficaz para analisarmos o fenômeno religioso “Assembleia de Deus”. No entanto, isso não nos isenta da responsabilidade de apresentarmos uma análise satisfatória do assunto. Tal tarefa, cremos, exige uma abordagem do tempo que se valha da compreensão das relações indivíduo-sociedade e natureza-sociedade. Sobre o primeiro caso já discorreremos aqui; o segundo caso nos abrirá a porta para um debate sobre a historicidade do tema.

Deixemos claro, ainda, que uma análise apenas do ponto de vista da história e da historiografia seria inconclusiva. Defendemos uma compreensão que se fundamente na instrumentalidade das diversas ciências humanas e que aborde a questão do tempo não apenas em seu aspecto físico que nos é mais próximo, cuja materialidade está nas horas do relógio e no tempo cronológico. Mas que se entenda o mesmo como resultado de um processo evolutivo<sup>32</sup> das sociedades cuja relação tempo natural-tempo social está intimamente ligada. Em outras palavras, assim como não se pode separar indivíduo-sociedade, também não se pode separar natureza-sociedade<sup>33</sup>.

Uma discussão interessante que toca este aspecto da compreensão do tempo foi levantada recentemente por Julio Aróstegui em sua obra *A pesquisa histórica*<sup>34</sup>. O autor defende a existência de um “tempo histórico” objetivo constituído pela “mudança” e que deve servir de ferramenta para a construção do discurso historiográfico. Embora reconheça as relações entre o indivíduo e as “percepções” do tempo para estes, o autor coloca estas relações como secundárias no processo de compreensão e instrumentalização do tempo para o historiador. Claramente, Aróstegui tenta defender, em seu discurso sobre a historiografia, a existência de

---

<sup>32</sup> O conceito de “evolução” aqui empregado deve ser entendido fora dos juízos de valor que se fazem sobre este e que permearam o seu emprego nos séculos XVIII e XIX, que incluem uma visão voltada para o ideal de progresso, na acepção mais etnocêntrica e determinista do termo. Ao contrário, neste trabalho o conceito é entendido a partir de uma “abordagem sociológica evolucionista que tome por regra a simples evidência dos fatos, quer ela ateste um progresso ou um retrocesso”, em outras palavras, é como se desenvolve a dinâmica de uma sociedade. *Ibid.* p. 75.

<sup>33</sup> *Id.* *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 38.

<sup>34</sup> ARÓSTEGUI, Julio. Sociedade e tempo. A teoria da história. In: *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP, Edusc, 2006. p. 271-288.

uma separação bem delineada entre o conhecimento histórico e o de outras áreas das ciências humanas.

Compreendemos que, embora se constitua em uma forma justa de defesa de seu ofício, Aróstegui, ao compreender o tempo apenas como um dado objetivo composto pela mudança e, destacando para o conhecimento histórico a necessidade de reconhecimento de um tempo histórico separado de outras formas de tempo, reduz um tema tão amplo como este atribuindo-lhe quase que uma univocidade. Pensamos que o tempo deve ser entendido em suas especificidades, segundo as representações que cada grupo social atribui. Destacamos que não há apenas *um* tempo, mas que, havendo uma multiplicidade de “tempos” ele se manifesta sempre no social como uma construção, portanto, levando em consideração a interdisciplinaridade e a inter-relação discursiva entre as áreas.

Inserido neste debate cabe relacionarmos, também, certa resistência de Elias à utilização da história como instrumento de conhecimento do passado e da sua capacidade de se analisar satisfatoriamente o tempo. Em sua obra, que também nos serve de norte, Elias trava um debate intenso com a história, relegando-a a capacidade de produzir apenas análises fragmentárias do social. Uma análise sobre o tempo a partir da historiografia, se levada em consideração a opinião do autor, seria insuficiente e, mesmo, anacrônica, pois para Elias a ciência histórica é incapaz de travar um debate evolutivo a partir do desenvolvimento da sociedade.

Outra crítica muito presente na obra se manifesta no questionamento do autor sobre o privilégio que a história desfruta em relação às outras ciências quando se trata do estudo do passado. Para Elias, a ciência histórica não possui o monopólio do conhecimento e da análise do passado, existem outros meios pelos quais se podem chegar ao conhecimento da “história”, dentre as quais o autor relaciona a sociologia evolutiva ou sociologia do desenvolvimento que, como não poderia ser diferente, é matriz fundamental de sua abordagem<sup>35</sup>. O maior problema apontado pelo autor em relação à abordagem dos historiadores diz respeito à narrativa. Para ele a história como narrativa dá espaço para a imaginação que não seria saudável para o conhecimento científico.

Como estamos realizando um trabalho historiográfico que se utiliza enfaticamente do ideário sociológico desenvolvido por Elias acerca do tempo, é

---

<sup>35</sup> Todo o debate sobre a História e toda a crítica de Norbert Elias acerca do estatuto e da competência da ciência histórica está contido nas seções 42 e 43 da obra “Sobre o Tempo”. Id. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 147-152.

preciso inserir neste debate a concepção do autor sobre as competências da história e abordá-las criticamente. De outra forma este trabalho estaria vulnerável ao utilizar-se da ferramenta conceitual de um sociólogo que duvida da capacidade da ciência histórica de produzir um pensamento satisfatório sobre o tempo e de inserir este debate no próprio processo de desenvolvimento da sociedade.

Apesar de toda genialidade que Elias mostra dentro da sociologia, campo do conhecimento no qual é um dos grandes nomes e com méritos inquestionáveis, sua visão sobre a história é, no mínimo, simplista. A obra “Sobre o Tempo” foi escrita nas décadas de 1970 e 1980, época em que o debate historiográfico já estava bem avançado na Europa acerca do estatuto, competência e da cientificidade da história. Quando o autor escreve as seções do livro onde faz a crítica à história, vive o ano de 1984, portanto, ano em que, na Europa, a história cultural está em ascensão e trava debates importantíssimos sobre a questão da cultura e sua influência no campo social. Parece-nos que, ao criticar a história, Elias ainda está impregnado de valores positivistas do século XIX e da pretensa ideia de se produzir um conhecimento absoluto do social.

[...] embora a atenção que os historiadores prestam aos detalhes dos acontecimentos esteja submetida a um rigoroso controle profissional, a tarefa que lhes cabe, de reunir todos os fragmentos num quadro coerente, é objeto de um controle muito menos rigoroso. Suas sínteses, com isso, assumem a forma de descrições narrativas, nas quais fatos fundamentais bem estabelecidos são ligados de um modo que é estimulante para a imaginação, porém muito menos garantido.<sup>36</sup>

A possibilidade de se produzir um conhecimento que contemple “todos os fragmentos”, o que em outras palavras significa dizer o “todo social” já havia sido superada pelo debate da história cultural. Produzir um conhecimento do todo enquanto processo é um disparate que vemos na proposta de Elias, posto que, mesmo ao abordar a questão do tempo, o faz não em um todo explicativo, mas apenas do ponto de vista da sociedade ocidental, de modelo europeu e industrializada, ainda que sua análise conceitual sobre os aspectos sócio-psicológicos sobre o tempo seja bastante satisfatória. As ligações “satisfatórias” que o autor tem como essenciais parece não suportar as influências que a cultura oriental teve dentro do próprio desenvolvimento da ideia de tempo no ocidente, mas

---

<sup>36</sup> Ibid. p. 148. Grifo nosso.

que não são destacadas como merecem considerando a larga influência que tiveram em nossa sociedade<sup>37</sup>.

Ao examinarmos a sociedade do ponto de vista que propomos para esta pesquisa, estamos tratando com aspectos culturais, dos quais elencamos elementos que nos ajudarão a produzir conhecimento sobre *um* aspecto do social. Desse ponto de vista, mas não pejorativamente como vê Elias, desenvolvemos um conhecimento fragmentado, mas isso diante da impossibilidade de se produzir um conhecimento absoluto. O conceito de cultura não possui uma univocidade conforme nos afirma Falcon, mas constitui um campo semântico que, como tal, está em “contínuo processo de ampliação e complexificação”<sup>38</sup>, dessa forma, trabalhamos a cultura inserida no processo social que, em última instância, constitui-se como elemento imanente ao próprio processo já que consideramos que está em todo lugar.

O trabalho do historiador, diferentemente do que Elias imaginou, especialmente do historiador da cultura, vai além dos fragmentos narrativos temporais e se vincula ao próprio processo de apropriação e transmissão da cultura, às transformações e permanências; portanto, ao próprio desenvolvimento ou evolução das sociedades conforme se preconiza desde os *Annales*.

Nossa análise do tempo se torna legítima neste trabalho do ponto de vista da história cultural quando vinculada à ideia que dela fazemos, isto é, à história da cultura como um campo que se abre a multidisciplinaridade por abordar este elemento tão amplo que é a cultura, e que abrange toda a forma de viver da sociedade<sup>39</sup>.

O tempo, enquanto elemento cultural é artificial, ele se desvincula de sua naturalidade (física dos processos naturais) quando é interpretado e vivido no âmbito das sociedades constituídas pelos seres humanos. De outra forma o tempo não existiria, pois se dá a existir por ser um dado que passa pela interpretação e vivência das pessoas, tornando-se, portanto, apenas compreensível quando visto como um dado *a posteriori*. Em outras palavras, o tempo é um tempo socialmente construído, subordinado às características sócio-psicológicas dos indivíduos e às formações sociais que constituem, fugindo da concepção de um tempo estritamente

---

<sup>37</sup> Sobre as influências das culturas orientais na concepção de tempo do ocidente Whitrow traz uma narrativa que ajuda-nos a entender melhor como se deram. WHITROW, G. J. Op. cit. p. 104-113.

<sup>38</sup> FALCON, Francisco. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 59-60.

<sup>39</sup> Ibid. p. 89.

“histórico” de Aróstegui, mas composto pelas objetividades do natural e subjetividades dos indivíduos pensantes.

Dito isto, nos deparamos com um problema na interpretação do tempo que nos remete à sua gênese. O problema é justamente o de encontrar uma matriz interpretativa para a ideia contemporânea de tempo. Diante da problemática de difícil solução, elaboramos, de forma esquemática e cronológica, um relato que nos ajudará a compreender o tempo, especialmente o tempo ocidental e suas bases sob as quais se assentam a cosmogonia judaico-cristã que, por sua vez, compõem a cosmogonia do pentecostalismo brasileiro do qual a IEAD é parte integrante.

Nossa ideia contemporânea predominante acerca do tempo tem, segundo cremos, sua gênese na sociedade judaica e em sua concepção linear da história como uma história teleológica. Já entre os judeus percebemos uma visão da história como um desígnio divino, um espaço para o desenrolar dos planos de Javé<sup>40</sup> na Terra. Embora Whitrow nos leve a pensar esta teoria da gênese da ideia de tempo com muitas reservas<sup>41</sup>, cremos que há razões suficientes que corroboram para o fortalecimento de tal entendimento.

Colabora para a solidificação do ideal de tempo teleológico judaico o período de domínio babilônico sobre seu povo e território. Com a cidade de Jerusalém e o Templo sagrado destruídos, com a deportação de muitas das famílias judaicas mais nobres para a Babilônia, restava ao povo judeu apenas se lamentar e esperar por um tempo de restauração, em que Javé iria honrar a escolha que fez deste povo entre todos os outros povos existentes. Segundo Whitrow, os judeus

acreditavam que, se a nação se tornasse mais zelosa no serviço de Deus, haveria maior esperança da libertação. Já havia profecias de que esta ocorreria em alguma data futura, [...] mas esta crença foi fortalecida pela promessa de um Messias que desafiaria os inimigos de Israel e restauraria a nação em sua glória passada.<sup>42</sup>

O propósito de Javé na história seria, então, a salvação e exaltação dos judeus, o que caracteriza uma visão essencialmente teleológica da existência humana. Esta se fortalece em meio ao sofrimento e à crença de que os judeus são qualitativamente superiores aos demais povos por serem escolhidos de Javé (considerado o único Deus) e instrumentos de propagação de seu nome<sup>43</sup>. Um

<sup>40</sup> Javé deve ser entendido como o nome hebraico para a concepção do Deus cristão.

<sup>41</sup> WHITROW, G. J. Op. cit. p. 66, 67 e 81.

<sup>42</sup> Ibid. p. 67.

<sup>43</sup> A cosmogonia do povo de Israel tem como fundamento a sua escolha a partir da eleição do patriarca Abraão e da bênção de

elemento que corroborou para os rumos tomados pela cosmogonia judaica foram, em nossa concepção, as profecias. Elas produziram a certeza nestes indivíduos de que a divindade estava no controle e, se eles estavam passando por um momento de infortúnio, este momento serviria de punição pelo distanciamento de Javé e de aprendizado para uma vida mais íntegra perante a divindade.

Pensar-se como povo escolhido representava pensar o passado vivido, e conforme legitimavam sua identidade a partir da história, viam-se perante um futuro promissor com a promessa de um tempo de libertação e felicidade plena. Javé, responsável direto pela promessa, transcendia na cosmologia judaica todos os fenômenos, inclusive o tempo<sup>44</sup>. Vale lembrar que transcendência e supremacia divina é, também, uma característica da teologia cristã contemporânea.

A história dos judeus foi alvo de inúmeras transformações ao longo dos séculos. Com ela sua concepção de tempo. Está claro, aqui, que não estamos realizando um trabalho exaustivo de cronologia histórica sobre o tempo. Durante todo o processo de transformações que o povo de Israel passou em sua trajetória, resultantes de dinâmicas políticas, sociais, naturais, etc., também seu ideal de tempo sofreu influências, algumas das quais ainda necessitam de maiores pesquisas. Não nos está claro, por exemplo, quando os judeus inseriram em sua cosmogonia a crença na imortalidade. Esta, por sua vez, é um elemento importantíssimo para o desenvolvimento da ideia de tempo judaica que influenciou o cristianismo.

Embora pareça-nos hoje que a imortalidade seja uma crença imanente ao próprio judaísmo e, conseqüentemente, ao cristianismo, uma análise da história dos judeus nos mostrará que, mesmo à época de Cristo, havia segmentos do judaísmo que não aderiam a esta crença, como era o caso da seita dos saduceus<sup>45</sup>. Entender este elemento cultural seria importante para entendermos onde e como se fundamentam as crenças cristãs na imortalidade da alma, portanto, uma análise mais pormenorizada sobre o conceito faz-se necessário.

---

sua descendência por Javé e da promessa de um território que lhes seria sagrado, pois era um presente da divindade a eles. Uma melhor compreensão desta história e do período do cativo judeu na Babilônia será possibilitada a partir da leitura dos seguintes textos da Bíblia Sagrada: a) escolha de Abraão e eleição de sua descendência: Gênesis caps. 12 e 15; b) Destruição de Jerusalém e o cativo judeu: Jeremias cap. 52; Salmo cap. 137, cap. 126, estes últimos permitem uma compreensão mais elevada dos sentimentos dos israelitas pelo cativo babilônico.

<sup>44</sup> WHITROW, G. J. Op. cit. p. 68.

<sup>45</sup> Os saduceus eram membros de uma vertente do judaísmo formada, em sua maioria, por aristocratas judeus cuja doutrina se destacava por não crer na ressurreição do corpo, na imortalidade e nem no mundo espiritual. Conf. Mateus 22:23-33; BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000; e BÍBLIA. Português. *Seitas Judaicas*. In: *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1380.

Uma afirmativa em todo este contexto, no entanto, parece estar clara para o desenvolvimento desta pesquisa: o cristianismo herdou aspectos fundamentais da visão de tempo do judaísmo. Isto se deve sem dúvida alguma ao modo como teve início este movimento que, em princípio, ficou conhecido com “seita do Nazareno”<sup>46</sup> e que absorveu muito da cultura judaica de onde também eram seus líderes fundadores. Dentre os aspectos que contribuíram para a formação da compreensão de tempo do cristianismo, Whitrow destaca o próprio contexto social que legou aos seguidores da nova religião a esperança na libertação da opressão a partir da redenção por um Messias prometido<sup>47</sup>.

Elemento claramente retirado do judaísmo, a crença no Messias representava a esperança em um futuro melhor, de liberdade e felicidade que, de forma esquemática, manteve certa ligação entre cristianismo e a história judaica preservando a crença neste povo como nação escolhida para trazer ao mundo o Filho de Deus, embora tempos depois e por muito tempo, quando a igreja se tornou romana, atribuiu-se-lhes o adjetivo pejorativo de traidores e assassinos de Cristo.

O pentecostalismo assembleiano, como ramificação da Reforma, portanto, religião de orientação cristã confirma a importância da história dos judeus para sua cosmogonia. Ao analisarmos a revista *Lições Bíblicas*, uma das fontes primárias desta pesquisa e instrumento de doutrinação da IEAD<sup>48</sup>, atestamos em muitos momentos a importância da história judaica enquanto povo escolhido para que dele nascesse o Salvador do mundo. Segundo Valdir Bicego, escritor e comentarista da revista, o patriarca hebreu Jacó, próximo à sua morte, ao escolher um de seus filhos e sua descendência como herdeiros da supremacia política sobre seus irmãos – que, segundo a tradição, viria a formar a nação judaica – profetizou a Judá que este ascenderia à pessoa de Cristo. Segundo o autor,

coube à tribo de Judá uma promessa muito especial, [...] dela surgiria um reino [...] ‘até’ que viesse o esperado Redentor, ao redor do qual congregariam os povos. Este libertador é o Senhor Jesus, o Messias prometido [...] que Deus enviou ao mundo nos últimos dias.<sup>49</sup>

<sup>46</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. Tradução SBB. São Paulo: Vida, 2000. p. 893.

<sup>47</sup> WHITROW, G. J. Op. Cit. p. 72.

<sup>48</sup> Sobre as fontes primárias utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos uma análise pormenorizada no capítulo 3.

<sup>49</sup> BÍCEGO, Valdir N. *Revista Lições Bíblicas: 2º Trimestre (Mestre): Calvário, o lugar da salvação*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 19. Mais detalhes e esclarecimentos sobre a importância da história de Israel para a IEAD podem ser encontrados também em: SOARES, Esequias. *Revista Lições Bíblicas: 2º Trimestre (Mestre): Romanos: o evangelho da justiça de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 17-23, 61-67; SOARES, Esequias. *Revista Lições Bíblicas: 2º Trimestre (Mestre): Oséias: a restauração dos filhos de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 90-96. Os textos abordam de forma sintética a história política-social de Israel, mostrando como esta se liga à história da religião e da religiosidade dos judeus apontando, ainda, o

O nascimento de Jesus Cristo e a crença nele como Messias vindo de Deus denota à temporalidade cristã o aspecto linear que lhe é tão característico, aspecto também herdado pelo pentecostalismo contemporâneo. A história do mundo para os cristãos tornou-se, dessa forma, uma cosmogonia divina, o palco para o desenvolvimento do projeto divino da salvação da humanidade. Segundo Whitrow, “o nascimento de Jesus passou assim a ser encarado como um divisor do tempo em duas partes, pois encerrava a primeira fase do desígnio divino e iniciava a segunda”<sup>50</sup>, o que em outras palavras significa dizer que representava o fim dos privilégios do povo judeu e o início da fase da igreja, cuja finalidade era promover a redenção da humanidade.

Enquanto o judaísmo guardou para si a sua fé e o monopólio do relacionamento com Deus, os cristãos transformaram a crucifixão em um evento universal e arbitrário, englobando todos os seres humanos, independente da adesão ou não à sua fé. Como eventos únicos, o nascimento e a morte de Cristo corroboraram com a solidificação de uma visão linear da temporalidade no interior do cristianismo, pois colocou a história e os seres humanos perante uma escolha inevitável: aceitar ou não aceitar esta religião como verdadeira. Desta forma a visão histórica do tempo como um “tempo fundamentalmente cristão” aliado ao sucesso dessa religião no ocidente, produziu a ideia de história como hierofania<sup>51</sup> divina para todos os seus seguidores.

O apóstolo Paulo, um dos grandes responsáveis pela disseminação do cristianismo no primeiro século, cujos escritos influenciaram e ainda influenciam as gerações cristãs, abordou a questão do tempo da história como manifestação divina da seguinte forma: “Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei, a fim de redimir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos.” (Gálatas 4:4-5)<sup>52</sup>. Corroborava ainda para esta concepção temporal o texto que podemos considerar capital para o cristianismo: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho unigênito, para

---

papel dessa etnia e de sua história na Salvação da humanidade.

<sup>50</sup> WHITROW, G. J. Op. Cit. p. 72.

<sup>51</sup> Tomamos este conceito emprestado de Eliade. O autor nos dá uma ótima definição sobre ele, o que facilitará nossa compreensão do assunto: “O homem toma conhecimento do sagrado porque este *se manifesta*, se mostra como qualquer coisa de absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, porque não implica qualquer precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela”. Conf. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 13. Grifo nosso.

<sup>52</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000. p. 934.

que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16)<sup>53</sup>. Nestes textos os escritores inserem a história secular no plano divino, mostrando que tanto judeus (os que “estavam debaixo da lei”) quanto o restante do mundo estão sob o domínio do projeto divino de salvação, independentemente das vontades dos indivíduos, de forma que, aqueles que não se enquadrarem no projeto divino a partir de suas práticas cotidianas estarão condenados a “perecer”.

Veira, um dos comentaristas da Revista “Lições Bíblicas”, resume em uma sentença como a IEAD se apropria da representação cristã da história e insere em seu discurso de doutrinação o modelo fatídico de tempo em que o fiel está inserido:

O pecado impulsionou o homem para o meio de densas trevas. Por si só, jamais encontraria o caminho da salvação, por nada enxergar. Jesus, então, raiou como a luz da aurora e iluminou as nossas vidas que, agora, marcham triunfante para as mansões de eterna claridade.<sup>54</sup>

A manifestação corpórea de Cristo na Terra simboliza dentro do pensamento cristão pentecostal, assim como dentro da cosmovisão mais ampla do cristianismo, a manifestação divina do próprio Deus se fazendo homem para iluminar o caminho dos fieis e fazerem-nos ver o modelo de vida a seguir, ou seja, uma prática cotidiana que, conforme se acredita, seja “parecida” com Jesus, que conduza os indivíduos à salvação, à “eterna claridade”, pois, segundo Vieira, “não há outro meio de salvação, a não ser por intermédio de Jesus. Ele é o nosso elo de ligação com Deus, Pai, e somente por seu intermédio alcançaremos o ‘podium’ da vida eterna”.<sup>55</sup>

O fortalecimento da cosmovisão e da compreensão cristã sobre o tempo no ocidente foi possível, em grande parte, devido à institucionalização da Igreja. Quando esta se torna romana com Constantino, ganha um grande aliado para a disseminação da sua doutrina. Assim, falar da temporalidade cristã não seria possível sem tocarmos em personagens capitais para o estabelecimento e fortalecimento do catolicismo. Um desses personagens, cuja contribuição se sente até hoje é Agostinho de Hipona.

Whitrow, a partir da análise de um fragmento da “Cidade de Deus”, nos mostra que no pensamento de Santo Agostinho o “tempo e o universo eram

<sup>53</sup> Ibid. p. 849.

<sup>54</sup> VIEIRA, Antonio M. N. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Evangelho de João: o retrato do Verbo. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 8.

<sup>55</sup> Ibid.

inseparáveis, um sendo essencial ao outro”<sup>56</sup>. Por tempo podemos entender a própria existência dos seres humanos e por universo compreendemos a história do mundo. Em suas “Confissões”, Agostinho surpreende ainda ao abordar o estatuto do tempo sob a dependência da reflexão humana em pleno século V:

[...] Que é, pois, o tempo? [...] Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fez a pergunta, já não sei.<sup>57</sup>

Ainda que não tivesse uma definição sistematizada e categórica sobre a questão do tempo, o texto de suas *Confissões* traz algo surpreendentemente interessante ao colocar o tempo como ideia dependente do olhar humano. Em nossa opinião isto é fundamental para uma compreensão mais próxima da realidade, pois somente quando entendido como uma construção social, o tempo pode ser inserido em um debate de cunho científico.

O presente texto nos mostra ainda que Agostinho insere o debate acerca da temporalidade, de forma surpreendente, numa nova etapa no desenvolvimento das sociedades, uma etapa que aponta para maior valorização do pensamento humano: “atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente.”<sup>58</sup>

Em ambas as obras, Agostinho se mostra interessado na questão do tempo, vinculando-o sempre à teologia cristã e submetendo o tempo secular aos desígnios do tempo divino de forma que ambos tornam-se apenas um e se desenvolvem como processo linear e teleológico cujo fim é o estabelecimento da salvação divina. Nesse sentido, o pensador e um dos pais da igreja, nega categoricamente toda visão cíclica da história, pois esta seria, segundo se vê, a negação da finalidade soteriológica do tempo:

Alguns dos filósofos deste mundo, para resolver semelhante dificuldade [compreender a suposta circularidade do tempo, conforme o título do texto], que, segundo eles, não pode e não se deve resolver doutra maneira, pensaram em admitir circuitos de tempos, em que na natureza se renovariam e repetiriam sempre as mesmas coisas e, assim, conforme afirmam, se formaria a textura íntima das evoluções dos séculos que vêm e

<sup>56</sup> WHITROW, G. J. Op. cit. p. 79. Um importante texto que alude ao debate acerca da correspondência e interdependência entre tempo e criação/universo pode ser encontrado em AGOSTINHO. *A Cidade de Deus: contra os pagãos* (parte II). Petrópolis: Vozes, 1990. p. 21-25.

<sup>57</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 278.

<sup>58</sup> Ibid.

passam. E isso, quer os circuitos se produzam em mundo estável, quer na alternativa entre nascer e morrer o mundo apresente como novas sempre as mesmas coisas, tanto as passadas como as futuras. Desse ludíbrio não podem livrar a alma imortal, que, quando se apossou da sabedoria, se eleva sem cessar a uma enganadora felicidade e torna sem cessar a uma verdadeira miséria. Como há de ser verdadeira felicidade aquela em cuja eternidade não confiamos, quando a alma é demasiado ignorante [...] ou demasiado infeliz [...] para ignorar ou rezear sua futura miséria?<sup>59</sup>

Agostinho classifica como “ludíbrio”, verdadeiro engano, as tentativas de pensar a sociedade a partir da ideia de ciclos, segundo ele, pensamento que surge do pretense conhecimento da racionalidade humana. Não pode haver verdade em um pensamento que não projete a vida do ser humano para a eternidade, futuro inevitável e que reserva destinos bem determinados para cada indivíduo: o sofrimento e perdição eterna para os incrédulos e a vida eterna com Deus para os fiéis<sup>60</sup>.

Observemos que a obra de Agostinho representou um importante trabalho na antiguidade tardia e no desenvolvimento do cristianismo sobre teologia e história. Ambas, em última instância, representaram a mesma coisa. O que seria a queda de Roma senão o resultado dos seus próprios pecados? Qual seria sua solução senão o arrependimento para a salvação e alcance da cidade de Deus, cujo objetivo final é a glorificação de Deus? Podemos constatar que, para o autor, o tema da história são as coisas humanas, mas, a história em si, como bem salientou Reinhart Koselleck, “vem de Deus”, portanto objeto de criação e da vontade divinas que articula todas as atividades seculares em uma “ordem dos tempos” cuja existência é anterior a todos os eventos que, em síntese, seria o próprio projeto divino<sup>61</sup>.

A visão de tempo que se sistematiza com a Igreja e se fortalece com Agostinho vai permear a história ocidental por muitos séculos, adentrando e se solidificando em todo o período que se convencionou chamar de “medieval”. Saindo fortalecida como instituição unificadora da cristandade frente aos episódios das invasões bárbaras, a Igreja Católica terá o monopólio na elaboração, reflexão e medição do tempo durante a Idade Média.

<sup>59</sup> Id. *A Cidade de Deus: contra os pagãos* (parte II). Petrópolis-RJ: Vozes, 1990. p. 75-76.

<sup>60</sup> Para uma visão detalhada da concepção agostiniana da vida eterna, futuro a ser alcançado pelos cristãos, ver: AGOSTINHO. Op. cit. p. 580-589.

<sup>61</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 119.

Evidentemente houve exceções quanto à ausência de preocupação ou mesmo conhecimento sobre a exatidão de datas ou quaisquer símbolos que representassem localização temporal. No entanto é aceito que, em sua maioria, a população europeia do medievo não possuía grande interesse em relação a rigorosidade das datações. A responsabilidade por esta tarefa era de competência do clero. Segundo Whitrow, até o século XIV no ocidente, apenas a Igreja tinha tal interesse<sup>62</sup>.

A pesquisa de Marc Bloch<sup>63</sup> sobre a sociedade feudal talvez nos ajude a compreender um pouco esse desinteresse. Por traz de uma vida totalmente voltada para a religiosidade, as pessoas que viveram no medievo mantinham uma relação muito simples com a natureza e o meio, sempre submissas aos fenômenos naturais, às doenças e epidemias constantes, dos quais não dispunham de tecnologia suficiente para controlar, ficavam à mercê de intempéries que lhes ceifavam a vida ou a saúde, não lhes permitindo na maioria dos casos prolongá-la por muito tempo. A velhice chegava muito cedo e as expectativas se resumiam, em geral, à rudeza dos lugares em que as pessoas habitavam. Sem grandes possibilidades de mudança, restava às pessoas da Idade Média se submeterem a quem lhes garantiria uma vida melhor na pós-morte, a Igreja.

O ambiente da Europa medieval, além de uma vida insalubre e de poucas possibilidades, dava vazão a perspectivas escatológicas, idéias difundidas pela própria Igreja e que se tornavam mais claras na visão dos indivíduos dessa sociedade quando se deparavam com as constantes catástrofes, tanto naturais quanto sociais, que os assolavam. Há duas perspectivas para a amplitude do alcance dos discursos escatológicos medievais que merecem destaque. Uma delas se trata da ideia de medo que supostamente se alastrou pela cristandade na iminência de algumas datas rodeadas de presságios acerca do fim dos tempos. Essa ideia é amplamente defendida por Hilário Franco Jr.<sup>64</sup> ao afirmar que a virada de milênio para o ano 1000 gerou sentimentos exacerbados de desespero dentro da sociedade medieval.

A outra perspectiva que merece destaque, da qual compartilhamos, é a que preconiza não ter havido este terror generalizado, conforme muitos defendem,

---

<sup>62</sup> WHITROW, G. J. Op. cit. p. 100.

<sup>63</sup> BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 94-95.

<sup>64</sup> Conf. FRANCO JR., Hilário. *O ano 1000: tempo de medo ou de esperança?* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

nos anos carregados desses maus presságios. Bloch<sup>65</sup> defende esta ideia, mostrando que a ignorância em relação às datações que atingia a grande massa da população era incompatível com movimentos desesperados de tamanha amplitude<sup>66</sup>. Portanto, é preciso considerar dois pontos acerca da questão escatológica na cristandade medieval, quais são: a existência de uma teologia da história institucionalizada que advertia sobre a iminência do fim dos tempos; e a existência de uma grande parcela da sociedade que vivia ignorante em relação à temporalidade, embora a grande maioria estivesse sob a tutela do monopólio da ideia de tempo da igreja romana.

Um exemplo nos ajudará a compreender claramente a realidade deste monopólio do tempo, bem como o desprendimento em relação à sua medição. Trata-se de uma crônica citada por Bloch sobre uma disputa judicial que deveria ocorrer ao amanhecer. Ao romper da aurora, no entanto, apenas uma das pessoas apareceu perante os juízes, esperando até o horário limite determinado segundo o costume da época, a “hora nona”. Percebendo que o adversário não comparecera à disputa, pediu que lhe fosse imputada a causa ganha. Uma dúvida, no entanto, pairou no ar: seria esta realmente a hora nona? Apesar de a disposição solar indicar o horário esperado, os juízes desprezaram o tempo da natureza e questionaram quem de fato detinha o poder à época, os clérigos, que, segundo Bloch, tinham o “conhecimento mais exato do ritmo horário”<sup>67</sup>.

Todo o contexto apresentado contribuía para a falta de precisão com que o tempo era tratado. Não que tal precisão representasse, *stricto sensu*, rigorosidade e “verdade” quanto ao tempo. O conceito de tempo deve, aqui, ser entendido como um referencial simbólico cuja função seria regular as ações dos indivíduos em relação à ordem social estabelecida. Ainda que existissem exceções, elas só passaram a se tornar mais comuns nas últimas décadas do século XVI, quando, segundo Whitrow, se percebe uma maior preocupação quantitativa com o tempo. Até então, era notório que a maioria das pessoas da Europa medieval não sabiam em que ano estavam nem mesmo quantos anos tinham.

<sup>65</sup> BLOCH, Marc. Op. cit. p. 107-108.

<sup>66</sup> Nossa postura aqui muda de lado, a partir do contato com novas bibliografias, quando comparada com a interpretação que fizemos dos medos milenaristas em capítulo de livro publicado sob a organização de Oliva e Benatte. No livro defendemos equivocadamente, fundamentados em Franco Jr., um suposto medo disseminado pela sociedade europeia da virada para o ano 1000, o que é incompatível com a sociedade descrita por Bloch. Conf. RODRIGUES, Vinicius E. Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1999-2000). In: OLIVA, Alfredo S.; BENATTE, Antonio P. (Orgs.). Op. cit. p. 213-214.

<sup>67</sup> BLOCH, Marc. Op. Cit. p. 96.

O exemplo de Bloch ajuda-nos a entender como a ideia de tempo vai se construindo socialmente e como não é intrínseca a um elemento material, como o relógio, nem a um fenômeno natural, como o nascimento ou pôr do sol, nem a qualquer outra coisa. Antes de tudo, o tempo é um símbolo social, portanto, elaborado com o desenvolvimento da sociedade e vinculado ao seu estágio de evolução. É também um símbolo relacional, posto que a partir de uma ideia abstrata, atribui-se vários significados por inúmeros meios de medição ou referência: como o amanhecer, ou o horário ritualizado manifesto pelo badalar do sino das igrejas, ou ainda o horário por ela instituído socialmente, por exemplo.

Inúmeras situações e exemplos são relacionados em estudos e poderiam ser dados quanto à responsabilidade pelas mudanças ou “aperfeiçoamentos” na medição e na concepção do tempo. Podemos citar, por exemplo, a criação de instrumentos como relógios que foram se tornando, gradativamente, mais sofisticados, como também a importância e aperfeiçoamento dos meios de transporte, que vão desde a melhoria nos arreios dos cavalos até os modernos meios de locomoção. Tais “melhoramentos” transformaram as idealizações de tempo e espaço ao longo da evolução das sociedades ao mesmo tempo em que atestaram a dependência das concepções de tempo da teoria do desenvolvimento social, defendido por Elias<sup>68</sup>.

O século XVI também é marcado, concomitantemente à maior preocupação com a quantificação do tempo, por transformações importantes na sociedade e na mentalidade europeia. Transformações que ganham espaço com a arte, mas que não se restringem a ela. O Renascimento, base dessas transformações, representou também uma mudança de paradigma em relação ao tempo. Para Whitrow, esta mudança foi resultado de “resíduos” da concepção cíclica do tempo que a Igreja tentou eliminar quando do período de seu maior prestígio:

Embora os doutores da Igreja tivessem convertido a história de uma sequência interminável de ciclos numa visão do universo a se mover em sua totalidade da Criação à Redenção, a imagem do círculo ainda dominava o pensamento humano no campo da astronomia do século XVI.<sup>69</sup>

Concorrendo paralelamente ao pensamento eclesiástico, o pensamento científico, ainda um germe do que seria a ciência moderna, promoveu uma

<sup>68</sup> Conf. ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.

<sup>69</sup> WHITROW, G. J. Op. cit. p. 151.

alternativa ao ideário estritamente religioso e, a partir da promoção de um tempo cíclico buscou, pretensamente, resgatar o humanismo clássico greco-romano.

Em linhas gerais, o Renascimento prestou-se a um olhar sobre o passado, depositando a confiança num tempo idealizado de um período áureo que deveria ser resgatado. O resgate do pensamento cíclico da história foi elementar nessa busca por algo antigo, uma alternativa ao poder da Igreja Católica. Ainda na renascença não temos o ideal moderno de tempo e nem de ciência, pois o que caracterizou esse período foi o retorno ao passado e não o olhar sobre o futuro. Portanto, nesse estágio de desenvolvimento do pensamento, a única ideia de tempo satisfatória de representação dessa parcela da sociedade ocidental seria a cíclica.

A visão linear do tempo, enfatizada em razão da concepção cristã da história como hierofania divina, durante o Renascimento abre espaço para uma nova visão, fundamentada no ser humano com a valorização da cultura greco-romana. Esta concepção cíclica do tempo e da história proporcionou uma nova forma de pensar a sociedade, uma forma secularizada, que não apresentava ainda as concepções modernas de temporalidade porque mantinha como sinônimas as concepções de “inovação” e “renovação”. Segundo Whitrow, a inovação do pensamento ocidental pela renascença foi uma tentativa de renovar, ou seja, trazer novamente a cultura clássica<sup>70</sup>.

Uma análise histórica do tempo a partir do desenvolvimento das sociedades, conforme estamos realizando neste trabalho, é importante para compreendermos como a questão se coloca ao longo da história do ocidente, e, também, para percebermos que esta se modifica a partir da própria evolução social. O passo inicial dado no período do Renascimento no campo das técnicas e das ciências que resultou na abertura para uma filosofia da história vinculada ao secular (embora não negamos a permanência de elementos religiosos nesta visão de mundo) foi importante para a onda de racionalidade que atingiria a Europa ao longo do século XVII. Tal fenômeno, de implantação do período da Ilustração, pode ser mais bem entendido no pensamento de Francis Bacon, a partir da citação deste por Whitrow: “A ciência deve ser buscada na luz da natureza, não na escuridão da Antiguidade. Não importa o que foi feito; o que nos cabe é ver o que pode ser feito”<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> Ibid. p. 152.

<sup>71</sup> BACON apud WHITROW, G. J. Op. cit. p. 153.

Percebemos na citação de Bacon que a sistematização do pensamento iluminista foi possível a partir do desenvolvimento e experimentações científicas, portanto, “na luz da natureza”. É a natureza e o caráter experimental das ciências da natureza que produzem o “real” significado de cientificidade que se buscava no século XVII, significado que apontava para novas descobertas e, portanto, para o futuro. Esta sentença tão pertinente utilizada por Whitrow deixa patente aos olhos do leitor um novo paradigma científico em desenvolvimento, um novo modelo epistemológico que iria influenciar de forma decisiva as futuras gerações e que, de muitas maneiras, ainda estão presentes em nossa sociedade. O otimismo com que Bacon trata a ciência é a prévia do otimismo progressista que terá seu auge no século XIX.

A religião, amplamente abrangente e de forte influência no plano secular do mundo ocidental, perde definitivamente seu posto com o fortalecimento do ideário iluminista. A Ilustração tenta romper com a união ciência-religião, focando-se no futuro das sociedades e desenvolvendo a ideia e o desejo de progresso, para o qual a proeminência do pensamento religioso representava um empecilho, embora a própria ideia de progresso tenha sido influenciada pelo tempo teleológico cristão. Em outras palavras, o pensamento científico em pleno desenvolvimento passou a separar as explicações de ordem natural das de ordem religiosa, conforme bem nos esclarece Whitrow<sup>72</sup>. Em contrapartida, é também com o Iluminismo que o entendimento do tempo como algo linear volta à tona, sobrepondo-se ao ideal cíclico defendido pelo Renascimento.

A linearidade do tempo fica mais clara ao entendimento quando pensamos o Iluminismo sob o ponto de vista do progresso. É claro que esta linearidade toma aspectos mais secularizados, pois representa a evolução social. Evolução aqui sim entendida no significado mais cientificista do termo, como um processo civilizador das sociedades ditas atrasadas. No pensamento iluminista tradicional não há lugar para o tempo cíclico, posto que o antigo passou a ser visto de forma pejorativa, sendo apenas as novas descobertas capazes de encaminhar a sociedade para o desenvolvimento pleno de sua capacidade evolutiva. Cabe ressaltar, no entanto, algo que a nós está muito claro, que a religiosidade e o fenômeno religioso não se perdem ou são eliminados diante da sociedade em

---

<sup>72</sup> Ibid. p. 155 e 165.

ascensão. Ao contrário, permanecem e absorvem seus elementos, adaptando-os à sua cosmovisão de forma a se manterem como características importantíssimas dos diversos grupos sociais. Há, segundo cremos, uma troca de influências já que o tempo do progresso bebe no tempo teleológico cristão e o tempo cristão moderno realiza releituras dos progressos da sociedade. Sobre isso trataremos mais adiante.

A perspectiva analítica sobre o tempo que desenvolvemos até aqui pode ser entendida, também, sob o olhar atento à obra de Reinhart Koselleck, *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Neste trabalho, o autor busca desenvolver a tese de que o progresso possuía características que se modificavam a partir de cada grupo ou meio social entre os séculos XVI e XVIII. Sua unificação ocorre a partir de perspectivas que se descortinam com as expectativas de futuro concebidas pelas gerações passadas; nas palavras do autor, a partir do “futuro passado”<sup>73</sup>.

A obra é permeada pela concepção da história como processo, o que torna necessário que o autor busque nas raízes da sociedade ocidental elementos que dêem maior coerência à sua análise. Tal constatação nos permite também encontrar em Koselleck, elementos que contribuem para a nossa reflexão sobre o tempo e sobre como ocorreu a formação das estruturas temporais modernas e como elas, no ocidente, se fundamentam no cristianismo e este delas se apodera para criar a ideia de história como uma “história geral” imanente à cosmogonia cristã. Segundo o autor, “o espaço da experiência [portanto, da história] nutria-se da perspectiva de uma única geração histórica”<sup>74</sup>, de forma que a história constitui-se de elementos sequenciais que assumem formas de transformações e permanências nesse processo.

Ao incorporar a história secular como a própria história da salvação, a Igreja Católica e, posteriormente, grande parte das ramificações do cristianismo criam para si expectativas futuras que nortearão a maneira de viver de seus fiéis. Tais expectativas estavam imbricadas de elementos teleológicos e escatológicos que, em nossa análise, permitem-nos classificar o tempo da igreja medieval como um tempo linear que aponta para um fim previamente proclamado pela religião. Esse dado pode ser encontrado na análise do pensamento de Whitrow de forma que Koselleck corrobora com a ideia ao afirmar que: “A história da Cristandade, até o

---

<sup>73</sup> KOSELLECK, Reinhart. Op. cit.

<sup>74</sup> Ibid. p. 23.

século XVI, é uma história das expectativas, ou, melhor dizendo, de uma contínua expectativa do final dos tempos; por outro lado, é também a história dos repetidos adiamentos desse fim do mundo<sup>75</sup>. Conforme veremos adiante, no plano secular, que se rege pelo pensamento laico, a expectativa do fim do mundo será substituída por expectativas otimistas, mas a concepção de linearidade do tempo permanecerá com o ideal de progresso.

Ademais, no plano religioso a escatologia estará sempre presente, permanecendo até nossos dias, conforme poderemos constatar em nossa análise sobre a IEAD do Brasil. Já no âmbito secular permanecerá apenas o tempo teleológico ao incorporar o ideal progressista como fim último de bem estar social. Ressaltemos, ainda, que para o pensamento secular moderno, o âmbito religioso deve ser encarado separadamente, como um espaço de pensamentos e rituais à parte da vida profana. Para o cristianismo, em contrapartida, o mundo secular é o local em que se desenrola a história sagrada, onde se realizam os planos divinos através dos séculos, portanto, é um espaço sacralizado e que, apenas quando visto dessa forma, pode ser interpretado como a realidade verdadeira.

Mas como ocorreu a “laicização” do tempo secular? Cremos que a resposta para esta questão é fundamental para compreendermos a estrutura temporal do ocidente. Segundo Koselleck, as guerras, as disputas internas de poder, o fortalecimento dos Estados e a própria Reforma Protestante enfraqueceram o poder da Igreja, especialmente a partir do século XVI. Mas esta mudança foi gradativa.

O exemplo do fim do mundo é esclarecedor e nos ajuda a entendermos como se deu a secularização do tempo ocidental. A crença neste evento sempre foi, desde os primeiros tempos do cristianismo, fundamentada nas profecias bíblicas. Estas, por sua vez, por ser a palavra de Deus, davam ao fiel a certeza de que o fim do mundo estava próximo devendo ele estar sempre atento a este evento. A secularização e o desenvolvimento da técnica, das ciências, da sociedade, aliados a profecias que não se cumpriam levou ao esfriamento no âmbito secular das crenças nestas mensagens visionárias. Em contrapartida, o ideal de progresso em desenvolvimento dava espaço a expectativas igualmente idealizadas sobre o futuro, mas agora com o diferencial de que seriam possíveis através do desenvolvimento

---

<sup>75</sup> Ibid. p. 24.

científico. As profecias foram, com a secularização, gradativamente sendo substituídas por prognósticos. Observemos o que nos diz Koselleck

Enquanto a profecia ultrapassava o horizonte da experiência calculável, o prognóstico, por sua vez, está associado à situação política. [...] O prognóstico é um elemento consciente da ação política. Ele está relacionado a eventos cujo ineditismo ele próprio libera. O tempo passa a derivar, então, do próprio prognóstico, de uma maneira continuada e [...] previsível.<sup>76</sup>

Os prognósticos enfatizam cálculos e previsões que, segundo se acreditava, dariam uma ideia real, com algumas variações, do que seria o futuro. A mudança vivida no início da era moderna apontava para o ideal de progresso que tem seu auge no século XIX. Nesse sentido é que caminhou a descrença social com as profecias e o aumento da confiança nos prognósticos. Uma visão de tempo como esta não seria alcançada em um mundo que prima pela crença na Providência e que fundamenta suas estruturas psicológicas na religiosidade. Essa mudança só foi possível a partir das transformações anteriormente elencadas que promoveram importantes alterações nas expectativas sociais.

O prognóstico aponta para o progresso ao produzir um tempo que o prende em direção ao que se projeta a partir de seus enunciados. A sociedade, utilizando-se de seu conhecimento acumulado, elabora expectativas e as projeta para o futuro no intuito de promover o bem estar e a felicidade social. É por isso que, pensar o tempo sem pensar a evolução da sociedade seria, em nossa concepção, cair numa ideia lacunar e, mesmo, vazia sobre o conceito. O tempo deve ser visto como um elemento desse conjunto de conhecimentos acumulados e da própria vivência social.

Uma questão fundamental se nos coloca perante o debate travado sobre a concepção do tempo como elemento decorrente do desenvolvimento social: Se passamos, no plano secular, de uma visão escatológica para a visão teleológica do progresso, como é possível que aquela tenha se mantido socialmente, chegando aos nossos dias? Para responder esta indagação nos utilizamos do pensamento do próprio Koselleck:

---

<sup>76</sup> Ibid. p. 32.

O *eschaton* desconhecido deve ser entendido como um fator de integração da Igreja, a qual pôde, dessa maneira, colocar-se temporalmente e moldar-se como instituição. [...] O fim do mundo só é um fator de integração enquanto permanecer não determinável, do ponto de vista histórico e político.<sup>77</sup>

Enquanto o mundo se secularizava, a igreja cristã não se desmantelou, mas permaneceu firme como instituição e, como tal, manteve seus dogmas e costumes de forma a influenciar a cosmovisão dos seus fiéis. Fator fundamental para a estruturação de seu sistema de crenças, a escatologia manteve-se e, com ela, a concepção linear do tempo, cujo fim aponta para um futuro de recompensas para aquele que permanecer fiel aos seus desígnios. O que ocorreu foi que, no âmbito do próprio cristianismo, houve (e ainda há) uma leitura do secular a partir da ótica do pensamento religioso, isto é, do ser humano religioso que sacraliza a história do mundo. Isso permitiu que, na lógica do pensamento religioso, o fim do mundo não fosse descartado. O momento exato desse fim, no entanto, permanece uma incógnita.

Entender o antagonismo de um elemento que deve permanecer indeterminável, como é o caso do *fim do mundo*, e entendê-lo como estrutural para a cosmovisão cristã torna-se mais fácil quando analisamos o ideal de profecia. A profecia só existe devido à indeterminação e à capacidade de renovação de sua crença, como também o fim do mundo, caso contrário, se fosse estabelecida uma data final dentro do cristianismo para o fim dos tempos, o mesmo não ocorrendo representaria a desestruturação total dessa religião. Como profecia, esta lógica se encaixa na mentalidade do ser humano religioso para quem o mundo é resultado do projeto de Deus para a salvação, portanto, a história por excelência.

O breve histórico sobre o tempo ocidental até aqui realizado é fundamental para se compreender nossa leitura acerca da concepção de tempo de Norbert Elias que fundamenta esta pesquisa. O contrário disso seria desprezar o modelo teórico acerca da temporalidade sob o qual nosso trabalho se refugia, o que resultaria, por fim, na não compreensão de sua ideia central. É apenas sob o olhar da história (para Elias da sociologia do desenvolvimento social), isto é, através do observar da vida dos seres humanos vivendo em sociedade, suas formações socioculturais e seu desenvolvimento que podemos compreender como se manifesta este fenômeno construído que chamamos tempo.

---

<sup>77</sup> Ibid. p. 26.

Observe-se que atribuímos o adjetivo fenômeno para o tempo, pois estamos trabalhando-o sob o ponto de vista de sua relação material. Não pretendemos, aqui, realizar um trabalho filosófico sobre o tempo, mas observá-lo como um dado do mundo físico e social. Não negamos, ainda, seu caráter abstrato; queremos apenas mostrar que ele se manifesta no mundo físico e social e é resultado de um alto grau de síntese a partir da relação entre ambos. Nesse sentido, concordamos com Elias ao tratá-lo a partir da junção natureza-sociedade, apontando dois problemas que se apresentam quando tentamos pensar o tempo de forma unilateral, conforme predominou por muito tempo na tradição filosófica.

Em primeiro lugar, temos o problema da concepção objetivista do tempo: “Alguns sustentavam que o tempo constitui um dado objetivo do mundo criado, e que não se distingue, por seu modo de ser, dos demais objetos da natureza, exceto, justamente, por não ser perceptível”<sup>78</sup>. Esta ideia de tempo está imbricada de concepções da tradição filosófica medieval com raízes profundas no cristianismo. Segundo Elias, Newton foi o representante moderno mais importante desse tipo de pensamento, pois buscava em suas experiências explicações para esta grande máquina posta a funcionar por seu arquiteto e Criador. O tempo como um dado objetivo fundamentado no pensamento newtoniano passa, obrigatoriamente, por um princípio criador, portanto, é único e dado a perceber ao ser humano como independente da sua própria existência.

O segundo problema apontado é a concepção idealista do tempo, cuja maior expressão está em Kant. O tempo, neste caso, é apontado como um dado *a priori*, “uma forma inata de experiência e, portanto, um dado não modificável na natureza humana”<sup>79</sup> e que precede toda forma de experiência.

Nos dois casos, o tempo é visto como um elemento “natural”, inerente à ordem das coisas. A diferença está em que no segundo caso o tempo é visto não como um dado independente da realidade humana, criado por um ser supremo aos seres humanos, mas como uma realidade “subjéctiva” alicerçada na natureza humana. Em ambos, os indivíduos parecem isentos de uma relação de troca com o mundo, mas apenas absorvem o conhecimento que já está dado no primeiro caso, e possuem um conhecimento independente da realidade social no segundo.

---

<sup>78</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 9.

<sup>79</sup> Ibid.

Creemos que uma abordagem do tempo sob o ponto de vista da teoria da evolução e do desenvolvimento social nos permitirá superar estes problemas de análise e compreensão do tema. Nossa análise resulta da compreensão do conhecimento social – portanto também de um de seus aspectos, o tempo – resultando de um longo processo de aprendizagem que, segundo Elias<sup>80</sup>, “não teve um começo na história”. Todo indivíduo elabora sua compreensão a partir de um “patrimônio de saber já adquirido, o qual ele contribui para aumentar”, portanto, uma compreensão da temporalidade passa, ao contrário do que se pensa em muitos casos, por uma interação entre o pensamento filosófico, a natureza e a sociedade. Em resumo, o tempo e a compreensão social do tempo é resultado de um longo processo de síntese que pode ser encarado como socialmente construída.

Na construção conceitual do tempo conforme estamos realizando, não basta fazer uma análise contrastante ou separada deste elemento dos pontos de vista da sociologia ou das ciências da natureza, em especial a física. Para se compreender a temporalidade é necessário inserir o indivíduo e pensá-lo na perspectiva da junção entre natureza e sociedade, posto que os homens vivem no âmago e constituem a própria natureza. Segundo Elias, “teremos de incluir no conceito de natureza a capacidade que ela tem de produzir, no curso de processos cegos, não apenas reatores de hélio ou desertos lunares, mas também seres humanos”<sup>81</sup>. Sem entrar, obviamente, num determinismo irresponsável, percebemos que o tempo é resultado direto da interação entre tempo físico e tempo social, e só pode ser compreendido de forma adequada quando pensado sob o prisma da capacidade humana de produzir representações e de como estas são estruturadas no meio social em que vivem e nas possibilidades de reflexão alcançadas ao longo da evolução das sociedades.

Por tudo isso, podemos observar as mudanças de atitudes e de expectativas dos seres humanos viventes em cada período da história ocidental que tratamos aqui. As mudanças das sociedades em suas relações com a natureza e em relação consigo e com outras sociedades produzem o acúmulo de conhecimento e novas perspectivas em relação à própria existência e ao tempo. O relato de Whitrow é esclarecedor ao proporcionar a compreensão das transformações do tempo, cujo processo já mencionamos, de como este se modifica de acordo com as estruturas

---

<sup>80</sup> Ibid. p. 9-10 e 101-103.

<sup>81</sup> Ibid. p. 12.

de poder e de interesses existentes. Mas isso não é uma peculiaridade do ocidente. Qualquer reflexão que se faça sobre o tempo deve ser realizada a partir da interação natureza-sociedade, posto que todas as pessoas que compõem qualquer sociedade não vivem em um espaço vazio, mas estão inseridos em um universo físico e mantêm um comportamento compatível com tal realidade.

Estamos convencidos de que o tempo é uma representação social, socialmente construído e, portanto, decorrente da experiência dos indivíduos e do exercício de suas funções sociais e da sua reflexão sobre a realidade. O tempo, portanto, é puramente convencional, pois só pode ser compreendido quando abordado a partir de perspectivas humanas.

O exemplo de estabelecimento do primeiro dia do ano pelo ocidente, relatado por Elias<sup>82</sup>, é esclarecedor para compreendermos esta característica do tempo. O autor nos relata que a inexistência de uma cronologia perfeitamente acordada no ocidente representava uma dificuldade muito grande para a organização social dos Estados, que se tornavam cada vez mais institucionalizados e complexos. Perante a necessidade de organizar a vida social, econômica e política dos Estados em ascensão, e diante da dificuldade de mensuração temporal – mesmo dentro de um único território não era raro encontrar muitas formas de se contar a duração – foi apenas em meados do século XVI, na França, que foi instituído definitivamente como marco de início do ano o 1º de janeiro. Foi assim que os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, respectivamente sétimo, oitavo, nono e décimo meses do ano transformaram-se em nono, décimo, décimo primeiro e décimo segundo meses, como permanecem até hoje.

No exemplo citado os conceitos referenciais de duração, a saber, os meses que indicam o período do ano adquirem, a partir da análise, reflexão e construção conceitual humanos, a significação de unidades de tempo. Eles não são o tempo exatamente, mas símbolos socialmente construídos para relacionar elementos e eventos da vida social, como poderiam ser quaisquer outros símbolos como, por exemplo, as horas, os minutos, os séculos, os milênios, etc. e não existem fora da reflexão humana. O tempo tornou-se, portanto, nas palavras de Elias, “a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas seqüências de caráter individual, social ou puramente físico”.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> Ibid. p. 45-47.

<sup>83</sup> Ibid. p. 17.

À medida que as sociedades vão se tornando mais complexas com suas instituições e suas redes de funções, o pensamento sobre o tempo também se torna mais apurado. No atual estágio de evolução das sociedades ocidentais o conceito de tempo tornou-se resultado de um alto nível de síntese, sendo capaz de abarcar “as sucessões dos eventos físicos, no movimento da sociedade e no curso de uma vida individual”<sup>84</sup>. cremos que o relógio seja o símbolo mais complexo da concepção de tempo que o ocidente atingiu; via de regra, todo o ocidente se move a partir de seus ditames, e isto impregnou de tal forma as sociedades que hoje seria praticamente impossível viver em uma sociedade como a nossa, industrializada, sem ele. Ao mencionarmos, por exemplo, que o Natal começa a zero hora do dia 25 do mês de dezembro de 2011, constatamos que somos inseridos em um fluxo de tempo retilíneo, uniformizante e arbitrário que liga nossa vida biológica à realidade social em que estamos inseridos e ao fluxo do devir da natureza, elemento de um processo cujas raízes estão no passado.

Ao olharmos o tempo do lugar que estamos no processo de desenvolvimento das sociedades no ocidente, dificilmente nos daremos conta de que estamos tratando com algo artificial. A complexidade da sociedade que vivemos e o nível de síntese que a ideia de tempo atingiu nos fazem ver a temporalidade como natural, como algo que sempre existiu. Mas não foi sempre assim. Por isso, compreender o tempo implica conhecer a historicidade do conceito, algo que, reiteramos, é possível a partir da análise do tempo sob o ponto de vista da teoria da evolução social.

Partindo deste pensamento, compreenderemos que a ideia de tempo predominante na atualidade, materializada nos relógios, calendários, etc. exercem um tipo de coerção para despertar autodisciplina nos indivíduos, de forma que “muitos não conseguem impedir-se de ter a impressão de que é o próprio tempo que passa, quando, na realidade, o sentimento de passagem refere-se ao curso de sua própria vida”<sup>85</sup>. Podemos perceber neste pensamento de Elias, como o tempo se apresenta como um conceito “relacional”, abarcando uma rede de tensões, fenômenos, pensamentos e experiências sociais. O que compreendemos por tempo não é senão um conceito abstrato, mas que se manifesta no plano natural e social através de categorizações da racionalidade humana as quais, como símbolo, se

---

<sup>84</sup> Ibid.

<sup>85</sup> Ibid. p. 22.

apresenta como explicação; em última instância, é uma realidade porque fundamentada na materialidade, mas uma realidade construída socialmente através das inter-relações socioculturais e naturais existentes no seio das sociedades.

Dentre as inúmeras experiências sociais que compõem a ideia de tempo, as quais este conceito abarca a partir de seu atributo de elemento relacional, cuja exceção inexistente – pois quem pensa sobre um objeto reflete de algum lugar no tempo que lhe influencia de uma forma ou de outra – interessa-nos com maior ênfase o fenômeno religioso. Para entendê-lo dentro da perspectiva de tempo compreendido a partir da evolução social, que é como acreditamos que se dê a dinâmica de experimentação e reflexão sobre a temporalidade, utilizamo-nos também do pensamento de Mircea Eliade, cuja obra é elementar para a história das religiões, principalmente no que se refere a conceitos-chaves que facilitam a compreensão do fenômeno religioso e da própria religiosidade.

Há, no entanto, algumas diferenças em nosso pensamento em relação ao pensamento de Eliade. Enquanto este vê o fenômeno religioso sob uma perspectiva generalizante, estabelecendo explicações similares para a religiosidade nas diversas formas como se apresenta, sejam elas em formas institucionalizadas, formais, informais, ocultas, entre outras, nós buscamos as especificidades, os elementos que se distinguem de acordo com cada grupo religioso. Isso, no entanto, não reduz a contribuição do autor, ao contrário, seu pensamento ainda continua referencial especialmente ao estabelecer conceitos que facilitam o entendimento acerca do sagrado.

Salientamos ainda, que nossa análise é sobre um fenômeno religioso muito recente, o *pentecostalismo*, uma vertente da Reforma Protestante que também tem a sua cosmovisão fundamentada no cristianismo. Um histórico sobre este movimento, sempre voltado para a temática central deste trabalho, será visto no capítulo sobre as “Representações do tempo no discurso institucional ‘assembleiano’”. Salientamos que o recorte dentro do movimento pentecostal, que é amplo, ocorrerá com a análise da instituição que nomeia o capítulo, a IEAD, que apresenta algumas peculiaridades, ainda que seja considerada uma ramificação da Reforma. Buscar tais peculiaridades, especialmente na ideia de tempo que permeia a instituição é a motivação deste trabalho.

Como fenômeno essencialmente cristão, o pentecostalismo apresenta uma cosmogonia muito próxima do cristianismo, cuja visão de tempo desde a sua

gênese já tratamos anteriormente, e como tal também é um fenômeno histórico e historicizante<sup>86</sup>; ele transforma o tempo histórico em um tempo sagrado manifesto no fato que Deus encarnou e se tornou um homem no intuito de salvar a humanidade. O processo de salvação não ocorre senão vinculado à história dos seres humanos e decorrente de suas ações cotidianas. O cotidiano dos seres humanos e, conseqüentemente, a história é entendida como o intervalo dentro do *illud tempus*<sup>87</sup> sagrado, portanto, como uma *hierofania* divina. Segundo Eliade, a manifestação da encarnação divina é o momento em que “a História se revela como uma nova dimensão da presença de Deus no mundo. *A História [é] a História Sagrada*”.

Precisamos esclarecer aqui uma diferença ao falarmos da História e da História Sagrada. O tempo conforme aceito na modernidade é secular e fundamentado no estatuto de cientificidade decorrentes da dessacralização do mundo, evento que ocorre especialmente a partir do Iluminismo, conforme abordamos anteriormente. No entanto, é preciso compreender em que pontos as duas concepções de História se aproximam e se separam a partir do pentecostalismo e, antes disso, precisamos compreender quem é este indivíduo que pensa a realidade do interior deste movimento para, assim, nos familiarizarmos com sua cosmovisão, o que tornará mais clara a sua ideia de tempo.

A nosso ver este indivíduo que pensa a realidade do interior do pentecostalismo é aquele que Eliade classifica como *homo religiosus*<sup>88</sup>, o ser humano vinculado ao sagrado e que tem todos os aspectos de sua vivência dependentes da cosmogonia religiosa. Para estes há uma diferença qualitativa de espaços e de tempos no plano material, diferença expressa na existência do sagrado e do profano.

O sagrado, para o ser humano religioso, se manifesta sempre como uma realidade diferente e muito superior ao profano. Embora não negue a existência desta, aquela é tida como a realidade por excelência, pois está “saturado de poder”, de “ser”. Para Eliade, a dicotomia sagrado e profano constituem-se duas formas de estar no mundo, “duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da

<sup>86</sup> Sobre esta característica Bloch nos traz uma pequena análise, que também pode ser complementada com a obra de Eliade “O Sagrado e o Profano”. Conf. BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; e ELIADE, Mircea. Op. cit.

<sup>87</sup> *Illud tempus*, ou o tempo que o mundo ainda não existia para Eliade é o conceito que abarca o princípio de tudo, “tempo em que o sol, a lua, as estrelas, os planetas e a Terra ainda não estavam lá, quando ainda não tinham surgido”. Conf. ELIADE, Mircea. Op. cit. p. 75, 97 e 98.

<sup>88</sup> Para uma completa explanação da idéia de *homo religiosus* para Mircea Eliade ver: ELIADE, Mircea. Op. cit. p. 20, 25, 43, 52, 59 e 60.

sua história”<sup>89</sup>. No entanto, é preciso que se tome tal afirmação com alguma reserva. A análise que construímos sobre o desenvolvimento da sociedade vinculada à ideia de tempo nos mostra que, até ao desenvolvimento da técnica e as diversas descobertas científicas que, de alguma forma, desencantaram o mundo, o predomínio do tempo como tempo sagrado ficou evidente no ocidente, especialmente porque a Igreja assumiu um papel muito importante na formação cultural existente. Cremos, assim, que esta dicotomia se acirra principalmente a partir da Ilustração e do surgimento da modernidade, pois mesmo diante de uma sociedade cada vez mais secularizada, o cristianismo se manteve e manteve sua cosmovisão.

O pentecostalismo como vertente do cristianismo não é diferente neste ponto, mantém uma cosmovisão que coloca o tempo da História na ordem do tempo sagrado, e o desenvolvimento da sociedade é encarado como desígnio divino e como sinal escatológico e não, meramente, teleológico como defende o ideário do progresso. Examinemos o comentário da “Bíblia de Estudo Pentecostal”, escrito por Donald Stamps, um intérprete de prestígio dentro das IEAD e perceberemos mais claramente a relação que se faz entre o tempo secular e o tempo religioso. O texto é o de Daniel 12:4:

‘E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo, muitos correrão de uma parte para a outra, e a ciência se multiplicará’. Daniel recebe a ordem de selar o livro. As profecias do livro não são para os dias do profeta, mas para os tempos do fim, para despertar os que viverem nos tempos do fim.<sup>90</sup>

Os eventos decorrentes do aumento do conhecimento científico apontam, a partir da interpretação do autor, para o fim último que, mais do que nunca, está próximo, pois os eventos mundiais revelam este momento da história da humanidade. A introdução ao livro de Daniel deixa essa visão da história humana ainda mais clara, pois, para Stamps, o texto sagrado contém temas escatológicos que são desenvolvidos no Novo Testamento, quais são: “a grande tribulação e o Anticristo, a segunda vinda de nosso Senhor, o triunfo do reino de Deus, a ressurreição dos justos e dos ímpios e o Juízo Final”<sup>91</sup>. Sobre estes temas retornaremos posteriormente, importa-nos perceber aqui que o tempo sagrado se manifesta no tempo secular, projetando nele a história da salvação e do juízo divino.

<sup>89</sup> Ibid. p. 20.

<sup>90</sup> BÍBLIA. Português. Op. Cit. p. 1269.

<sup>91</sup> Ibid. p. 1161.

Como se vê, através da projeção da cosmovisão do ser humano religioso no tempo da história, este se torna um tempo sagrado, uma hierofania divina, portanto qualitativamente superior e a “realidade por excelência”. Para o indivíduo não religioso, a possibilidade de uma finalidade mágica como a proposta pelo pensamento cristão é inconcebível.

Segundo percebemos, o cristianismo inovou a concepção mítica de mundo ao transformar o tempo do mito em um tempo universal, em um tempo que abarca toda a história a partir da encarnação do Filho de Deus, ou seja, da historicidade da pessoa de Cristo. É o mito que revela como a realidade veio à existência e qual será o seu desfecho. Essa concepção de mundo é fundamental para a permanência das cosmovisões cristãs dentro de um mundo cada vez mais laicizado, ela revela também a permanência da escatologia dentro da religião apontando para um tempo linear, fatídico e, como tal, – para o cristianismo – inevitável.

### 3 AS “LIÇÕES BÍBLICAS” E O “MENSAGEIRO DA PAZ”

Gostaríamos de começar este capítulo de descrição e análise das fontes pesquisadas realizando uma consideração de cunho teórico-metodológico. Nossa pesquisa, conforme se observa, norteia-se pelas concepções de tempo, sociedade e história de Norbert Elias, Roger Chartier e Mircea Eliade, pensadores que integram o que atualmente se convencionou chamar de teorias modernas do pensamento. Essa(s) linha(s), que em nossa concepção é(são) a(s) que melhor responde(m) às expectativas de interpretação da história, especialmente por compreendê-la como um processo de desenvolvimento e acúmulo de conhecimento na sociedade, trazem em seu bojo diversos conceitos para se abordar os objetos pesquisados, todos fundamentados na racionalidade proposta pelo Iluminismo. Obviamente que esta racionalidade, atualmente, não é entendida como uma maneira que isenta o pensador de sua participação na produção do conhecimento histórico, como se este pudesse ser neutro; este debate já está a algum tempo superado pela historiografia.

Dos sociólogo e historiadores citados, extraímos conceitos como “desenvolvimento social”, “representação” e “sagrado e profano” que norteiam esta pesquisa, dos quais já falamos na introdução e no capítulo “O tempo como construção social”, e que continuaremos a utilizar no capítulo “Representações do tempo no discurso institucional assembleiano” na análise das fontes. Resta-nos esclarecer, no que concerne ao objeto de pesquisa, isto é, a IEAD, que extrairemos uma interpretação sobre o tempo nela construído a partir da análise das fontes descritas no título deste capítulo sob o olhar da “análise do discurso”, que se somará aos conceitos citados.

Embora, ao tratar a análise do discurso, passemos obrigatoriamente pelo problema da linguagem, não trataremos este elemento sob a perspectiva que atualmente vem sendo trabalhado de forma mais intensa, isto é, sob o olhar do pensamento pós-moderno. Se assim o fizéssemos entraríamos em conflito com todo o processo de construção da nossa reflexão sobre o objeto e, também, com nossa forma “processual” de compreender a história. A análise do discurso, assim, será tratada sob o olhar da historiografia moderna<sup>92</sup>, o que não equivale dizer que

<sup>92</sup> Diferenciamos a “historiografia moderna” da “historiografia pós-moderna” especialmente por nossa ideia de história, isto é, uma história decorrente de um processo de desenvolvimento e acúmulo de conhecimento, incompatível com o modelo de

represente a “verdade” dos fatos, mas uma forma coerente com nossa forma de ver o mundo.

O discurso, como objeto da análise do discurso, não é entendido como em princípio pareceria ser: não é a língua, nem o texto, nem a fala; mas encontra-se no social, envolvendo características não estritamente linguísticas. Nesse sentido ele se aproxima do pensamento foucaultiano<sup>93</sup>, mas se separa por considerarmos que o discurso se constrói nas “ideologias”, de forma que poderíamos falar em “discursos” (no plural) presentes nas sociedades. As ideologias, por sua vez, não são por nós encaradas como mais frequentemente se encontra descrita no pensamento filosófico marxista, isto é, como o “falseamento da realidade”<sup>94</sup>, porém, vistas como uma “concepção de mundo de um determinado grupo social em uma circunstância histórica”<sup>95</sup>. A linguagem e a ideologia estão vinculadas de forma que a palavra enuncia a ideologia presente no discurso que manifesta o objeto pesquisado. Tal discurso, ao ser apreendido pelo historiador, é transformado por sua ação de pesquisa e crítica, de forma a acrescentar novos conhecimentos ao dado já anteriormente existente.

Os discursos não são fixos, porém manifestam-se em sua dinâmica, sempre se movendo e se transformando à medida que acompanham as transformações sociais ou – para adaptar a explicação à nossa ideia teórica – o desenvolvimento social. É nesse sentido que direcionamos nossas análises sobre a revista *Lições Bíblicas* e o jornal *Mensageiro da Paz*, pois ao realizar esta empreitada nos deparamos com dois tipos de fontes pelas quais, acreditamos, tal compreensão seja mais adequada por se tratar de documentos que revelam o discurso institucional da igreja pesquisada.

Tanto a revista *Lições Bíblicas* quanto o jornal *Mensageiro da Paz* são periódicos declarados como oficiais pela IEAD brasileira. São também, reconhecidamente, meios midiáticos de doutrinação e informação, portanto, todos os escritos neles contidos podem ser considerados como componentes do discurso institucional da igreja. Logo, ao tratarmos desse discurso conheceremos, entre uma

---

rupturas que a primeira vem defendendo. Fundamentado em Elias, cremos que o ser humano constrói seu conhecimento a partir de um “patrimônio de saber” adquirido ao qual contribui para aumentar.

<sup>93</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

<sup>94</sup> CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>95</sup> FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 28-29.

quantidade enorme de outros assuntos, as representações que se constroem acerca do tempo dentro desse grupo religioso.

Esclarecemos ao leitor que não realizamos aqui uma análise das recepções dos ensinamentos doutrinários da IEAD. As recepções são elementos do processo midiático de informação que apresentam uma complexidade elevada, pois, os receptores não são, de forma alguma, seres passivos diante das informações recebidas. Ao contrário, John Thompson<sup>96</sup> nos mostra a complexidade do processo de recepção, identificando-o como um elemento ativo e criativo, de forma a produzir as significações mais variadas sobre o objeto. Isso porque os indivíduos estão inseridos em uma sociedade dinâmica, onde a todo o momento têm a possibilidade de construir, destruir, reconstruir e refletir sobre conceitos, ideias e informações. O processo de recepção não pressupõe indivíduos inertes e amorfos, mas sempre pensantes e construindo seus conhecimentos sobre as informações a partir de um patrimônio de saber adquirido. Um trabalho dessa natureza exigiria um fôlego muito maior, uma tese de doutorado, cremos.

Com toda a complexidade que envolve os processos de produção e de recepção das informações, incorreríamos em um erro ingênuo caso nesta pesquisa declarássemos a possibilidade de reconhecimento das recepções por parte dos fieis que consomem e/ou são doutrinados com as revistas *Lições Bíblicas* e o jornal *Mensageiro da Paz*. Por isso resolvemos focar o discurso institucional realizando, no máximo, indicações de possíveis recepções e condicionamentos a que o fiel possa ser exposto. Nesse sentido, todas as sugestões acerca da recepção do discurso assembleiano devem ser encaradas como meras hipóteses, sem possível comprovação empírica pelos limites que o trabalho nos impõe. Em última instância, as hipóteses de recepção revelam não mais que a posição de quem realiza a análise dos discursos, isto é, a nossa.

Esclarecemos que as fontes escolhidas para esta pesquisa, antes de serem fontes de análise do historiador, são objetos midiáticos produzidos intencionalmente para doutrinar e informar os fieis da IEAD. Portanto, sua intencionalidade revela as formas de pensar o mundo institucionalmente, eles encerram a voz da própria IEAD enquanto igreja legalmente constituída no Estado brasileiro. Esta instituição, por sua vez, se constitui de uma hierarquia que revela as

---

<sup>96</sup> THOMPSON, John B. *A mídia e modernidade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. p. 41-46.

relações de poder nela existentes. Toda hierarquia pressupõe a existência de lideranças e liderados, motivo pelo qual tratamos os escritos dos periódicos pesquisados como a voz institucional que ecoa das lideranças da IEAD, especialmente da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil<sup>97</sup>, órgão regulador e deliberativo das igrejas brasileiras. Logo, compreendemos que as representações de mundo e do tempo que a liderança produz servem como justificativa para a ordem hierárquica e social a que toda a igreja compartilha.

Isso é possível pela capacidade que os meios midiáticos possuem de produzir o que Thompson chamou de “intimidade à distância”<sup>98</sup>. As “interações mediadas” se estendem através do espaço e do tempo, proporcionando certa forma de intimidade entre o leitor/receptor e o produtor que não compartilham o mesmo ambiente. Essa ausência da interação “face a face” produz um modelo de relacionamento entre a liderança da IEAD e os fieis que dá resultado, pois se manifesta através dos meios midiáticos por meio de elementos sagrados, como a doutrinação, de forma que os escritos das lideranças contidos nos periódicos são estudados sob a perspectiva de serem inspirados na “palavra de Deus”, portanto, devendo ser cuidadosamente apreciados.

Nosso tratamento técnico dado às fontes talvez obscureça o que realmente elas são e representam para a IEAD. Ao chamarmos a *Lições Bíblicas* de “revista” e o *Mensageiro de Paz* de “jornal”, estes conceitos podem formar no leitor uma imagem incoerente em relação ao formato e ao conteúdo expresso em ambos. Tanto um quanto outro fogem bastante aos estereótipos das nomenclaturas adotadas pela instituição.

A revista *Lições Bíblicas* em especial, apesar de ser assim chamada pelos freqüentadores da igreja e por seus publicadores, tem uma característica muito peculiar e que, para os padrões comuns nem poderia ser chamada de revista. Ela não possui imagens internas ou temas diversos, mas apenas suas capa e contracapa apresentam imagens multicores. Uma revista defini-se como

uma publicação periódica de formato e temáticas variados que se difere [...] pelo tratamento visual (melhor qualidade do papel e de impressão, além de maior liberdade de diagramação e utilização de cores) e pelo tratamento textual sem imediatismo [...],<sup>99</sup>

<sup>97</sup> CGADB

<sup>98</sup> THOMPSON, John B. Op. Cit. p. 191.

<sup>99</sup> NASCIMENTO, Patrícia C. *Jornalismo em Revista no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002. p.18.

assim, chamá-la de revista, pode ser considerado algo inusitado, mas que, por ser assim conceituada pela igreja e pelos fiéis, será como a chamaremos.

É importante destacar que a revista *Lições Bíblicas* é também o material didático utilizado nas “Escolas Dominicais”<sup>100</sup> da IEAD. Portanto, falar no periódico, sem entender o que seria a Escola Bíblica Dominical descaracterizaria nossa análise. Em linhas gerais, a IEAD tem na Escola Dominical um forte elemento de doutrinação e cuja importância é a todo o momento frisada pela liderança da igreja. Pode-se constatar isso ao observar os cultos de domingo a noite, onde o pastor constantemente faz alusão à importância da escola e à estruturação da fé que a mesma pode trazer ao fiel. Conscientizar os indivíduos da importância desses elementos constitutivos das práticas institucionais da igreja só faz, em nossa concepção, fortalecer a “intimidade à distância” produzida pelos meios midiáticos nela produzidos.

Convém lembrar, ainda, que a revista *Lições Bíblicas* possui uma tiragem trimestral, totalizando quatro edições anuais. Essas edições se ampliam ao pensarmos que são impressas por classificação etária, de forma que para cada período de idade, tem-se uma revista que cumpre as características e a linguagem a ele determinados. Isto posto podemos constatar que a tiragem é ainda maior, pois os periódicos não se destinam apenas aos adultos, aos membros afiliados à igreja, mas também aos adolescentes, aos pré-adolescentes e às crianças em geral, agregando inclusive os familiares dos membros que ainda não são “batizados nas águas”<sup>101</sup>.

Em nossa pesquisa, utilizamos a revista que se destina a “jovens e adultos”. A escolha dessa faixa-etária se justifica por ser a mesma composta de pessoas mais experientes e, em geral com maior tempo de frequência à igreja. As outras segmentações das revistas *Lições Bíblicas* são: “jardim da infância”, “maternal”, “primários”, “juniores”, “adolescentes” e não serão utilizadas neste trabalho.

<sup>100</sup> Escola Dominical é uma reunião com fins educacionais cristãos que acontece todo domingo pela manhã na maioria das IEAD. Durante o período de aproximadamente uma hora e meia o fiel estuda a Revista *Lições Bíblicas*, ministrada por um professor responsável por conduzir a doutrinação. O professor não precisa ter formação acadêmica, bastando apenas saber ler para transmitir a lição, visto que a sabedoria é concedida pela “iluminação do Espírito Santo”, segundo se acredita. Uma análise pormenorizada sobre esse órgão pedagógico pode ser encontrado em: GILBERTO, Antonio. *Manual da Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

<sup>101</sup> “Batismo nas águas” é o rito de iniciação realizado através da imersão do fiel em um tanque de água ou em rio, de forma que, a partir de então, o fiel se torna membro da igreja, podendo participar de todas as suas atividades, inclusive da “Santa Ceia” (conhecida em algumas igrejas como Eucaristia).

O interior da revista *Lições Bíblicas* é rigorosamente subdividido em 13 ou 14 lições (dependendo do trimestre) de forma a ser utilizada durante todos os domingos do trimestre a que se destina. Com um assunto central para a revista, os capítulos discorrem assuntos a ele relacionados, de forma a manter a coerência de ideias e cumprir a finalidade na doutrinação por meio do periódico.

O papel do texto bíblico é de suma importância. Antes de qualquer lição, há sempre um texto que a fundamenta, o que confere maior credibilidade à revista e a torna de certa maneira, inquestionável. Este texto, também chamado de “texto áureo” vem acompanhado de uma verdade prática que traz uma lição moral ou um esclarecimento que visa a vida cotidiana dos leitores, seguido de outro(s) texto(s) bíblico(s). Este(s) último(s) pode(m) ser tirado(s) de vários textos canônicos e recebem o nome de “Leitura em classe”. Conforme demonstraremos no capítulo “Representações do tempo no discurso institucional assembleiano”, os textos bíblicos desempenham um papel importantíssimo na construção da visão de mundo do fiel, e são geralmente interpretados com literalidade e sempre buscando uma aplicabilidade para a vida cotidiana. Essa hipótese se reforça com outro elemento das lições da revista *Lições Bíblicas*, pois ela vem com uma lista denominada “Leitura Diária” à qual o fiel deve se utilizar para seu “devocional”<sup>102</sup> diário. A partir daí é possível interiorizar dia a dia a mensagem proposta pela IEAD.

Estas características físicas da revista não mudaram ao longo dos anos pesquisados, mas permaneceram e ainda permanecem as mesmas. Outra característica que não mudou foi a baixa rotatividade de escritores, adiante discorreremos um pouco mais sobre isso e sobre suas implicações.

A outra fonte utilizada, o jornal *Mensageiro da Paz*, embora se aproxime mais das especificidades de um “jornal”, principalmente por seu formato e por não apresentar uma segmentação específica, delas se distancia no quesito periodicidade. Ao contrário dos jornais comuns com tiragem diária, o *Mensageiro da Paz* tem tiragem mensal e se direciona principalmente ao público assembleiano, com linguagens específicas da própria instituição. Ambas publicações, por serem compreendidas nos termos que os nomeia no interior da IEAD, serão assim chamados, mas também poderão receber nesta pesquisa a nomenclatura adicional

---

<sup>102</sup> “Devocional” é o período do dia que o fiel deve tirar em particular para orações e leitura da Bíblia.

de “periódicos” por ser a que, em nossa concepção, mais se aproxima do que de fato representam institucionalmente.

Tanto o jornal *Mensageiro da Paz*, quanto a revista *Lições Bíblicas* são publicações oficiais da Casa Publicadora das Assembleias de Deus<sup>103</sup>. Suas comercializações representam receitas para os cofres da editora e também para a CGADB. O Estatuto da convenção estabelece que 3% do faturamento bruto mensal da CPAD devem ser encaminhados para a CGADB, já que aquela está vinculada administrativamente a esta. A utilização destes recursos, segundo o Estatuto se daria no sentido de “prover as despesas dos órgãos da Convenção Geral, a critério da mesa diretora”<sup>104</sup>, o que não deixa muito transparente a sua destinação.

O valor destinado à CGADB não incide apenas sobre lucro, já que a dedução se realiza sobre o valor bruto. Assim, analisar as publicações envolve, não apenas analisar escritos de cunho religioso e que envolvem certo grau de “convicções” religiosas sinceras. Envolve também analisar produtos comerciais extremamente vantajosos, com alta capacidade de liquidez e que, por isso, também são elaborados visando interesses econômicos, sendo estas, características que devem ser levadas em consideração na pesquisa.

Considerar fatores econômicos e concernentes às relações de poder da IEAD é importante para esclarecer que não apenas buscamos os “porquês” ou as “pretensões” da cúpula assembleiana enquanto seres humanos religiosos. Nosso interesse é também levar em consideração os indivíduos enquanto inseridos em uma sociedade secular e que nela têm aspirações e necessidades. Isso não equivale dizer que toda forma de lucro ou exploração econômica seja aceita, mas que devem ser entendidas nas relações complexas que se formam na teia social. Entendendo as relações complexas que envolvem toda a forma de vida e sociabilidade dos seres humanos religiosos, Geertz já nos alertava para a necessidade de uma explicação que se aproxime ao máximo do entendimento do grupo pesquisado.

<sup>103</sup> CPAD. É uma editora e gráfica dá própria igreja com sede no Rio de Janeiro.

<sup>104</sup> CGADB. *Estatuto da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, Porto Alegre, 28 de fevereiro de 2007, Art. 86, IV. Disponível em <<http://www.cgadb.com.br/>> acesso em 17/12/2011. Itálicos nosso.

A abordagem de uma teoria de valor que olhe o comportamento de pessoas reais em sociedades reais, vivendo em termos de culturas reais procurando tanto o seu estímulo como a sua validade, irá afastar-nos dos argumentos abstratos [...] nos quais um número limitado de posições clássicas é repetido sempre e sempre, [...] voltando-se para um processo de introspecção cada vez maior tanto para o que são os valores como para como eles atuam.<sup>105</sup>

Entendemos que compreender as motivações das publicações dos órgãos de doutrinação e informação da IEAD passa pela ideia exposta pelo antropólogo, que via a necessidade de se construir explicações sobre as religiões que fugissem do lugar comum à que se encontrava em sua época. Atualmente, observamos que os estudos sobre a religião também se voltam, em grande parte, para o entendimento de que esta se reveste de um obscurantismo pré-moderno, repleto de interesses mesquinhos e ludibriosos. Não desacreditamos totalmente nisso, mas não cremos que seja absolutamente assim, por isso buscamos algo além dos interesses econômicos nas publicações e, principalmente, nas motivações e nos discursos presentes nas publicações; buscamos somar esta compreensão com o entendimento de que a religiosidade é formada por seres humanos vivendo em sociedades reais e que têm necessidades e características construídas culturalmente, como qualquer indivíduo de qualquer grupo social.

Ao folharmos a revista *Lições Bíblicas* e o jornal *Mensageiro da Paz* percebemos que os mesmos não possuem número de tiragem, o que dificulta a informação a respeito dos possíveis benefícios financeiros que trazem à instituição. O que podemos salientar com certeza é que estes benefícios são expressivos, dada a quantidade de fiéis e de agregados e à centralização da publicação e impressão nas mãos da CPAD.

Em nossa pesquisa, sentimos a necessidade de estar mais próximo do processo de confecção dos periódicos que nos serviram de fonte, e assim o fizemos. Estivemos em viagem no mês de setembro/2011 à cidade do Rio de Janeiro para realizar a pesquisa nas publicações do *Mensageiro da Paz*, fontes que ainda não tínhamos em mãos. Ficamos por uma semana examinando tanto os periódicos, quanto as instalações da CPAD, e realizamos entrevistas enriquecedoras junto ao coordenador do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal<sup>106</sup>, pastor Isael Araújo, e ao editor do jornal *Mensageiro da Paz*, pastor Silas Daniel.

<sup>105</sup> GEERTZ, Clifford. Op. Cit. p. 103.

<sup>106</sup> CEMP

As conversas e entrevistas realizadas junto a Isael Araújo foram esclarecedores no sentido de abrirem novos horizontes para a compreensão da história da IEAD, especialmente do ponto de vista da própria instituição. Adequando à temática que escolhemos, isto é, ao estudo do tempo assembleiano, delineamos no capítulo “Representações do tempo no discurso institucional assembleiano” as interpretações de Araújo acerca da história da instituição, mostrando que a mesma possui uma visão um pouco distinta da história oficial do pentecostalismo no Brasil, história que se construiu no meio acadêmico, diga-se de passagem. Um olhar para o que essas pessoas têm a dizer se faz necessário em nossa concepção, para darmos voz também a quem é objeto de nossas análises quase sempre arbitrárias e unilaterais.

O contato que tivemos com Silas Daniel não foi tão amplo. O mesmo apresentou uma agenda bastante cheia, mas que se abriu para realizarmos uma breve entrevista. Durante a entrevista buscamos abordar principalmente aspectos técnicos do *Mensageiro da Paz*, como publicações, tiragens e propaganda. Ao ser por nós provocado acerca da ausência da informação de tiragem do jornal, o editor se esquivou afirmando que “o *Mensageiro da Paz* não tem costume de publicar tiragens”, declarando que basta olharmos as edições desde o seu começo, na década de 1930, e constataremos isso. No entanto, não omitiu a tiragem mensal que fica em torno de 150 mil exemplares. Ao ser questionado quanto o *Mensageiro da Paz* representa do faturamento anual da CPAD, no entanto, Silas Daniel omitiu, alegando não poder nos dar esta informação sem um prévio consentimento da direção da casa.

Chamou-nos a atenção, ainda, a redação do jornal, composta em sua maioria por pessoas com qualificações profissionais adequadas, o que nos impressionou, pois achávamos que se tratavam apenas de funcionários vinculados à IEAD. Isso revela que a publicação preza não apenas pelo aspecto doutrinário, mas pela qualidade técnica. Os artigos e materiais recebidos de igrejas de todos os lugares do Brasil passam pelo crivo de profissionais da publicidade e do jornalismo antes de serem publicados no *Mensageiro da Paz*.

Apesar de não termos a informação do percentual representado pelo *Mensageiro da Paz* no faturamento da CPAD, o editor nos forneceu a tiragem que, se multiplicada pelo valor atual (R\$ 1,95) representa um faturamento mensal de aproximadamente R\$ 292.500,00, e anual de R\$ 3.510.000,00. Por ocasião do

centenário das IEAD brasileiras, a instituição publicou no mês de agosto/2011 280 mil exemplares, 130 mil a mais que o normal para o mês. Os números mostram a capacidade de publicação da editora vinculada à igreja, bem como a capacidade de liquidez de tantos exemplares. Eles também nos serviram para realizar o seguinte questionamento, que buscamos nesses dias na CPAD responder através da pesquisa às fontes: “Como em uma instituição tão grande como é a IEAD, que está dividida em Convenções estaduais e subdividida em campos eclesiais regionais e, mesmo, em igrejas locais, consegue manter a hegemonia do *Mensageiro da Paz* e tiragens relativamente altas?”. A resposta veio da entrevista de Silas Daniel e da análise das fontes.

Durante o processo de pesquisa, constatamos que no ano 2000 o *Mensageiro da Paz* passou a ser publicado quinzenalmente ao invés de mensalmente, como sempre foi. O preço do periódico caiu de R\$ 1,25 para R\$ 0,75. Na prática, no entanto, para os leitores assíduos, o jornal deixa de custar R\$ 1,25 e passa para R\$ 1,50 por ter duas publicações mensais. Essa mudança de comportamento da publicação do *Mensageiro da Paz* nos intrigou, mas por pouco tempo. Silas Daniel nos esclareceu que o ano de 1999 foi marcado por uma diminuição brusca da tiragem do jornal, caindo de 150 mil mensais para 25 mil. Isso ocorreu porque muitas igrejas regionais e locais passaram a publicar seus próprios periódicos, não agradando a CGADB e a CPAD.

Uma reunião da cúpula da CGADB com os pastores regionais foi organizada no sentido de censurar toda publicação que não viesse da CPAD. Na prática, essas publicações descentralizavam o domínio da informação e poderiam representar, ainda, um perigo para o controle da doutrinação da igreja. Somado a isso, temos o prejuízo acarretado à CPAD com os inúmeros periódicos publicados sem o seu consentimento. Nesse sentido, acreditamos que o aumento das edições do *Mensageiro da Paz* de uma para duas ao mês durante os anos de 2000 e 2001, pode ter sido uma maneira de recuperar parte dos prejuízos causados por essa drástica diminuição nas tiragens. O “acordo de compadres” realizado no interior da CGADB permitiu, segundo cremos, um novo fôlego ao *Mensageiro da Paz*, que dois anos depois (em 2002) tornou-se mensal novamente.

O que foi descrito ajuda-nos a desmistificar uma visão totalmente religiosa dos interesses das instituições religiosas. As informações que buscamos para este trabalho revelam que há interesses econômicos e políticos que movem a

IEAD e que, para fins de compreensão de sua cosmovisão, representam algo importante a ser considerado. A manutenção do poder econômico e o controle das visões de mundo podem ser consideradas uma realidade expressa através desses acordos para manter a hegemonia do *Mensageiro da Paz* e, conseqüentemente, do privilégio do controle da informação da cúpula assembleiana.

Outro ponto a ser considerado é o quesito propaganda que também fica por conta da CPAD. Como não trabalha apenas com as duas publicações pesquisadas, produzindo também livros, revistas e, ainda, possuindo uma gravadora evangélica, a CPAD utiliza-se do poder de alcance da revista *Lições Bíblicas* e do *Mensageiro da Paz* para realizar suas propagandas, inclusive monopolizando a divulgação comercial nas publicações.

Com alcance ainda mais amplo do que o *Mensageiro da Paz*, é a revista *Lições Bíblicas* o carro chefe da CPAD. O poder centralizador da CGADB mantém a grande maioria das igrejas filiadas sob a doutrina assembleiana através das revistas, pois estas igrejas utilizam amplamente as revistas nas Escolas Bíblicas Dominicais. As revistas *Lições Bíblicas* vêm com um anexo contendo propaganda dos produtos oferecidos pela CPAD, o que deixa ainda mais visível o interesse comercial da instituição na publicação do periódico. Talvez isso ajude a explicar a ausência de imagens na revista. Sem deixar de considerar a importância discursiva como processo de doutrinação, sem imagens é possível entender que o leitor volta-se não apenas para a palavra, mas também para os produtos vendidos pela instituição, estes sim expostos em um catálogo muito bem elaborado.

Ao visitarmos o parque gráfico da CPAD observamos, além de revistas em língua portuguesa, também uma grande quantidade impressa no idioma espanhol, isso porque a editora é responsável também pelo envio das revistas doutrinadoras para muitas igrejas da América Latina. Podemos concluir, assim, a respeito do amplo alcance e vendagem da revista *Lições Bíblicas*, e o que isso representa em termos de formação de visões de mundo e de obtenção de lucros.

Outros suportes pedagógicos também são colocados à venda pela CPAD para o estudo das lições da revista. Como exemplo, temos revistas diferenciadas para professores<sup>107</sup>, com comentários complementares sobre cada

---

<sup>107</sup> A grande maioria das revistas *Lições Bíblicas* que nos serviram de fonte são de professores. Para o reconhecimento das mesmas basta olhar o termo “Mestre” entre parênteses nas citações bibliográficas. As que não apresentam este termo são de alunos.

lição; mapas; estudos; comentários paralelos; literatura auxiliar, etc. A CPAD disponibiliza em seu site e também coloca à venda materiais que auxiliam o professor e o aluno na compreensão da mensagem doutrinária que a revista *Lições Bíblicas* deseja passar. Todos estes suportes focalizam-se no periódico, servindo como ferramentas para melhor compreensão da mensagem escrita.

Ao contrário do que ocorre com o *Mensageiro da Paz*, a revista *Lições Bíblicas*, por ser um periódico de doutrinação é elaborada sob o mais rígido controle da IEAD. A capacidade que a instituição possui de uniformização dos seus ensinamentos reside no fato de que, mesmo em meio à mudança de comentarista (escritor), todos passam por um crivo da própria igreja, submetendo-se à análise do consultor teológico que, de alguma maneira, mantém a doutrinação dentro dos padrões considerados aceitáveis pela cúpula eclesiástica. Os escritores, por sua vez, não variam muito, de forma que as doutrinações responsáveis pela formação da visão de mundo dos fieis passam quase que sempre pelas mesmas pessoas.

A baixa rotatividade de escritores da revista *Lições Bíblicas* apontam para a existência de uma espécie de “elite intelectual assembleiana”<sup>108</sup> que também pode ser constatada nas principais seções (inclusive editoriais) publicadas no jornal *Mensageiro da Paz*, nas quais nomes de escritores das revistas podem ser encontrados. Parece-nos que a manutenção dessa elite no controle doutrinário e das informações facilita a manutenção do poder nas mãos de alguns dentro da IEAD, de forma que os fieis ficam à mercê desses indivíduos que controlam a igreja há tempos. Isso não quer dizer que as formas de controle ofusquem as convicções religiosas dos líderes que, em sua maioria, cremos, acreditam realmente que estão fazendo a coisa certa, pregando a “verdade”. No entanto, isso cria um círculo vicioso em que os fieis se tornam, de alguma maneira, reféns sempre das mesmas pessoas, como se estas fossem especialistas em tudo no que concerne à Bíblia e à religião.

Nossa tentativa de pensar as representações do tempo da IEAD se dá no sentido de buscar analisar os discursos institucionais presentes nestas publicações, sempre levando em consideração que são meios midiáticos intencionais de produção de ideologias que, conforme entendemos, manifestam e

---

<sup>108</sup> Se olharmos nas fontes dispostas no final deste trabalho, constataremos a baixa rotatividade de escritores. Nomes como Elienai Cabral, Eurico Bergstén, Geremias do Couto, Esequias Soares, Antonio Gilberto, Elinaldo Renovato, Claudionor de Andrade e Eliezer Lira formam o que chamamos de “elite intelectual assembleiana”, de forma a parecer que são especialistas em tudo. Estes, além de manter o controle da produção intelectual, ainda acumulam diversos outros cargos eclesiásticos e administrativos na igreja.

podem contribuir para formar as representações de mundo dos fieis que são, a todo o momento, levados a compreender que estão vivendo em um momento escatológico. Tal compreensão passa pelo entendimento do que é a IEAD e o que seus meios midiáticos representam enquanto órgãos considerados “oficiais” para a manutenção da cosmovisão da própria igreja.

#### 4 REPRESENTAÇÕES DO TEMPO NO DISCURSO INSTITUCIONAL “ASSEMBLEIANO”

A IEAD tem algumas características comuns ao grupo religioso denominado pentecostal. Apesar de essa nomenclatura ser amplamente utilizada em nossa sociedade para classificar as instituições religiosas que, via de regra, acreditam na manifestação do Espírito Santo através da *glossolalia* e dos dons espirituais<sup>109</sup>, há especificidades em cada uma delas que determinam muito das características que as singularizam e estabelecem uma identidade no meio social em que se encontram arraigadas. Pensar a IEAD e as representações do tempo que lhe são inerentes significa levar em consideração tais especificidades, abordando pontos que sejam capitais para a compreensão do fenômeno religioso expressivo que se tornou a referida instituição. Acreditamos que a importância numérica por nós explanada na introdução deste trabalho, abordando reflexivamente os dados censitários que nos são apresentados pelo IBGE, tornam esta pesquisa mais relevante, já que tais informações corroboram para a afirmação da importância quantitativa da IEAD, sendo tal relevância por nós sentida também no âmbito sociocultural<sup>110</sup>.

Antes de tudo, gostaríamos de situar o leitor na história e nos debates acerca do pentecostalismo, da sua nomenclatura e da crença a respeito de suas origens. Compreender isso ajudará a entender como se formam as cosmovisões pentecostais, essenciais para se entender a concepção de tempo da IEAD, tema central desta pesquisa.

O pentecostalismo assume, desde a sua fundação, uma postura de literalidade na interpretação da Bíblia. Para o desenvolvimento da doutrina pentecostal, o texto de Atos capítulo 2 é fundamental, pois nele se manifestam, segundo se crê, as provas físicas da veracidade das manifestações pentecostais. Segundo Synan<sup>111</sup>, pastor e historiador do pentecostalismo, as evidências manifestas por meio de sinais de *glossolalia* existentes no texto bíblico se tornaram

<sup>109</sup> Uma descrição dos dons espirituais está contida em 1 Coríntios 12:1-12. Conf. BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000. p. 919.

<sup>110</sup> A pesquisa de peso mais recente que temos mostra a Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil como a segunda religião mais popular do país com o expressivo número de 5,77% da população, perdendo apenas para a Igreja Católica em um universo religioso tão amplo e plural quanto o que um país multietnico como este poderia ter. Conf. NERI, Marcelo C. *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 20.

<sup>111</sup> SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009. Esta obra foi analisada com cautela, pois se trata de uma obra comemorativa do movimento pentecostal mais que uma obra de história propriamente, e o autor escreve mais como teólogo do que como historiador.

inexpressivas após a aceitação conquistada pelo cristianismo no Império Romano à época de Constantino. A ausência de um ambiente propício de perseguição fez com que a igreja primitiva perdesse o carisma, voltando-se a expressões de fé “ritualistas e sacramentais”, conforme era no judaísmo<sup>112</sup>. A ideia de que as manifestações do Espírito Santo foram um evento isolado de fundação da igreja se tornou amplamente aceita, surgindo, assim, a “Teoria Cessacionista”, que tem em Agostinho um grande defensor<sup>113</sup>.

Salvo manifestações inexpressivas ao longo da história do cristianismo, o “cessacionismo” durou aproximadamente 1700 anos, chegando ao século XIX onde, por meio do movimento de santidade iniciado pelos seguidores de John Wesley, passou a ganhar o cenário ocidental novamente, vindo a culminar no movimento *Holiness* estadunidense. O “ressurgimento” do pentecostalismo foi, na visão dos fieis da época, a clara manifestação de que o mundo estava se aproximando de seu fim, pois, segundo as profecias bíblicas, especialmente a profecia do livro canônico do profeta Joel, esse acontecimento seria precedido por uma intensa manifestação do Espírito Santo: “E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões” (Joel 2:28)<sup>114</sup>.

O momento predito pelo profeta é apropriado pelos primeiros pentecostais e aplicado ao fenômeno que ganha grandes proporções nos EUA e, posteriormente, no mundo. Este momento é também retratado pela IEAD através de sua *Bíblia de Estudo Pentecostal* em que o comentarista Donald Stamps interpreta a profecia:

Joel prediz um dia em que Deus derramará o seu Espírito sobre todo aquele que ‘invocar o nome do Senhor’. Este derramamento resultará num fluir sobrenatural do Espírito Santo entre o povo de Deus. [...] Esta profecia é uma promessa perpétua para todos quantos aceitem a Cristo como senhor, pois todos os crentes podem e devem receber a plenitude do Espírito Santo [ou Batismo com o Espírito Santo].<sup>115</sup>

No texto e na interpretação que dele se faz por Stamps, temos duas questões importantes a abordar. A primeira diz respeito à importância da profecia

<sup>112</sup> Ibid. p. 34.

<sup>113</sup> A “Teoria Cessacionista” defende que as manifestações glossolálicas e extáticas foram apenas um evento fundante da Igreja Primitiva, necessária para que as pessoas daquela época pudessem crer em Jesus e na autoridade da Igreja, ideias também defendidas por Santo Agostinho. Conf. Ibid. p. 34-35.

<sup>114</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000, p. 724.

<sup>115</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1290. Grifo nosso.

para a elaboração da cosmovisão do pentecostalismo. Mesmo perante a sociedade industrial em ascensão, como era o ocidente do século XIX, notamos que, no plano religioso, a crença nas profecias permanecem e cumprem seu papel. Não negamos a secularização pela qual o mundo passava nesse momento, no entanto, temos que levar em consideração a pluralidade de grupos que conviviam nesses meios laicizados que se tornaram as sociedades ocidentais pós-industrialização. Assim, o pentecostalismo desenvolveu sua compreensão do mundo paralelamente ao que ocorre nesse mundo, mas apropriava-se desses eventos, interpretando-os à luz da sua visão religiosa. As profecias são interpretadas, apropriadas e utilizadas para justificar um evento importante para o ser humano religioso, o fiel pentecostal, e produzem nesses indivíduos, para quem o mundo está envolvido numa aura divina, a certeza de que os eventos do carisma são um sinal, uma hierofania divina de que o tempo da história está chegando ao seu derradeiro momento<sup>116</sup>.

A segunda questão refere-se à apropriação que o ser humano religioso faz dessas profecias, inserindo-se no tempo do mito, ou seja, colocando-se como participante direto da manifestação hierofânica que é o Batismo com o Espírito Santo (evidenciado pela *glossolalia*). Chartier nos indica um dos elementos que torna essa apropriação possível ao mostrar como se dá a partilha de um acontecimento narrado em um livro considerado sagrado, e como este evento é projetado na vida dos leitores do presente, isto é, como o tempo presente se funde em um passado sagrado a partir da leitura da Bíblia, de forma a não percebermos separação, mas um *continuum* temporal que se manifesta na possibilidade do fiel “penetrar” na história bíblica como participante da manifestação divina. Sobre a leitura da Bíblia, Chartier diz que:

[...] tem suas regras próprias: leitura, releitura, conhecimento de memória, leitura compartilhada, articulação entre leitura em casa e a leitura da Bíblia no templo. [...] ao concluir o livro deve se começar de novo: o texto já é conhecido pelo indivíduo, que projeta sua vida no texto, incorporando-o à sua existência pessoal e apagando toda diferença entre ficção e realidade.<sup>117</sup>

Por isso, compreender de que lugar social o indivíduo está falando é importante para entender o seu discurso, e analisar as representações que ele faz

<sup>116</sup> Koselleck nos aponta a importância das profecias para a história e para o pensamento religioso. Conf. KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit. p. 32.

<sup>117</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 113-114.

desse discurso e sua aplicação à realidade vivida<sup>118</sup>. No caso pesquisado, estamos abordando o discurso do grupo religioso que se autodenomina pentecostal e, também, uma leitura que faz da manifestação glossolálica e sua importância para a compreensão do tempo no âmbito do movimento e da própria IEAD. Os eventos que se seguem no século XIX a partir do movimento *Holiness* são representativos no sentido de estabelecer a identidade do movimento que surgiu com raízes na Reforma<sup>119</sup>, e que se expandiram numericamente tornando-se o fenômeno religioso que, proporcionalmente, mais cresce no mundo contemporâneo.

O fenômeno da *glossolalia*, por sua vez, na apropriação que dele se faz dentro do pentecostalismo, representa um sinal de que o fim dos tempos está próximo. Ao pensar dessa forma sobre a representação e apropriação do fenômeno no século XIX, temos que levar em consideração o contexto histórico do momento. Uma possível associação foi feita por Synan a esse respeito e a consideramos válida para este debate. Segundo o autor, os ecos da Revolução Francesa e os rumores que se alastraram sobre o Terror, ajudaram a reascender a crença no fim dos tempos de forma que, para os seus contemporâneos, as línguas seriam um sinal e o ressurgimento do milenarismo outro<sup>120</sup>. Sobre este último abordaremos com mais detalhes adiante ao tratarmos a escatologia assembleiana.

As interpretações sobre o tempo feitas no âmbito do cristianismo sempre tiveram como base os acontecimentos político-sociais-econômicos, pois a história do mundo é interpretada como uma hierofania divina. A Revolução Francesa e a onda de racionalismo que vinha com o pensamento iluminista, muito em voga naquele momento, representavam um perigo para a religião e para as estruturas temporais e espirituais que compõem o fenômeno religioso. Logo, essas mudanças não poderiam ser vistas de outra forma, senão como um sinal divino já antes previsto pelas Escrituras Sagradas e reforçado com o crescente estudo das profecias bíblicas que se observou à época. O que foi o reaparecimento do debate no meio religioso acerca do Milênio, senão a evidência da preocupação com os

<sup>118</sup> Conf. CHARTIER, Roger. Op Cit. p. 16-17.

<sup>119</sup> Há um debate acerca da filiação ou não do pentecostalismo à Reforma Protestante do século XVI. Concordamos, a partir da compreensão da obra de Synan e da abordagem de Leonildo Campos que esta filiação é legítima, pois, conforme o aquele escreve “os primeiros pentecostais não se consideravam uma entidade separada. Em vez disso, viam em si mesmos como um movimento ‘interno’ da Igreja, permitido por Deus para trazer nova vida a um corpo mal governado e carente de espiritualidade. [...] Eles se referiam ao movimento e a si mesmos como ‘não denominacionais’”, conf. SYNAN, Vinson. Op. Cit. p. 79. Ver também CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*. São Paulo: n° 67, 2005.

<sup>120</sup> SYNAN, Vinson. Op. Cit. p. 38-39.

eventos apocalípticos? Assim o tempo secular é apropriado pelo tempo sagrado; assim o tempo sagrado manifesta sua supremacia para o fiel que nele crê; assim os medos e esperanças se manifestam nas práticas sociais das quais, segundo cremos, o pentecostalismo é uma manifestação evidente.

Concomitantemente a esses acontecimentos vistos como perigosos para a religião, a conjuntura social estadunidense, berço do movimento pentecostal, também se mostrava conturbada por conflitos internos, especialmente tensões de ordem econômica e racial. A Guerra de Secessão<sup>121</sup> foi, sem dúvida, a manifestação mais conhecida do contexto socioeconômico estadunidense do século XIX, nela podemos perceber a divisão política existente e os interesses que a acompanhavam, onde os Estados do Norte entraram em conflito com os Estados do Sul, majoritariamente agrário, buscando a manutenção dos interesses de consolidação do capitalismo e da industrialização, disfarçando sua intenção com a luta pelo fim da escravidão. As primeiras doutrinas que deram origem ao movimento pentecostal já existiam nos EUA há pelo menos um século oriundas do movimento *Holiness*, e traziam consigo elementos importantes desse contexto, entre eles, as diferenças étnicas que se faziam sentir inclusive entre as denominações religiosas que professavam a crença nas manifestações do Espírito Santo.

As manifestações extáticas e a crença em “sinais sobrenaturais” e “milagres” não eram bem vistas por uma grande parcela da população dos EUA, tornando as igrejas *Holiness*, na visão de Leonildo Campos, igreja de “deserdados, que arregimentam pobres”<sup>122</sup>, em outras palavras, a igreja de minorias, entre elas, negros. O discurso de intolerância também se manifestava na imprensa que via o movimento de forma pejorativa, ajudando a propagar essa visão na sociedade. Por tudo, pode-se interpretar que os fieis, ao se apropriar da visão cristã do fim dos tempos, construíram suas representações acerca de sua sociedade de forma a compreenderem-se vivendo em dias que precederiam este evento. A conjuntura de guerra civil, extrema desigualdade social, os eventos de alcance global que lhes chegavam ao conhecimento, aliados ao grande derramamento do Espírito Santo que estavam presenciando não poderiam representar outra coisa, senão que “Cristo estaria próximo”.

---

<sup>121</sup> HOBBSBAWM, Eric. *A Era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

<sup>122</sup> CAMPOS, Leonildo S. Op. Cit. p. 104-105.

É importante considerar que as representações sobre o tempo dentro do pentecostalismo, em seu início, realizaram releituras de visões escatológicas que seguem o cristianismo desde os seus primórdios, adaptando-as à sua realidade social. Novamente temos que tomar o debate sobre a teoria do desenvolvimento e da evolução social para compreender a linha de raciocínio que estamos traçando. Não existe de fato uma nova busca acerca do fim, mas uma releitura, uma adaptação a partir da realidade vivenciada, uma construção a partir de um patrimônio de conhecimento previamente estabelecido. Todos que pensam, pensam a partir de alguma coisa, mesmo o gênio parte de um princípio estabelecido e cria a partir de categorias humanas compreensíveis. Conforme já nos disse Marc Bloch ao citar o provérbio árabe, “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”<sup>123</sup>.

Sobre a conjuntura social dos EUA e sua repercussão no movimento pentecostal, temos que considerar que as incertezas vividas pós Guerra de Secessão, cujos efeitos podiam ser sentidos na crise agrícola, no êxodo rural e no inchamento das cidades, tanto por camponeses, quanto por imigrantes brancos vindos de diversos países europeus em crise, configuraram um movimento que buscava na vida regrada e no desejo de aceitação social (ao menos pelos de sua posição econômica/social) uma forma de se reerguer, de adquirir uma identidade e dignidade. Assim, o ascetismo foi uma das marcas do movimento *Holiness* que veio a constituir o pentecostalismo e, por muito tempo, também foi marca registrada deste em conjunto com a *glossolalia*. Conforme Synan nos aponta:

Aquelas igrejas também adotaram códigos estritos de santidade, proibindo aos seus membros o fumo, as bebidas alcoólicas e a frequência ao teatro e a outros lugares considerados “mundanos”. Também havia restrição a esportes, a adornos exteriores (como o batom e o ‘cabelo cortado’) e roupas indecentes.<sup>124</sup>

Essa visão de total separação do mundo secular também imperou nas primeiras igrejas pentecostais brasileiras. No caso da IEAD, em muitos lugares, ainda permanecem os preceitos que devem ser seguidos em relação ao comportamento asceta. Alguns desses princípios, no entanto – especialmente aqueles que se referem a vestimentas e frequência a alguns lugares considerados “mundanos” – têm sido superados gradativamente no comportamento cotidiano dos

<sup>123</sup> BLOCH, Marc. Op. Cit. p. 60.

<sup>124</sup> SYNAN, Vinson. Op. Cit. p. 137.

fiéis, permanecendo, segundo vemos, apenas aqueles que apontam para hábitos luxuriosos, viciantes, ou de uso de substâncias como bebidas, cigarro, entorpecentes, etc. Tal constatação pôde ser notada em nossas pesquisas de campo e nos discursos que surgem dos púlpitos das IEAD. Certamente essas mudanças respondem a novas configurações sociais que se apresentam para a instituição, mas este não é nosso enfoque. Importa-nos entender que, embora tenhamos mudanças no comportamento cotidiano, percebemos que o discurso institucional não deixa de lado algo que é tão importante para a IEAD e para o pentecostalismo desde os seus primórdios: a *glossolalia* e a ênfase de que “estamos vivendo nos últimos tempos”. Observemos o que defende o primeiro manifesto teológico elaborado no âmbito do pentecostalismo, no início do século XX comparado com o *slogan* da IEAD:

1. Justificação pela fé
2. Santificação como uma segunda, definitiva e perfeita obra da graça
3. Batismo no Espírito Santo evidenciado pelo falar em línguas
4. Cura divina como parte da expiação
5. Doutrina pré-milenarista da segunda vinda de Cristo<sup>125</sup>

Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará<sup>126</sup>.

Na comparação entre os textos podemos observar que, em ambos os casos há ênfase na questão da *glossolalia* e na volta de Cristo, sendo este último, um evento capital para a consumação da história da humanidade. Interessante perceber que, embora tenhamos mais de cem anos de movimento pentecostal, sua mensagem central permanece inalterada dentro do chamado pentecostalismo clássico ou de primeira “onda”<sup>127</sup>. Os eventos que seguiram todo o século XX<sup>128</sup>, o frenesi que contagiou esta época, as guerras, o desenvolvimento das ciências, da técnica, da tecnologia da informação no âmbito secular foi, do ponto de vista do ser humano religioso, em nosso caso, do pentecostal, sacralizado, interpretado como teogonia divina e visto como manifestação do projeto divino para a salvação, pois Jesus “breve voltará” para pôr fim ao processo histórico.

A influência do ponto de vista do pentecostalismo estadunidense ainda permanece dentro das IEAD do Brasil quando se trata da questão tempo, como se

<sup>125</sup> Ibid. p. 168.

<sup>126</sup> CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1515, p. 1, Ago/2011.

<sup>127</sup> O conceito de “onda” parece-nos ser importado do campo de estudos das religiões dos EUA, pois, além de Freston, também Synan utiliza-o, o que nos leva a compreender que este estudioso traz esta categoria (muito criticada por alguns pesquisadores) para o estudo do pentecostalismo brasileiro. Conf. SYNAN, Vinson. Op. Cit. e FRESTON, Paul. Op. Cit.

<sup>128</sup> Conf. HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

vê na comparação. Não apenas a ideia de uma finalidade para a história, mas de um fim iminente é muito claro na doutrina assembleiana, e é esta especificidade que buscamos nesta pesquisa. Compreender a filiação ao movimento de santidade que despontou nos EUA é imprescindível se queremos entender a compreensão de tempo da instituição pesquisada, pois é consenso até o momento que o pentecostalismo finca raízes no movimento *Holiness*, dentre outros, sendo por este profundamente influenciado, de forma que todo o contexto até aqui apresentado serve como pano de fundo para o aparecimento e a consolidação do conceito de pentecostalismo, contribuindo para tanto Charles Fox Parham (1873-1929), de quem o pentecostalismo ganhou uma primeira sistematização da doutrina da *glossolalia* como ‘evidência bíblica’ do Batismo no Espírito Santo<sup>129</sup>. Suas caravanas de pregação do evangelho o fizeram conhecido, assim como sua doutrina, por vários lugares dos EUA.

Na compreensão acerca do tempo que se pode sentir do âmbito do pentecostalismo nascente, a contribuição de Parham foi importante no sentido de que lançou aos fiéis a ideia de que para se salvar da tribulação do final do tempo a única saída seria a aceitação das manifestações do Espírito Santo. Corroborando com a interpretação de que as manifestações extáticas e glossolálicas seriam um sinal do derramamento do Espírito predito pelo profeta Joel para os últimos dias, não restava outra escolha ao movimento senão a propagação desta mensagem a todos quantos fosse possível<sup>130</sup>.

Os ensinamentos desse pregador pentecostal influenciaram um dos ícones do movimento pentecostal, o negro filho de ex-escravos William Seymour, que, do lado de fora da sala de ensinamentos de Parham, acompanhava suas pregações no Texas, impedido pelo racismo deste de adentrar ao recinto<sup>131</sup>. Estes episódios de segregação, no entanto, não ficam muito claros na abordagem de Synan, que ainda retrata o fato de o próprio Parham ter emitido credenciais de ministro pentecostal para Seymour.

De qualquer forma, foi com Seymour que o movimento pentecostal se tornou amplamente conhecido nos EUA e, posteriormente, no mundo. Ainda hoje se ouve discursos epopéicos da missão da Rua Azusa liderada por Seymour que, de

---

<sup>129</sup> SYNAN, Vinson. Op. Cit. p. 63-64.

<sup>130</sup> Ibid. p. 64-65.

<sup>131</sup> CAMPOS, Leonildo. Op. Cit. p. 108.

acordo com a historiografia contemporânea do pentecostalismo, a partir de Chicago produziu lideranças que ganharam o mundo. Foi na *Azusa Street* que o movimento pentecostal passou a ser conhecido e abordado com ênfase pejorativa pela imprensa que, segundo Campos, tratava o grupo que ali se reunia como ‘seita de fanáticos’ e como uma ‘babel de línguas’<sup>132</sup>.

O movimento da *Azusa Street* foi, sem dúvida alguma, um lugar de resistência à sociedade elitista que mantinha o poder nos EUA pós Guerra de Secessão, mantendo em seu interior espaço para negros, pobres, imigrantes, entre outros, que buscavam um significado para suas vidas e uma forma de refrigério para seus sofrimentos. Da *Azusa Street* ecoavam mensagens que faziam vislumbrar com clareza a ideia de que o tempo seria difícil e que a volta de Jesus estaria próxima, por isso, também se fez sentir nas práticas dos fieis o esforço de proselitismo ante uma sociedade que precisava urgentemente da salvação nos últimos dias, que se evidenciavam, dentre outras coisas, também pelo derramamento do Espírito Santo.

Toda a conjuntura e o que representou a Rua Azusa pode ser entendida nas palavras de Synan:

As tendências antiestruturalistas também se faziam notar nos padrões de adoração estabelecidos pela Missão da Rua Azusa. Seguindo a crença de que o Espírito Santo orientava todos os crentes, não só os líderes, qualquer um podia tomar a palavra, mesmo durante o culto, o que significava que a linha divisória entre membros e clérigos fora apagada. Era também ensino corrente que o Espírito Santo e o evangelho não podiam estar confinados às quatro paredes de um edifício religioso. Por isso, aproveitavam toda oportunidade que tivessem para testemunhar [...].<sup>133</sup>

Em nossa concepção cabem duas interpretações que se complementam sobre o movimento: 1) a *Azusa Street* foi um lugar de resistência ao poder constituído e a uma cultura que mantinha e justificava o monopólio dos grupos sociais mais abastados; e 2) a *Azusa Street* deu voz a uma parcela da população cujas ações e sentimentos eram movidos por “motivações”<sup>134</sup> de ordem existencial, a pessoas que mantinham suas vidas fundamentadas nas estruturas religiosas e, principalmente, na crença no sagrado<sup>135</sup>. É esta segunda interpretação a que mais nos interessa nesta pesquisa, pois são essas motivações que fazem com que os fieis e as instituições religiosas, dentre outras coisas, busquem propagar sua fé entre as

<sup>132</sup> *Los Angeles Times* apud Campos. Conf. Ibid. p. 110.

<sup>133</sup> SYNAN, Vinson. Op. Cit. p. 81.

<sup>134</sup> GEERTZ, Clifford. Op. Cit. p. 67

<sup>135</sup> Essas pessoas são classificadas por Mircea Eliade como *homo religiosus*. Para uma completa explanação desse conceito ver: ELIADE, Mircea. Op. Cit. p. 20, 25, 43, 52 e 59-60.

peças enxergando um tempo que se aproxima cujo desfecho, em suas concepções, seria de sofrimento para os que não aderissem à fé pentecostal. Por isso, “duas mensagens eram marteladas por todos os pregadores da Rua Azusa: a cura divina e o *retorno de Cristo* segundo a doutrina pré-milenarista”<sup>136</sup>.

A fama do movimento da *Azusa Street* fez discípulos em muitos lugares dos EUA, despertando também o desejo de levar a mensagem pentecostal para outros lugares do mundo. Dentro do movimento de tamanha amplitude também podemos constatar muitos conflitos de interesses. Campos nos aponta que questões doutrinárias referente ao dom de línguas motivaram o rompimento de uma importante liderança, William Durham, com Seymour<sup>137</sup>. Segundo a historiografia contemporânea do pentecostalismo, Durham, rompendo com a missão *Azusa Street* e formando a *North Avenue Mission*, comunidade por onde passou Daniel Berg e Gunnar Vingren, influenciou profundamente os fundadores da IEAD brasileira. Esta interpretação de filiação exclusivamente estadunidense, de influência exclusiva do movimento *Holiness* é predominante. No entanto, temos outra interpretação que exporemos adiante que indicam uma filiação mais próxima do pentecostalismo sueco.

Um aspecto da doutrina pentecostal foi importante para sua propagação, inclusive no Brasil: a manifestação extática e glossolálica do Espírito Santo. A partir da crença em manifestações proféticas, muitos fieis saíam com a roupa do corpo a fim de propagar a mensagem pentecostal pelo mundo, acreditando que o dom de línguas lhes proporcionaria falar no idioma dos povos em que fossem pregar o evangelho. Evidentemente na prática não era bem assim, muitas dificuldades acompanharam esses indivíduos que, segundo cremos, podem perfeitamente ser enquadrados na classificação de *homo religiosus*, pois toda a sua vida estava na dependência e se regia pelas estruturas do sagrado.

Observemos o caso brasileiro. Em seu diário, Gunnar Vingren anotava religiosamente seu cotidiano. Todas as experiências que vivia estavam diretamente relacionadas com a divindade, de forma que sua vida secular poderia ser encarada como uma extensão da sua espiritualidade. Ao relatar sua chamada missionária para o Brasil, Vingren escreve:

<sup>136</sup> SYNAN, Vinson. Op. Cit. p. 86. Itálico nosso.

<sup>137</sup> Estava no cerne desse desentendimento a ideia de que a salvação implicaria em três etapas (conversão, santificação e Batismo com o Espírito Santo) defendida por Seymour, ou duas (a união das duas primeiras somada ao Batismo com o Espírito Santo) defendida por Durham. Conf. CAMPOS, Leonildo. Op. Cit. p. 111-112.

Um outro irmão, Adolfo Ullidin, recebeu um dia, pelo Espírito Santo, palavras maravilhosas e mistérios escondidos, que foram revelados. Entre outras coisas o Espírito Santo falou por meio desse irmão que eu deveria ir ao Pará, onde o povo para quem eu testemunharia de Jesus era de um nível social muito simples. [...] também escutamos pelo Espírito Santo a linguagem daquele povo, o idioma português.<sup>138</sup>

A crença na manifestação do Espírito Santo por meio de profecia e dom de línguas foi fundamental, assim como a cosmovisão que os pentecostais compartilhavam, muito clara na chamada de Vingren para o Brasil, isto é, a visão de um mundo comandado por Deus, cuja necessidade de conversão era urgente, e cujo desejo de entender os “primeiros rudimentos da doutrina de Jesus”<sup>139</sup> também era iminente.

As migrações dos missionários pentecostais sem que tivessem preparo teológico e financeiro para isso, sem que tivessem igrejas comprometidas com seu sustento revela a crença de que o tempo da volta de Jesus se aproximava, sendo necessário levar a mensagem pentecostal aos povos o mais rápido possível. Nessa empreitada muitos saíram com a roupa do corpo, com poucas economias a fim de cumprir aquilo para o que acreditavam que suas vidas foram predestinadas. As últimas palavras de Vingren, relatadas por sua esposa, Frida Vingren, são especialmente esclarecedoras nesse sentido. Falando especificamente aos brasileiros, Gunnar diz:

Diga-lhes que eu vou feliz com Jesus. E, como um pai em Cristo, exorto todos a receberem a graça de Deus, que quer operar mais santidade e humildade, para que possam receber os dons do Espírito Santo. Somente desta maneira a igreja de Deus poderá estar preparada para a vinda de Jesus!<sup>140</sup>

A manutenção da fé e da vida ascética era necessária nesses últimos dias que antecederiam a vinda de Jesus, conforme acreditava o pioneiro. Apenas com a manutenção da fé pentecostal (dos “dons do Espírito Santo”) a igreja estaria preparada para exercer os dons do Espírito Santo e para a volta de Jesus e o estabelecimento dos últimos dias da história da humanidade.

A instituição fundada por Daniel Berg e Gunnar Vingren em 1911 foi a segunda igreja pentecostal a se instalar no país – a primeira foi a Congregação Cristã no Brasil. Sua consolidação em solo brasileiro não foi feita sem muitas dificuldades, muitas delas relatadas no *Diário do pioneiro*, o que valoriza no discurso da IEAD a epopéia que se fez em torno de sua história. Há alguns debates

<sup>138</sup> VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. p. 25.

<sup>139</sup> Ibid.

<sup>140</sup> Gunnar Vingren apud Frida Vingren. Ibid. p. 225. Itálicos do autor.

relevantes, para a compreensão de sua ideia de tempo, acerca da sua fundação, sua filiação e as influências sofridas. Até o presente momento, permanece consenso nas pesquisas sobre o campo religioso pentecostal brasileiro que o movimento *Holiness* foi fundamental para a formação doutrinária e da cosmogonia assembleiana. No entanto, um debate se levanta atualmente sobre até que ponto o pensamento sueco teve influência na cosmovisão dos primeiros pentecostais brasileiros.

As especificidades das diversas instituições pentecostais, bem como suas histórias já foram alvo de algumas pesquisas no Brasil, especialmente sob o olhar da sociologia. Dentre essas pesquisas podemos destacar duas que são bastante relevantes para o debate acerca do pentecostalismo: a análise de Paul Freston em sua obra “Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment”<sup>141</sup>; e a análise de Ricardo Mariano na obra “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”<sup>142</sup>.

Uma terceira visão será por nós apontada de forma germinal, pois esta ainda não encontrou ecos no discurso da história do pentecostalismo, especialmente na história da IEAD. Esta é defendida por um membro da própria igreja que estuda a instituição a mais de trinta anos, o Pastor Isael de Araujo<sup>143</sup>. Essa abordagem é de certa forma, inédita, pois contraria o que se tem falado no meio acadêmico até o momento sobre a história da igreja em questão. Tivemos acesso a ela através da pesquisa documental que realizamos na CPAD, onde tivemos contato com o referido Pastor que nos chamou a atenção para a questão. Ressalto que um estudo mais aprofundado é necessário, focando especificamente a questão que, para nós, serve apenas como ferramenta para a compreensão do tempo na IEAD.

Em primeiro lugar destacamos Paul Freston que, abordando o processo histórico de nascimento e consolidação do movimento pentecostal no Brasil, enfatiza a existência de três momentos (que ele chama de três “ondas”) em que o pentecostalismo passa por transformações, surgindo novas denominações religiosas que contêm características distintas das anteriores. Estas características

<sup>141</sup> FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da UNICAMP)

<sup>142</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

<sup>143</sup> Pastor da IEAD em Niterói, chefe do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP) da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), o Pr. Isael é um estudioso da igreja desde os seus primórdios, tendo viajado para os EUA e Suécia em busca de informações e fontes para sua pesquisa e para o enriquecimento documental da editora da instituição.

apontam para os aspectos socioculturais dos momentos históricos em que cada “onda” se manifesta.

A primeira onda marca o início do pentecostalismo brasileiro, possuindo hoje cem anos. Duas igrejas marcam esse momento histórico e dão o pontapé inicial na expansão pentecostal no país, são elas a Congregação Cristã no Brasil (1910) e a IEAD (1911). A primeira inicialmente tem um caráter regional, não se expandindo muito, embora tenha um bom crescimento inicial. Já a IEAD tem um crescimento muito expressivo, tornando-se, nas palavras de Freston, a “igreja protestante nacional por excelência”<sup>144</sup>. Sem grandes concorrentes, a IEAD seguiu hegemônica por 40 anos, ditando o ritmo e a doutrina do pentecostalismo brasileiro.

A segunda onda acontece nos anos 50 e 60 em contexto inicialmente paulista, ocorrendo expressiva fragmentação no campo pentecostal donde surgem três grandes grupos, ou igrejas, no país: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Deus é Amor (1962). Estas igrejas, segundo Freston, surgem a partir de condições objetivas que se colocam naquele momento histórico, sendo necessária certa abertura dentro da tradição pentecostal para modernas inovações tecnológicas e políticas a fim de atender uma nova e crescente demanda de indivíduos na sociedade brasileira. Como um dos principais exemplos dessa abertura temos a inserção dos pentecostais na política, sendo a Igreja O Brasil para Cristo a primeira igreja a eleger políticos em nosso país. Isso foi possível devido ao fato de que as igrejas da segunda onda não tinham em seus ombros a tradição de 40 anos de história que as prendiam em um regime ascético e de separação do mundo secular, como era o caso da IEAD e da Congregação Cristã.

Um aspecto importante que se revela nesse episódio, e que encontramos fundamentação em Geertz, aponta para o fato de que a religião nunca é puramente metafísica, mas toda postura ética pregada no interior das religiões revela muito do que se vive na realidade factual<sup>145</sup>. As aberturas que temos para as inovações que se apresentam no plano secular atestam que adaptações nas cosmovisões se fazem necessárias para atender novas necessidades que surgem no processo de desenvolvimento social.

---

<sup>144</sup> FRESTON, Paul. Op Cit. p. 66.

<sup>145</sup> GEERTZ, Clifford. Op. Cit. p. 93.

A terceira onda do pentecostalismo brasileiro remonta o final da década de 1970 e início da década de 1980, tendo como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). De contexto carioca, estas igrejas, segundo Freston “trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo”<sup>146</sup>. Assim como as igrejas da segunda onda, as da terceira utilizam-se dos meios tecnológicos para transmissão de suas mensagens, com destaque para novas formas litúrgicas e éticas. Há uma ênfase muito forte na idéia de prosperidade, indo na contramão do ascetismo das igrejas de primeira onda. Isso é explicável, em nossa concepção, pelo crescimento urbano que temos neste período, 2/3 da população vive nas cidades, de forma que o foco das próprias igrejas se desloca para os problemas e possibilidades urbanos.

Nas três etapas do desenvolvimento do pentecostalismo apontado por Freston, é possível compreender como a concepção de tempo do movimento aparece e se transforma. Sempre acompanhando o desenvolvimento da sociedade, as cosmovisões foram se adaptando de forma a representarem os anseios e necessidades dos indivíduos. Essa identificação das mudanças das posturas ética e doutrinária das igrejas que surgem – geralmente como dissidência das outras – mostram como o tempo está intimamente ligado à compreensão social que se faz dele e, ainda, a um patrimônio de saber adquirido ao qual cada sociedade, grupo ou indivíduo contribuem para aumentar<sup>147</sup>. Conforme a sociedade brasileira foi se adequando ao discurso e aos padrões de desenvolvimento técnico-científico predominante no século XX, o discurso e as práticas das instituições pentecostais foram se modificando para não perder espaço nesse novo cenário que se formava. A própria IEAD vai, gradativamente, se adequando a esse “novo” tempo que desponta<sup>148</sup>.

Em segundo lugar, temos a análise de Mariano. O autor leva em consideração a divisão realizada por Freston, mas estabelece novos conceitos para definir as “ondas”, estabelecendo algumas características rituais e litúrgicas que definiria cada nomenclatura por ele utilizada. A primeira “onda” é classificada pelo

<sup>146</sup> FRESTON, Paul. Op. Cit. p. 66.

<sup>147</sup> Conf. ELIAS, Norbert. Op. Cit. p. 9-10 e 101-103.

<sup>148</sup> Para uma abordagem sobre aspectos desse processo de adaptação dentro da IEAD ver: ARAÚJO, Arão I. A. Sob o domínio do presente: a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleiano brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo S; BENATTE, Antonio P. (Orgs.). Op. Cit. p. 163-210.

autor como pentecostalismo clássico, a segunda como deuteropentecostalismo e a terceira como neopentecostalismo<sup>149</sup>.

O pentecostalismo clássico é classificado por Mariano a partir da vida ascética de seus fieis e da ênfase na *glossolalia*. O deuteropentecostalismo, embora não tenha significativas diferenças, distingui-se do primeiro pela ênfase na cura divina. Já o neopentecostalismo representaria uma ruptura histórico-institucional, contendo mudanças significativas que, muitas vezes, opõem tudo o que se construiu historicamente como doutrina pentecostal.

Queremos abrir aqui um parêntese para uma observação de cunho analítico. Consideramos as conceituações de Mariano mais adequadas e utilizaremos seu conceito de “pentecostalismo clássico” para abordar a IEAD, pois cremos que este conceito dá a noção mais clara do que a instituição representou no cenário religioso brasileiro, especialmente como precursora das igrejas que surgiram sob a influência pentecostal. Portanto, todas as vezes que falarmos do “pentecostalismo assembleiano” estamos falando do “pentecostalismo clássico”. Outro ponto a ser considerado é o baixo grau de aceitação que o conceito de “onda” possui no campo sociológico. Sobre isso, Campos tece uma crítica relacionada à idéia de descontinuidade que o conceito gera, mostrando que ao falarmos em três “ondas” tem-se a impressão de que ao final de uma, surgem, na outra “onda”, igrejas pentecostais totalmente desprovidas de influência das igrejas da “onda” que se finda: “[...] um risco é imaginar que cada nova geração reinventa a religião, como se nada tivesse havido antes”<sup>150</sup>. Tratando dessa forma a história do pentecostalismo, teríamos uma narrativa de fatos desconexos e sem transições, sendo a história vista apenas sob a ótica da ruptura, que não é como a compreendemos.

Por fim, queremos destacar a história a partir de um pesquisador de dentro da própria IEAD. Com formação em Teologia e Jornalismo, o Pr. Isael Araujo contesta as abordagens realizadas até o momento que filiam a IEAD ao movimento *Holiness* estadunidense. Segundo Araujo, suas origens remontam a um movimento de fenômenos semelhantes aos que ocorriam no *Holiness*, que posteriormente passou a ser chamado de pentecostal, mas que teve seu *boom* primeiramente na Igreja Batista Sueca dos EUA.

<sup>149</sup> MARIANO, Ricardo. Op. Cit. p. 28-49.

<sup>150</sup> CAMPOS, Leonildo. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing em um empreendimento neopentecostal*. São Paulo: Vozes, 1997. p. 17-18 e 23.

Esta igreja, mais tarde conhecida como Grace Baptist Church, tornou-se bastante destacada na denominação. Primeiro pelo fato de ter sido liderada por pastores talentosos, e em segundo lugar, porque ela se tornou o grande ambiente para o ponto de partida e principal promotora do movimento de avivamento pentecostal, que entre os batistas suecos ficou conhecido como o “Movimento Novo” (*Den nya rörelsen*).<sup>151</sup>

O texto citado integra uma das edições do jornal *Mensageiro da Paz* e busca trazer para os fieis a “verdadeira” origem da instituição. É compreensível que o autor busque uma “verdade” já que o mesmo fala de dentro da própria igreja. Não negamos que para a história este conceito é muito relativizado, mas nos interessa aqui chamar a atenção para a questão da própria filiação que lhes parece tão cara. Araujo aponta que o “Movimento Novo” foi originado dentro da igreja sueca, portanto, tem raízes mais na sociedade sueca do que na própria sociedade estadunidense da época. É preciso pensar isso com relativismo, pois compreendemos, a partir de Elias, que os indivíduos/grupos não estão isentos das influências da sociedade que o cerca. Ainda que tenham um grau de autonomia, sempre serão influenciados pelo conhecimento social acumulado que compõe o capital simbólico da sociedade em que vivem.

Nesse sentido, cremos que pensar numa ausência de influência da cultura estadunidense é incoerente, mas buscar uma versão alternativa para a história que se fez do meio acadêmico, isto é, de fora para dentro da instituição, me parece justo para com os agentes sociais que estão diretamente a ela ligados.

Araujo reforça a afirmação de que o pentecostalismo ganha destaque antes do evento da *Azusa Street*, fortalecendo os vínculos daquele movimento com a cultura sueca.

No mês de fevereiro de 1906 veio a resposta à oração que aqueles crentes faziam a Deus. O Espírito Santo veio sobre eles poderosamente e foi derramado sobre muitos crentes. Vários crentes foram batizados no Espírito Santo e falaram línguas estranhas. O que aconteceu na Segunda Igreja Batista Sueca ganhou fama não somente em Chicago, mas em todos os Estados Unidos.

Estes batismos no Espírito Santo ocorreram em Chicago dois meses antes do derramamento pentecostal de *Azusa Street*, em Los Angeles (Califórnia), que teve início a partir de 9 de abril de 1906.<sup>152</sup>

<sup>151</sup> ARAUJO, Isael. Vínculos de Vingren e da AD brasileira com os suecos pentecostais dos EUA. In: CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1512, p. 21, Mai/2011.

<sup>152</sup> Ibid.

Segundo o autor, os suecos viviam em comunidades próprias que lhes garantiam preservar sua cultura e seu vínculo com sua nacionalidade, algo que em sua visão permitiu-lhes desenvolver o “Movimento Novo” desvinculado do pentecostalismo difuso pelo movimento de santidade (*Holiness*).

A tentativa de vincular a gênese do movimento pentecostal moderno à origem sueca coloca em evidência o embate discursivo em que se têm, de um lado a interpretação hegemônica da total vinculação do pentecostalismo com o movimento *Holiness* estadunidense, e de outro a interpretação marginal que se apresenta no discurso defendido por Isael Araujo.

Em entrevista com o referido autor, o mesmo nos propôs a construção de uma “história verdadeira”<sup>153</sup> vinculada à sua interpretação. Não temos como realizar tal empreendimento dado o nosso ofício de historiador da cultura; um debate desta natureza já foi vencido desde os *Annales*, mas a inserção da reflexão nesse trabalho nos parece importante para compreender como se dão as relações de poder que se exercem a partir das representações sociais que ocorrem no interior da instituição. A tentativa de se construir uma nova interpretação para o pentecostalismo nos mostra como os meios midiáticos são importantes para a difusão das ideias da IEAD, nos ajudam a compreender o papel doutrinador da igreja e seu empenho no sentido de levar aos seus fieis a “verdade”.

No debate sobre o tempo não é diferente, o discurso da instituição é apresentado por meio do *Mensageiro da Paz* e da revista *Lições Bíblicas* através dos quais os indivíduos têm a oportunidade de interiorizá-lo. Uma pesquisa que diagnostique até que ponto essa interiorização acontece – embora em nossas pesquisas de campo termos constatado que acontece em grau elevadíssimo – não é o objetivo deste trabalho, mas, sim, tentar trazer à tona este discurso e sua interpretação para o campo da história do fenômeno religioso através de uma análise das representações que se fazem do tempo dentro da IEAD.

No intuito de alcançar este objetivo, realizamos uma pesquisa detalhada nos periódicos acima citados, focando temas que versam sobre assuntos diretamente ligados à construção da ideia de tempo no discurso assembleiano, mas também temas que, de alguma forma, apontassem para o assunto em questão.

---

<sup>153</sup> Palavras de Isael Araujo.

Claramente pudemos perceber que os temas de cunho escatológico são muito recorrentes nos periódicos, tanto na revista de doutrinação quanto no jornal.

Cabe reafirmar a diferença entre as fontes e de que forma são focalizadas nesta pesquisa. A abordagem das revistas *Lições Bíblicas* são de cunho doutrinário, nelas estão presentes o discurso oficial assembleiano sobre o tempo, embora não seja apenas este o tema de abordagem da mesma, podendo ser encontrados uma diversidade de assuntos que levem em consideração o ensino de padrões considerados éticos e morais pela IEAD. Embora nas próprias revistas os autores trabalhem fatos, eventos e mentalidades presentes no ambiente secular, é no jornal *Mensageiro da Paz* que estes eventos julgados relevantes pelos editores aparecem com mais clareza e são interpretados à luz da escatologia e da cosmovisão da instituição. Assim, os discursos proferidos através das fontes têm, segundo nossa leitura, suas raízes em interesses fundados no conjunto de crenças e de objetivos da IEAD. São resultantes das convicções que, segundo Geertz<sup>154</sup>, a religião é capaz de produzir nos indivíduos; mas são, também, resultantes de certa ordem de poder estabelecida e organizada a partir da própria instituição.

Nesse sentido, trabalhamos com as fontes a partir de duas perspectivas: a primeira aponta para as convicções de uma instituição e um conjunto de líderes que, em sua maioria, realmente acreditam no que pregam, por isso, movidos por convicções duradouras imanentes à própria religião; e a segunda aponta para uma estrutura hierárquica estabelecida, cujos papéis são bem determinados institucionalmente. Aqueles que ocupam dentro da IEAD uma posição hierarquicamente superior serão os responsáveis pela transmissão das mensagens contidas nos periódicos pesquisados. Os periódicos tornam-se, com isso, doutrinadores e norteadores das formas de viver dos fieis.

Não realizamos, em nossa pesquisa, uma análise pormenorizada da recepção desses ensinamentos dentro da igreja. O que tentamos captar são os discursos e seus rumos na busca da formação da mentalidade e das convicções dos fieis em suas representações da realidade. Assim, os discursos contidos nas fontes se manifestam “determinados pelos interesses de grupos que [os] forjam”, conforme bem nos esclarece Chartier, por isso o apontamento dos “discursos proferidos” nas *Lições Bíblicas* e no *Mensageiro da Paz* com “a posição de quem os utiliza”<sup>155</sup>, isto é,

---

<sup>154</sup> GEERTZ, Clifford. Op. Cit. p. 67.

<sup>155</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit. p. 17.

os órgãos institucionalmente constituídos para a doutrinação e transmissão da mensagem oficial da IEAD, a CPAD e a CGADB, conforme o fizemos também no capítulo “As ‘Lições Bíblicas’ e o ‘Mensageiro da Paz””.

Outro ponto deve ficar claro ao leitor. As revistas *Lições Bíblicas* são periódicos utilizados nas Escolas Bíblicas Dominicais da maioria das IEAD conforme acordo predeterminado pela cúpula da instituição. Seu conteúdo, portanto, é minuciosamente analisado por consultores teológicos, geralmente pastores de grande prestígio, a fim de que se transmita uma mensagem coerente com a visão da instituição. O jornal *Mensageiro da Paz*, por sua vez, é um periódico de notícias sobre eventos e fatos relevantes da igreja, como congressos, convenções ou mesmo milagres ocorridos em algumas dos milhares de igrejas espalhadas pelo Brasil, além de notícias relevantes no plano secular, conforme já esclarecemos. Este periódico também possui uma redação, revisores, mas que, neste caso, são escolhidos menos por sua filiação com a igreja do que por sua formação. Portanto, o *Mensageiro da Paz* não tem função doutrinadora, mas sim informativa.

É importante, ainda, apontarmos os levantamentos que realizamos na busca da ideia de tempo da IEAD. Do ponto de vista da própria instituição, temos apenas um tempo, o tempo criado, a hierofania divina manifesta na duração do universo. A análise da obra do escatólogo maior da IEAD, Lawrence Olson<sup>156</sup>, nos permitirá comprovar como o tempo secular é sacralizado a partir do discurso da igreja, se encaixando naquilo que Eliade já nos apontou em sua obra ao dizer que “o tempo original [sagrado] serve de modelo para todos os tempos [...] basta conhecer o mito para compreender a vida”<sup>157</sup>. Nos termos da IEAD, falar em tempo do mito seria uma ofensa à sua crença. Analiticamente, no entanto, temos que nos utilizar desse conceito para expressar o que queremos, isto é, que a crença no tempo do mundo como tempo divino é uma particularidade das religiões cristãs, no caso em análise, do pentecostalismo assembleiano e que, para entendê-la é preciso se colocar no lugar do cristão que vê o mundo como criado, cujo propósito é a salvação da humanidade.

<sup>156</sup> OLSON, Lawrence. *O plano divino através dos séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, é uma obra de prestígio dentro do pensamento escatológico da IEAD, estando na sua 25ª edição e já tendo vendido mais de 100 mil cópias. Com uma linguagem bastante didática o autor discorre, de forma sistemática e sintética, sobre sua visão da história do mundo criado por Deus, seus períodos, eras ou épocas (pelo autor conceituados como “séculos”) e como este mundo caminha para um fim iminente.

<sup>157</sup> ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes p. 320

A proposta escatológica de Olson rende à IEAD uma valiosa representação iconográfica sobre a história da humanidade. *O plano divino através dos séculos*, disposto na imagem inserida no anexo deste trabalho, é de grande importância para a compreensão da ideia de tempo e de história para a IEAD. Nela percebemos que o tempo está disposto de forma linear, mostrando a existência de três planos distintos a partir da concepção de centralidade da Terra. Poderíamos dizer, grosso modo, tratar-se de um modelo semelhante ao medieval de compreensão da história humana em que temos o mundo criado como centro do universo, com o plano inferior do globo composto pelos ambientes espirituais “inferno” e “lago de fogo” (que seria o lugar do castigo final, distinto do inferno para onde as almas dos infiéis vão ao morrer, porém antes do julgamento final), também pelo abismo que separava, até a morte de Cristo, o “inferno” do “paraíso” (lugar para onde iam os que seguiam ao Deus dos judeus).

No plano superior ao globo vemos na imagem um ambiente similarmente espiritual, porém composto por aquilo que o cristianismo define como céu. Na cosmovisão assembleiana, após a morte de Cristo, o “paraíso” é transportado de forma miraculosa do plano inferior para o superior, de forma que, sendo o clímax da história, a morte vicária de Cristo manifesta o início do fim do tempo e a separação entre o lugar de “descanso” pós-morte dos fiéis do lugar dos infiéis.

A imagem é sistematicamente construída por Olson, impressa e publicada pela CPAD a fim de servir de material didático para a melhor compreensão do tempo da história humana. Com ele é possível ao fiel localizar toda a cosmogonia da IEAD e ainda se situar no momento histórico em que vive. Em uma leitura conjunta com o ensino da escatologia assembleiana, a imagem toma conotações importantíssimas, estabelecendo limites de tempo, épocas e, ainda, conferindo autenticidade ao tempo.

Obviamente não compartilhamos da ideia de um tempo único, por isso estamos buscando a particularidade ao analisarmos a IEAD. Cremos que o tempo é socialmente construído e que, mesmo dentro das religiões, os indivíduos constroem, significam e ressignificam suas concepções temporais a partir de um patrimônio de conhecimento herdado, portanto, previamente e socialmente constituído. No entanto, ao falarmos sobre a visão da instituição, utilizaremos em muitos momentos o “tempo” no singular para frisar a sua especificidade para a mesma, buscando

fideldade à sua compreensão acerca do assunto, compreensão que, ratifico, do ponto de vista da história não é única, mas que, do ponto de vista da IEAD, é uniforme e englobante do tempo secular, sendo a realidade por excelência.

O tempo conforme apresentado por Olson é sistematizado e singular, resultado da ação divina de criação do universo. Como não poderia ser diferente, o autor, que se enquadra na classificação do *homo religiosus* de Eliade<sup>158</sup>, defende a ideia de que o mundo surgiu com o propósito de engrandecer o nome de Deus e fazê-lo conhecido<sup>159</sup>. Sem fugir da essência da teologia cristã tradicional, a história é apontada como o espaço de tempo em que são executados os planos divinos “em lugares e épocas por Ele determinados”. O que atesta a veracidade desses fatos são as profecias e os textos bíblicos. Segundo Olson, a Bíblia “é o único documento autêntico que conta a verdade sobre a origem do Universo e do ser humano”<sup>160</sup>.

Sem margem para o dissenso, a Bíblia é vista pela IEAD como um documento histórico inequívoco, que contém a verdade sobre a origem, desenvolvimento e destino do mundo. Toda interpretação construída a partir da ciência histórica e do próprio cotidiano, quando em confronto com o texto sagrado são legados ao *status* de mentira. Quando não há provas concretas de eventos narrados pela Bíblia, é possível esquivar-se dos desconfortos de um possível equívoco a partir da máxima de que “a própria Bíblia seja o intérprete de si mesma”<sup>161</sup>. O segundo ponto do credo assembleiano aponta para a crença “na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3:14-17)”<sup>162</sup>. Encontramos ainda, em uma das lições da revista *Lições Bíblicas* a doutrina de que “Deus é o Senhor do tempo e, que sua administração torna-se para nós, o exemplo nesse sentido”<sup>163</sup>, isto é, um modelo a ser cuidadosamente observado.

Os argumentos apresentados por Olson e pelo jornal *Mensageiro da Paz* nos mostram a quase impossibilidade de uma interpretação que fuja do que seria o discurso oficial da IEAD. “Quase”, pois cremos que existem discordâncias em relação a esses pontos por parte de alguns, no entanto, os dissensos são ofuscados

<sup>158</sup> Conf. Nota 86, p. 46 deste trabalho.

<sup>159</sup> OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 13-14 e 164.

<sup>160</sup> Ibid. p. 13.

<sup>161</sup> Ibid. p. 17.

<sup>162</sup> CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1515, p. 6, Ago/2011.

<sup>163</sup> CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Mordomia Cristã: servindo a Deus com excelência. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 55.

pela voz e hierarquia da instituição e pelo poder que seus meios midiáticos e de doutrinação<sup>164</sup> exercem sobre a formação da opinião e da crença dos fieis. Outra hipótese a ser considerada é o grau mínimo de dissenso em relação a assuntos capitais, como este da criação e destino do mundo, por exemplo, pois representam pontos estruturais que poderiam abalar a solidez da instituição, o que não é o caso se considerado o crescimento do pentecostalismo apresentado na introdução deste trabalho.

Ganham papel de destaque na manutenção e solidificação da cosmovisão assembleiana as próprias profecias bíblicas, que são baluartes da mesma. São as profecias que permitem ter o conhecimento dos tempos que estão por vir e que indicam como os fieis devem se portar em um mundo cada vez mais secularizado. São, sem dúvida alguma, um elemento de fortalecimento do discurso da IEAD, sob o qual ele é minuciosamente elaborado. Enquanto no plano secular, com o advento da modernidade, elas são praticamente ignoradas, para o ser humano religioso as profecias são um elemento importantíssimo de sua visão de mundo, são elas que estabelecem a certeza, e, por seu caráter variável, podem ser prolongadas a qualquer tempo. A cada previsão não cumprida em determinada época, aumenta-se a certeza da proximidade de sua realização<sup>165</sup>. Isso ocorre porque o tempo não é, na visão da igreja, um dado *a posteriori*, mas sim resultado de um projeto arquitetado pela própria divindade, portanto, um dado *a priori* imutável e infalível.

É interessante observar como a IEAD apresenta de forma sistemática e pedagógica sua visão de tempo, tanto nas fontes pesquisadas, quanto nas bibliografias elaboradas sobre o tema. Por isso, conforme nos aponta Tania de Luca, cremos que toda imprensa (leia-se aqui os periódicos de doutrinação e de informação) deve ser colocada sob suspeição<sup>166</sup>. O processo de escolha e a análise das fontes aqui pesquisadas justificam-se por entendermos que são instrumentos de manipulação da opinião dos fieis. Independentemente se esses periódicos foram produzidos de “boa” ou “má fé”, isto é, a partir de convicções interiores da veracidade do que se prega ou a partir de interesses materiais egoístas, elas, em

---

<sup>164</sup> Sobre o poder e possíveis resistências aos meios midiáticos analisados como fontes neste trabalho discorreremos no capítulo 3.

<sup>165</sup> Conf. KOSELLECK, Reinhart. Op. cit. p. 32; e OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 14.

<sup>166</sup> LUCA, Tania R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-119.

algum grau, influenciam, transformam e manipulam a visão de mundo dos fieis que se submetem à doutrinação da igreja.

O tempo no pensamento assembleiano é uma dádiva de Deus, de forma que sua vida deve ser vivida com o objetivo de agradá-lo. Elienai Cabral, um dos escritores mais recorrentes das *Lições Bíblicas*, escrevendo uma lição que discorre especificamente sobre o tempo indica que a vida regrada nesta Terra é garantia de que o futuro pós-morte será promissor. De acordo com o autor, “o *homem tem um elemento eterno dentro de si*. Alma e espírito são imortais [...] a garantia de uma eternidade feliz está em seguir fielmente ao Senhor, agora”<sup>167</sup>. A ascese sempre presente nas doutrinações da instituição é, segundo cremos, um elemento que ainda permanece no discurso da IEAD e, ainda que sejam elaboradas contemporaneamente novas leituras deste elemento, do ponto de vista da temporalidade ela representa uma das garantias da vida eterna.

Está claro que o tempo aqui apresentado é uma ideia elaborada a partir da perspectiva do ser humano religioso das sociedades cristãs. Como tal, é um tempo que apresenta uma finalidade: a glorificação do nome de Deus e a salvação do homem; e uma perspectiva escatológica: o fim dos tempos e a eternidade. Podemos constatar, então, que dentro do discurso assembleiano o tempo é linear, foi criado e está fadado a um destino predeterminado pela divindade. Nesse ínterim, segundo Olson, o mundo foi arquitetado para viver períodos distintos que ele chama de “séculos”, ou “épocas”, ou “eras”, ou “dispensações”<sup>168</sup> – para este trabalho, adotaremos o último termo, pois é mais utilizado nas igrejas e nas fontes pesquisadas. As dispensações são “*um período de tempo durante o qual o homem é provado a respeito de sua obediência para com uma determinada revelação da vontade de Deus*”<sup>169</sup>. Em outras palavras, o tempo é dividido em períodos entre duas grandes mudanças que seriam capitais para o cumprimento da vontade de Deus na Terra. O anexo mostra claramente cada uma das dispensações, dando alguns detalhes e indicações de leituras bíblicas que justifiquem este modelo representativo do tempo.

<sup>167</sup> CABRAL, Elienai. Op. Cit. p. 56. Itálicos do autor.

<sup>168</sup> “A palavra ‘dispensação’ encontra-se quatro vezes no Novo Testamento (1 Co 9.17; Ef 1.10; 3.2; e Cl 1.25). A palavra grega usada para dispensação é ‘oikonomia’, da qual deriva-se a palavra ‘economia’, que, segundo o *Dicionário Prático Ilustrado*, significa ‘boa ordem na administração na dispensa de uma casa’. Originalmente significava a mordomia ou a gerência de uma casa. [...] No contexto bíblico, a ‘dispensação’ (oikonomia) representa a administração que Deus faz em sua grande ‘casa’ universal[...].” Conf. OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 15.

<sup>169</sup> SCHOFIELD apud OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 29. Itálicos do autor.

As dispensações são representações do tempo que, segundo o olhar assembleiano são arbitrárias e englobantes. Seria impossível que o ser humano escapasse a essa forma de ver o tempo, pois a história é contemplada como um período em que Deus trata com os homens a fim de observar se estes querem ou não aderir ao projeto de salvação por Ele implementado.

As revistas *Lições Bíblicas* são escritas a partir desse entendimento sobre o tempo, de forma que todo o discurso de doutrinação da IEAD se volta para a crença de que se deve viver nesta Terra sob a perspectiva do advento de um fim iminente para o mundo. Alguns levantamentos por nós realizados podem ser observado nas tabelas que se seguem, nelas procuramos apontar como o tempo é representado, assim como realizamos uma análise mostrando como este assunto é constantemente abordado na IEAD.

**Tabela 2** - Periódicos com temas que versam diretamente sobre escatologia (1995-2005).

Qtd	Tema	Edição	Ano	Autor
1.	Daniel, o estadista e profeta	3º Trim.	1995	BERGSTEN, Eurico
2.	Atos, o padrão para a igreja da última hora	3º Trim.	1996	SOARES, Esequias
3.	Escatologia: o estudo das últimas coisas	3º Trim.	1998	CABRAL, Elienai
4.	Doutrinas bíblicas: edificando sobre o fundamento de Cristo e dos apóstolos	1º Trim.	2001	CABRAL, Elienai
5.	1 e 2 Pedro: a esperança do cristão em tempos de angústia	4º Trim.	2001	LIRA, Eliezer
6.	Vem o fim, o fim vem: a doutrina das últimas coisas	4º Trim.	2004	ANDRADE, Claudionor de
7.	Parábolas de Jesus: advertências para os dias de hoje	2º Trim.	2005	CABRAL, Elienai
8.	Vida santa até a volta de Cristo: conselhos para uma vida vitoriosa	3º Trim.	2005	RENOVATO, Elinaldo

---



---

9.	E agora, como viveremos? A resposta cristã para tempos de crise e calamidade moral	4º Trim.	2005	COUTO, Geremias
----	--	----------	------	-----------------

---



---

Os periódicos pesquisados estão dentro do recorte temporal elencado para este trabalho. Ao todo foram pesquisadas 44 revistas que compõem as publicações do período de 1995 a 2005, das quais 9 trazem como tema central assuntos escatológicos. Esse número representa pouco mais de 20% do total das revistas, quantidade significativa se pensarmos no rico arcabouço doutrinário que compõe o universo religioso das IEAD e que poderia ser abordado em detrimento do constante retorno aos temas escatológicos. Isto quer dizer que estas edições foram confeccionadas exclusivamente para ratificar aos fieis acerca do período do fim que se via como iminente, como o momento em que Deus determinou para implantar os acontecimentos apocalípticos.

Termos como “última hora”, “últimas coisas”, “tempos de angústia” e “tempos de crise” adjetivam o período e produzem a ideia difundida sobre o tempo a partir do discurso assembleiano que se almeja que o fiel compreenda. Um sistema de símbolos complexos fundamentados principalmente nos textos apocalípticos traz à tona a “realidade” do período vivenciado: um tempo que se aproxima do seu fim. Apropriar-se do texto bíblico, dando-lhe interpretações que, na cosmogonia assembleiana, se tornam coerentes com a realidade vivida é um dos elementos fundamentais para a doutrinação dos fieis, podendo produzir em seus cotidianos atitudes que, de alguma maneira, lhes façam estar preparados para este momento cataclísmico. Um dos escritores das *Lições Bíblicas* ilustra perfeitamente este pensamento ao afirmar que:

Os sinais da vinda de Jesus devem ser assunto de interesse para todos os crentes despertados e ao mesmo tempo um grande alerta para os crentes descuidados e adormecidos espiritualmente. E, assim, entender que [...] o segredo para escapar [...] é “perseverar até o fim”.<sup>170</sup>

A prática cotidiana da religião que a IEAD pede dos fieis está inserida na lição cujo fragmento citamos. “Perseverar até o fim” mostra como deve ser a postura dos indivíduos em uma sociedade que caminha para o seu momento derradeiro.

---

<sup>170</sup> CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Escatologia: o estudo das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 35.

É característica do pentecostalismo, desde os seus primórdios – conforme anteriormente mostramos – a aplicação do texto bíblico ao cotidiano do fiel. Ao utilizarmos o exemplo do “Pentecostes”, apropriado pelos cristãos protestantes do século XIX nos EUA, e visto como continuidade do evento original descrito em Atos capítulo 2, abordamos o acontecimento como sinal de que, naquele momento, manifestava-se a profecia bíblica de Joel 2:28. Evidentemente, são acontecimentos distintos, porém, no entendimento do ser humano religioso que sacraliza o seu tempo, a continuidade é perfeitamente compreensível. Da mesma forma, ao apontar os sinais da vinda de Jesus e sua volta iminente, o autor/doutrinador insere o fiel no tempo sagrado já previsto pelas profecias e lhe dá uma única chance de escapar dos sofrimentos vindouros: a perseverança na fé. O apelo se torna ainda mais contundente quando, no texto em apreço, o autor aponta que o assunto escatológico deve ser de interesse de “todos os crentes despertados”, o que significa dizer que deve ser interesse de todos aqueles que estão em um patamar de espiritualidade mais elevado.

Gostaríamos de esclarecer, no que concerne ao elemento apropriação do texto, que temos na cosmovisão assembleiana a metodologia de exegese em que o fiel não apenas interpreta a Bíblia de forma literal como é de praxe no pentecostalismo, havendo, igualmente, outras maneiras de se compreender as Escrituras, conforme argumenta Olson. Para o autor, algumas partes da Bíblia devem ser interpretadas “literalmente” e outras “figuradamente”, de forma que em todas as passagens bíblicas deve-se procurar a “verdade literal”, a “mensagem divina”<sup>171</sup>.

A colocação de Olson nos ajuda a compreender melhor o que estamos abordando nesta pesquisa. Todo acontecimento escatológico é, dentro do cristianismo, via de regra, um acontecimento inserido no ambiente político e secular. Nesse sentido, a apropriação e aplicação de um texto bíblico à realidade social e, mesmo, cotidiana dos indivíduos é perfeitamente possível posto que para o fiel, as interpretações se fazem muitas vezes no âmbito das analogias. Isso não quer dizer que não apresente uma lógica, ao contrário, conforme estamos vendo a IEAD elabora sua lógica sistematizando seu pensamento sobre o destino do mundo e o final do tempo.

---

<sup>171</sup> OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 19-21.

Ainda sobre a tabela 2, observamos que ela nos permite satisfazer a necessidade de saber sobre a frequência com que ocorrem as abordagens sobre o fim do tempo na revista de doutrinação da IEAD, saciando-nos uma certa curiosidade que acompanha o trabalho do historiador. Entretanto, para os escritores das revistas, a dedicação ao estudo escatológico deve ser um meio, não de satisfazer a curiosidade, mas de “preparar-se melhor para a chegada do Rei”<sup>172</sup>. Fica claro, assim, que o objetivo da instituição é produzir no fiel, através de suas representações acerca do tempo, sempre justificadas a partir da exegese bíblica no modelo pentecostal (isto é, o texto bíblico aplicado ao cotidiano), uma prática cotidiana que o coloque o mais próximo possível do modelo de vida proposto pela igreja.

No que tange ao tempo, esse modelo passa pela crença em um mundo criado e em um tempo arquitetado em que os acontecimentos representam em primeira instância, a vontade divina. Esse tempo está previsto nas Escrituras Sagradas e se mostra aos homens no mundo secular através, principalmente, de acontecimentos de grande repercussão social. Logo, compreender esse tempo conforme “é” só é possível a partir da interpretação vinculada à Bíblia que, de antemão, através das profecias, já deixou tudo registrado para os seres humanos viventes dos “últimos dias”.

Compreender o tempo significa compreender as “dispensações” que compõem e que dividem este tempo, que, apesar de linear, está marcado por grandes acontecimentos que indicam – quando “bem interpretados” à luz da Bíblia – qual “dispensação” estamos observando. Segundo Olson, há sete delas, conforme segue: “Inocência, Consciência, Governo Humano (ou seja, a primeira organização em sociedade), Patriarcal [...], Lei e Graça, e o Milênio, que será o governo divino”<sup>173</sup>. Segundo o pensamento doutrinário da IEAD:

Todo o tempo facultado ao homem é dividido em sete dispensações [...]. Grandes crises da história assinalam as conjunturas dessas dispensações, como, por exemplo, a Queda do homem, o Dilúvio, a chamada de Abraão, o Êxodo do Egito, o primeiro advento de Cristo ao mundo, o segundo advento de Cristo, e o Juízo do Grande Trono Branco.<sup>174</sup>

<sup>172</sup> ANDRADE, Claudionor de. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Vem o fim, o fim vem: a doutrina das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 8.

<sup>173</sup> OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 30.

<sup>174</sup> Ibid. p. 50.

Os eventos que marcam o limite entre uma dispensação e outra aparecem aqui descritos pelo autor. Chama-nos atenção a constatação de que, sob esta perspectiva, toda a história do mundo se faz refém do tempo judaico-cristão e do modelo defendido pela IEAD, o que reafirma nossa hipótese de que, do ponto de vista de sua concepção de tempo, o mundo secular só pode ser compreendido como “realmente é” quando olhado sob sua perspectiva. Sobre essa característica de sacralização do tempo do *homo religiosus*, Eliade já nos havia informado há tempos<sup>175</sup>.

Com o intuito de permitir ao leitor uma visão mais ampla do sistema cosmogônico assembleiano abordaremos, ainda que de forma sintética, as dispensações conforme a instituição as compreende. Deve-se compreender, antes de tudo, que a existência das dispensações está ligada à existência humana e ao projeto soteriológico divino. Salientamos, ainda, que a ênfase recairá sobre as duas últimas (da Graça e o Milênio) que são mais relevantes para a compreensão do momento que estamos tratando, os anos 1995-2005, que contempla o momento de virada de milênio do calendário cristão ocidental. Ratificamos que todas as dispensações e o que representam politicamente para a história mundial podem ser observadas na imagem *O plano divino através dos séculos* (anexo).

A primeira das dispensações é a Inocência. Este período é marcado pela criação do homem e da mulher (Adão e Eva) e pela inserção de ambos no paraíso do Éden. Segundo a doutrina criacionista adotada pela IEAD, nesta dispensação Deus faz uma aliança com o primeiro casal, impondo-lhes algumas obrigações e exigências, estabelecendo, assim, a chamada “aliança edênica”. Segundo Olson, esse pacto entre o Criador e os primeiros seres humanos estabelecia “obrigações [...] como 1) ocupar a terra; 2) comer somente ervas e frutas; 3) guardar o Jardim do Éden; e 4) abster-se de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal”<sup>176</sup>. A dispensação da Inocência institui que o ser humano fora criado puro e que lhe fora dado o “livre-arbítrio”, o que permitiria obedecer ou não as ordens divinas, em especial a contida no quarto item. Toda a história é bem conhecida no ocidente e sabemos que, ao descumprir o acordo, o ser humano foi expulso do Éden por Deus, vindo a sofrer as consequências.

<sup>175</sup> Conf. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 63-66.

<sup>176</sup> OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 52.

A desobediência faz surgir a segunda dispensação, da Consciência. Começando com o primeiro pecado do homem e indo até o Dilúvio, para a IEAD este período é marcado pela total exposição do ser humano ao poder de Satanás e a males cotidianos como doenças, dores, trabalhos forçados, entre outros. Segundo Olson, o pecado expôs o ser humano à maldição, pois “o homem havia perdido a inocência e pureza da mente e da vida [...] agora ele conhece a diferença entre o bem e o mal”<sup>177</sup>. A consciência entre o certo e o errado é resultante, segundo a visão judaico-cristã, fonte na qual a IEAD bebe, da primeira decisão em desobedecer a Deus. O ser humano, após ser colocado no mundo, perdendo os favores divinos, deveria trabalhar para sobreviver e buscar a divindade através de seus sacrifícios, já que dela estava separado pelo pecado.

A narrativa bíblica aponta que, após o pecado original, o ser humano mergulhou em uma vida pecaminosa para os padrões judaico-cristãos, culminando com o evento do dilúvio na antiguidade. Lembramos que não é nossa intenção aqui discutir sobre veracidade ou mentira acerca de mitos como “criação” ou “dilúvio”. Nossa narrativa, neste momento, se dá no sentido de compreender o pensamento assembleiano, portanto, ao abordar essas ideias, as tratamos conforme a instituição acredita como verdade.

O dilúvio marca a mudança de dispensação no plano divino. Com a morte dos seres humanos, restando apenas Noé, sua esposa, três filhos e respectivas noras, Deus estabelece uma nova etapa no tempo, do Governo Humano. Este período é visto pela IEAD como o momento em que a divindade dá a ordem de dispersão dos descendentes de Noé pela Terra, a fim de povoá-la. São, portanto, dos seus três filhos, Sem, Cam e Jafé que todas as nações e povos hoje existentes descenderiam.

O discurso da IEAD deixa claro que elementos dessa dispensação permanecem ainda hoje. Podemos destacar, dentre eles, a autoridade para governar as nações e estabelecer leis que, segundo a igreja, Deus deu aos seres humanos: “Deus instituiu um governo terrestre que serviria de freio sobre os delitos dos ímpios”<sup>178</sup>. O texto nos mostra como as sociedades conforme se apresentam hoje, divididas em Estados com autonomia e poder sobre os cidadãos, são vistas como um meio de organização legitimado pela vontade divina.

---

<sup>177</sup> Ibid. p. 57.

<sup>178</sup> Ibid. p. 69.

A dispensação do Governo Humano encontra seu fim com a eleição de um homem para ser o ascendente do Messias, cujo nascimento, no plano divino, representaria o clímax da história. A “eleição” de Abraão, para a IEAD, significou a mudança para a dispensação Patriarcal e o estabelecimento de uma religião monoteísta necessária para o projeto soteriológico. Segundo Olson, seria impossível obter salvação em outros deuses e isso representaria uma afronta à divindade cristã. É de Abraão que, segundo a crença judaica, descendem os judeus. O seu período de peregrinação, desde a sua chamada até a chegada a terra de Canaã demarcou o período dos patriarcas judaicos<sup>179</sup>. Na visão assembleiana, Deus escolhe um homem de destaque e de fé em sua sociedade, a Mesopotâmia, a fim de criar um povo e demarcar um território para o nascimento do Salvador do mundo. É interessante notar que o território escolhido não se limita apenas ao de Israel hoje, mas tem como fronteiras “no sul, o Rio Nilo, [...] ao oeste, o Mar Mediterrâneo, ao norte, o Rio Eufrates, e ao leste as águas do Golfo Pérsico e o Oceano Índico”. A ocupação dessa área representa hoje e representará no futuro, nos momentos finais, um grande embate político, pois os judeus se vêem como proprietários a partir da promessa de sua divindade. Os constantes conflitos no Oriente Médio pela posse do território palestino são, dentro do judaísmo, justificados por ser aquela uma terra dada a eles por Javé. A apropriação dessa interpretação é feita no âmbito da IEAD de forma a justificar o apoio aos judeus nesta guerra que, de acordo com as profecias bíblicas, são o prenúncio do fim do tempo, conforme veremos adiante.

Percebemos, assim, que a inserção dos judeus no plano divino põe Israel em lugar de destaque na cosmogonia assembleiana. Deus, como projetista do modelo político das divisões dos Estados e, conseqüentemente, das diferenças étnicas, havia escolhido um povo pelo qual se manifestaria a todas as nações do mundo e do qual nasceria seu Filho. Por tudo isso não é difícil compreender a repercussão dos conflitos árabe-israelenses e as significações que se constroem sobre eles no interior da IEAD como prenúncios das “últimas coisas”.

A eleição dos judeus, vistos como descendentes de Abraão, vai representar na cosmovisão assembleiana, o término da dispensação dos “Patriarcas” e o início da dispensação da Lei. O marco inicial dessa dispensação foi

---

<sup>179</sup> Adotaremos a nomenclatura “judeus” para referenciar o povo de Israel, sua ascendência, os hebreus e sua descendência até os dias de hoje. Faremos dessa forma, pois a história desse povo aparece como uma continuidade na interpretação histórica cristã assembleiana.

a saída do Egito no qual os judeus foram escravos por quatro séculos, segundo o texto bíblico. Olson diz que, para estabelecer este período da história humana,

[...] o primeiro passo que Deus tomou [...] foi o de revelar-se [...] a Israel através de Moisés, no Monte Sinai [...] depois da saída do Egito. Essa apresentação de si mesmo como Deus deles trazia consigo uma proposta e uma revelação do plano especial preparado para o povo de Israel.<sup>180</sup>

O plano especial da divindade para os judeus é interpretado como sendo eles transmissores do conhecimento do “verdadeiro Deus” aos demais povos, e, ainda, como sendo sua descendência aquela que daria a luz ao Filho de Deus. O início da dispensação da Lei marca, também, o pacto de Deus com os judeus através da entrega dos “Dez Mandamentos” a Moisés e a ordenação da adoção de um sinal que, na interpretação do judaísmo, representaria a eleição de Israel: a circuncisão. “Foi com essa descendência circuncidada, dos filhos de Abraão [...], que Deus estabeleceu esta aliança mosaica”<sup>181</sup>.

A dispensação da Lei, segundo a doutrina assembleiana, começa a declinar com os constantes pecados da nação de Israel. As correntes “idólatras”, o afastamento de Javé, as práticas e oferendas que rompiam com o primeiro mandamento – “Não terás outros deuses diante de mim” – foram o que levou ao fracasso da nação no projeto que a divindade havia planejado para os judeus, isto é, o de mostrar o “verdadeiro Deus” aos demais povos. Mas o acontecimento mais marcante do rompimento dessa dispensação foi a rejeição e crucificação de Cristo, personagem que seria o propósito máximo da eleição judaica. Segundo Olson,

A maioria dos judeus [...] era apóstata, e quando Cristo apareceu em Israel, Ele encontrou a nação sendo dirigida pelos escribas e fariseus, os quais denunciou como sendo hipócritas, orgulhosos, auto-suficientes e injustos. O maior pecado da nação israelita foi o de crucificar o seu Messias e Rei, por causa da insistência de seus líderes.<sup>182</sup>

A apropriação da história dos judeus, na interpretação que dela se faz no âmbito da IEAD, propõe uma visão do que acontece posteriormente a Israel como resultado direto do que seriam seus maiores pecados, isto é, o abandono de Deus e a crucificação de Cristo. As constantes derrotas desse povo e sua expulsão da “Terra Santa”, cujo início seria o ano 70 com a invasão romana ao território,

<sup>180</sup> OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 93.

<sup>181</sup> Ibid. p. 94.

<sup>182</sup> Ibid. p. 103.

seriam o sinal de que Deus havia rejeitado esta nação como sua representante e escolhido outro grupo de pessoas.

A morte de Cristo dá início à sexta dispensação, da Graça, e o povo escolhido para anunciar a salvação divina seria aquele que aceitasse a divindade de Jesus. Este, por sua vez, se uniria em um “corpo místico”, a igreja, composta não por uma nação, mas por um ajuntamento de pessoas de diversas etnias e culturas reunidas pela mesma fé.

Interessante notar que todo o projeto divino para o mundo, segundo a ótica da IEAD, é constituído de forma orgânica<sup>183</sup>. A individualidade é relegada a segundo plano – ainda que não totalmente rejeitada – ficando patente que a visão que se tem de Deus é a de um ser que enxerga o coletivo. Observemos o caso dos judeus: as responsabilidades recaem – na interpretação que se faz do texto bíblico – sobre toda a nação e não sobre os indivíduos. No caso da igreja e o seu papel na sociedade, veremos a semelhança, pois ela se apresenta como um organismo separado do ponto de vista “espiritual”, mas inserido nos grupos sociais pelo pertencimento de seus membros a eles, conforme se encontram nos textos das seguintes lições: “A igreja, um projeto de Deus”, “A igreja peregrina”, “A igreja e o poder político” e “A igreja como comunidade local”<sup>184</sup>.

Na esfera política, a interpretação que se faz das nações e de seu papel nos “últimos dias” e nos acontecimentos que, segundo se crê, ocorrerão indicando o fim do tempo, deixa de lado a individualidade, apontando para a importância das decisões tomadas no âmbito geral da sociedade. Um exemplo esclarecedor pode ser tomado do conflito árabe-israelense. Neste, os reflexos das profecias bíblicas aparecem apontando, desde a organização de Israel como um Estado, até o retorno gradativo dos judeus dispersos pelo mundo, como prenúncio de que o tempo da volta de Cristo está próxima. Isso ocorre porque a nação judaica é vista como o “relógio de Deus” acerca do tempo histórico<sup>185</sup>. Essa ideia ficará mais clara adiante.

Tais constatações ajudam a esclarecer como é possível a apropriação da história secular inserindo-a no tempo sagrado. Entender a divindade como um ser

<sup>183</sup> Para uma abordagem detalhada sobre o “padrão orgânico” da IEAD, ver: COUTO, Geremias do. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre(Mestre): Igreja: projeto de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

<sup>184</sup> Ibid. p. 3-9, 24-30, 83-89 e 31-37.

<sup>185</sup> Conf. CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Escatologia: o estudo das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 38-44; OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 156-157.

que trabalha com o modelo organicista, aliado à interpretação do ser humano religioso como aquele que sacraliza o seu tempo é uma alternativa para compreender como a IEAD constrói suas representações de mundo de forma lógica, sistematizada e coerente, entendendo o mundo não como resultado de um processo de evolução ou seleção natural, nem tendo como característica a separação entre história secular e tempo sagrado, mas inserindo ambas num mesmo processo que teve início com a criação do mundo por Deus no início do tempo.

Na interpretação da história como um processo linear instituído por Deus para o engrandecimento de seu nome e para a salvação da humanidade, trataremos agora das duas últimas dispensações que representam os “últimos dias” da humanidade. Por “últimos dias” a IEAD entende, desde a fundação da igreja no dia da festa de Pentecostes, até o dia do julgamento final. Corrobora para essa compreensão o texto do discurso de Pedro no dia de Pentecostes, que afirma que “nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda carne” (Atos 2:17)<sup>186</sup>. O derramamento do Espírito Santo é entendido como a manifestação glossolálica descrita pela Bíblia.

A dispensação da Graça é marcada pela organização da igreja em torno da morte expiatória de Cristo, indo até a sua volta. Para a IEAD, a manifestação do Espírito é “tradicionalmente reconhecida como o nascimento da igreja como instituição”, implicando na mudança da dispensação vivida da Lei para a Graça. A manifestação glossolálica que ganhou destaque entre os judeus na festa do Pentecostes, da qual se extraiu seu nome, tornou-se paradigmática do tempo que Deus estabeleceu em seu projeto como dispensação da Graça<sup>187</sup>.

O tempo decorrido de mais de dezoito séculos entre as manifestações pentecostais mais conhecidas, a da festa judaica e a que ganha repercussão no século XIX nos EUA, coloca em cheque a ligação que a IEAD estabelece entre um evento e outro. Contextos culturais e temporais diferenciados somados a tudo o que conhecemos acerca da história da igreja e do cristianismo não permitem uma associação desse tipo. Porém, para o ser humano religioso isso é perfeitamente concebível, posto que para ele a história é a manifestação divina, portanto, tendo como realidade por excelência a história sacralizada que liga estes acontecimentos.

<sup>186</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1632.

<sup>187</sup> ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 631-632.

Do ponto de vista teórico da história das religiões, podemos afirmar que o sentimento de pertencimento à divindade e a submissão à cosmogonia cristã faz com que o evento do pentecostes se torne paradigmático e como que o evento fundante da dispensação da Graça. Eliade nos mostra que, para a maioria das religiões, o tempo não é homogêneo, havendo uma diferença qualitativa entre o tempo sagrado e o profano, de forma que adentrar no tempo sagrado só é possível através do ritual. A grande diferença quanto à temporalidade apontada pelo autor em relação ao cristianismo diz respeito justamente a noção de que o tempo sagrado é, do interior deste, visto como único, como a verdadeira realidade<sup>188</sup>. Dessa forma, a IEAD se apropria da visão cristã do Pentecostes, tornando-o o evento fundante, inserindo-se na própria história da igreja e homogeneizando-a, como se houvesse apenas uma igreja verdadeira que atravessou séculos a fio, ainda que esta esteja inserida na igreja nominal.

A apropriação do evento descrito em Atos 2 reflete, no discurso assembleiano, as formas com que a mesma representa sua história e tempo. Assim, ao declarar-se como pertencente à igreja primitiva, a IEAD significa a realidade de forma a justificar suas estruturas de poder e de crença, descrevendo sua concepção da sociedade “tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse” conforme apontado em Chartier<sup>189</sup>.

Além de compor um dos eventos fundantes da dispensação da Graça, a *glossolalia* e as manifestações do Espírito Santo são elementos importantíssimos na estruturação das representações do tempo da IEAD. O “ressurgimento” do fenômeno no século XIX e seu crescimento extraordinário nos anos que se seguiram, chegando ao século XXI como a vertente cristã que mais cresce no Brasil e no mundo, fizeram dele um eco ainda mais forte dos “últimos dias”. A tabela que se segue traz dados das fontes que pesquisamos, nela há um levantamento sobre a abordagem das manifestações pentecostais e extáticas nas revistas *Lições Bíblicas* entre os anos 1995-2005, que estão relacionadas com a cosmovisão assembleiana e com o fim do tempo. Neste levantamento foram levados em consideração, não o tema geral de cada revista, mas cada lição foi analisada separadamente, de forma a extrair o que nelas procurávamos.

---

<sup>188</sup> ELIADE, Mircea. Op. Cit. p. 63-66.

<sup>189</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit. p. 19.

**Tabela 3** - Lições que abordam a importância da *glossolalia* e dos dons espirituais para a IEAD e para sua visão sobre o tempo e os últimos dias.

<b>Qtd</b>	<b>Título</b>	<b>Edição</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor</b>
1.	A descida do Espírito Santo	3º Trim.	1996	SOARES, Esequias
2.	O sermão de Pedro após o Pentecoste	3º Trim.	1996	SOARES, Esequias
3.	O que são as verdades pentecostais	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
4.	O batismo no Espírito Santo	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
5.	A função dos dons espirituais	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
6.	O uso correto do dom de línguas	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
7.	O dom de profecia	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
8.	Dons de inspiração	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
9.	Dons de poder	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
10.	A cura divina	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
11.	Os dons espirituais e a unidade da igreja	1º Trim.	1998	BICEGO, Valdir N.
12.	Os dons espirituais	1º Trim.	2001	CABRAL, Elienai
13.	Todos os salvos têm o Espírito Santo	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
14.	Novo nascimento e Batismo com o Espírito Santo: experiências distintas	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
15.	Todos os salvos precisam ser batizados com o Espírito Santo	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico

---



---

16.	O dia de Pentecostes	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
17.	Línguas estranhas como evidência inicial do Batismo com o Espírito Santo	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
18.	Línguas estranhas: diferença entre o sinal e o dom	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
19.	Como receber o Batismo com o Espírito Santo	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
20.	O batismo com o Espírito Santo e a obra missionária	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
21.	A obra do Espírito e a segunda vinda de Jesus	1º Trim.	2004	BERGSTEN, Eurico
22.	O fruto e os dons do Espírito	1º Trim.	2005	GILBERTO, Antonio

---



---

Como a IEAD se auto-identifica com o início do cristianismo pela manifestação do dom de línguas, entendê-la requer compreender a importância desse elemento na constituição de seu arcabouço doutrinário. Todas as lições apontadas acima versam sobre a importância das manifestações dos “dons do Espírito Santo” e o apresentam como elemento essencial para o crescimento e a solidificação da igreja. As lições vão desde “manuais” de recebimento dos dons até ao ensino do seu papel e significado para o fim do tempo.

A dispensação da Graça é tida como um período de total liberdade para as manifestações dos “dons”, e o papel deles está relacionado à manutenção da fé e da esperança na volta de Cristo para buscar a igreja. Bergstén nos aponta que “o Espírito Santo mantém nossa lâmpada acesa”, figura de linguagem que é uma referência à parábola das “Dez Virgens” (Mateus 25.1-13) contada por Jesus, em que havia cinco delas preparadas para a chegada do “esposo” (símbolo de Cristo) e cinco não estavam. A exortação presente no texto é que “precisamos estar abertos para a operação do Espírito”<sup>190</sup> (conf. item 21 da Tabela 3), sendo essa uma

<sup>190</sup> BERGSTÉN, Eurico. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): A pessoa e a obra do Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 84.

exigência para o fiel estar preparado para o fim do tempo com suas “lâmpadas acesas”.

Os “dons do Espírito” são tão relevantes para a doutrina assembleiana que aparecem no credo da instituição. O item 9 reafirma a crença “no Batismo no Espírito Santo [...] dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial do falar em outras línguas”<sup>191</sup>. Sob os preceitos originários do movimento *Holiness*, a doutrina pentecostal se firmou no interior da IEAD conforme as influências que já discutimos no início do capítulo, tornando-se um elemento essencial não apenas no estabelecimento de sua identidade, mas como símbolo da sua crença em relação à sua vinculação à igreja primitiva.

As manifestações dos “dons do Espírito” proporcionam, no discurso doutrinário assembleiano, a ideia de que a instituição liga-se à igreja deixada por Cristo no primeiro século, estando os pentecostais, especialmente a IEAD, qualitativamente acima das demais religiões. Um elemento de não menos importância que corrobora para essa compreensão é a interpretação figurativa que a instituição realiza das sete igrejas descritas no Apocalipse. Observemos a imagem *O plano divino através dos séculos* (anexo) e perceberemos que as igrejas de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia são apresentadas de forma a representar cada período da história humana. É como se a história dessa instituição espiritual chamada “igreja” já estivesse descrita pela divindade, de forma a caracterizar as qualidades e as dificuldades enfrentadas por cada uma delas.

Dentre os adjetivos dados na interpretação do texto apocalíptico, a “Idade Moderna” (leia-se também a “Contemporânea”) está associada a três elementos pejorativos e um que expressa uma qualidade essencial para o sentimento de pertença a essa “verdadeira” igreja. As adjetivações “morta” e “morna” revelam a situação qualitativa de uma igreja nominal que vem desde o fim do medievo, já o adjetivo “fervorosa” dado à igreja de Filadélfia, representa uma igreja cujas manifestações do Espírito Santo são valorizadas e constantes, e cuja existência precede o fim da dispensação da Graça e os eventos do fim do tempo.

A IEAD se auto-enquadra nessa última classificação. As palavras escritas na revista *Lições Bíblicas* do início do ano 2000, do presidente da CGADB,

---

<sup>191</sup> CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1515, p. 6, Ago/2011.

José Wellington Bezerra da Costa, são sintomáticas nesse sentido. Em sua saudação ao novo milênio que adentrava, o pastor nos diz:

Se compararmos a nossa Igreja a outros movimentos e denominações, teremos a impressão de estarmos bem adiantados espiritualmente. Mas se não voltarmos às nossas origens, haveremos de constatar tristemente: já estamos perdendo a pujança do movimento para nos transformarmos numa denominação.

[...] É urgente, pois, que arvoremos nossas antigas bandeiras: Jesus salva, batiza no Espírito Santo, cura as enfermidades, faz maravilhas e em breve virá arrebatá-la e sua Igreja. Se não desfraldarmos esses pendões, perderemos nossa identidade.<sup>192</sup>

Bezerra da Costa constata que a IEAD pode estar perdendo as virtudes da igreja de Filadélfia, o que segundo sua visão também representaria a perda de espaço no campo religioso brasileiro. O pastor atribui isso à possibilidade de estar passando por um distanciamento da doutrina pentecostal. Embora sua postura seja cautelosa, ele ainda crê que, quando comparada a outras igrejas, a sua é qualitativamente superior. Para superar essa situação, o autor conclama os fieis ao retorno aos princípios que fizeram da instituição a maior igreja do Brasil. Estes princípios passam pelo avivamento<sup>193</sup>, pela crença nos “dons do Espírito” e, claro, pela esperança na volta iminente de Cristo.

Podemos perceber nas palavras de Bezerra da Costa que, ser pentecostal assembleiano e ter como marco de vida esta identidade, passa pela crença de que estamos vivendo os “últimos dias” da história da humanidade. As apropriações que se faz dos dons espirituais no discurso de sua liderança, mostra que a IEAD insere-se no plano divino como herdeira da igreja do primeiro século e, naquele momento importante (ano 2000) culturalmente tido como a virada do milênio, qualitativamente superior a qualquer outra denominação. Em outras palavras, a IEAD é a Filadélfia apocalíptica.

O sentimento de superioridade pode ser observado, inclusive, na forma epopéica com que tratam a origem da IEAD, dando *status* de heróis aos pioneiros de sua denominação<sup>194</sup>. Mas esta é uma outra história. O que nos interessa é

<sup>192</sup> COSTA, José W. B. Você tem um sério compromisso com o avivamento. In: GILBERTO, Antonio. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Aviva, ó Senhor, a tua Obra! Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 1.

<sup>193</sup> “Outros termos sinônimos são *reavivamento*, *despertamento* e *renovação*. [...] Avivamento é uma obra de Deus pelo Espírito por meio da Palavra, levando os espiritualmente mortos a viverem a fé em Cristo e renovando a vida interior de crentes negligentes e sonolentos. [...] Avivamento, desta forma, anima e reanima as igrejas e crentes a causarem um impacto espiritual e moral nas comunidades.” A definição apresentada para o conceito de “avivamento” encontra-se em: ARAUJO, Isael. Op. Cit. p. 109.

<sup>194</sup> O *Dicionário do Movimento Pentecostal* traz uma extensa seção sobre os pioneiros da IEAD no Brasil, salientando a importância que se atribui a esse grupo como formadores da identidade da instituição e componentes de sua heróica história. Há, ainda, duas publicações de extrema relevância para a igreja, *O diário do pioneiro Gunnar Vingren*, e *Enviado por Deus*.

compreendermos como a instituição se projeta no plano divino através de suas apropriações e representações de mundo, e como isto se torna relevante no discurso de doutrinação contido nas fontes pesquisadas.

De tudo que se disse, podemos constatar que a dispensação da Graça é um tempo destinado à salvação de toda a humanidade por meio da igreja e não mais por meio dos judeus que seriam, em tese, o povo escolhido pela divindade para essa missão. Como parte da “genuína” igreja, resta aos assembleianos angariarem mais fieis para o projeto divino<sup>195</sup>, anunciando o momento em que o mundo estaria passando, isto é, o tempo do seu fim. O projeto idealizado no final da década de 1980 e implementado nos anos 1990 foi emblemático nesse sentido e significou, em nosso modo de ver, a compreensão da proximidade desse fim. Esse projeto foi a “Década da Colheita”<sup>196</sup>.

Projeto nascido no ano de 1988 em uma reunião extraordinária dos líderes da IEAD no mundo, com o objetivo de discutir estratégias de evangelização para a última década do século XX, a Década da Colheita recebeu atenção especial pela igreja brasileira. Foi amplamente tratada na Assembleia Geral Extraordinária da CGADB no ano de 1989, estabelecendo metas de conversão e arrecadação de fundos. Um dos meios de divulgação foi pelo jornal *Mensageiro da Paz* que também apresentava uma conta bancária na qual os fieis poderiam contribuir para o projeto. Dentre as metas temos:

- 1) Criar no Brasil uma Cadeia de Oração [...];
- 2) Iniciar o ano de 1990 com um grande trabalho de evangelização, utilizando-se de todos os meios: jornais, rádios, televisão, folhetos, praças, telefone, casa em casa, hospitais, etc., com o propósito de chegar o ano 2000 com cerca de 50 milhões de membros;
- 3) Formar novos obreiros;
- 4) Implantar novas igrejas;
- 5) Enviar novos missionários;<sup>197</sup>

Além do estabelecimento dessas metas, foi criada, no intuito de viabilizá-las da forma mais eficaz possível a “Comissão Nacional da Década da Colheita”. Os nomes indicados para a composição da comissão revelam o aspecto clientelista com que são tratados todos os assuntos que, de alguma forma, envolvem

---

Conf. ARAUJO, Isael. Op. Cit. p. 669-698; VINGREN, Ivar. Op. Cit.; BERG, Daniel. *Enviado por Deus: Memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1979.

<sup>195</sup> SOARES, Ezequias. *Revista Lições Bíblicas: 3º Trimestre: Evangelismo e Missões: a igreja cumprindo a sua tarefa*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

<sup>196</sup> ARAUJO, Isael. Op. Cit. p. 257-258.

<sup>197</sup> Ibid. p. 258.

relações de hierarquia na instituição. À parte esta característica, o projeto foi ousado ao tentar angariar 47 milhões de fiéis. Evidentemente que nem a própria instituição esperaria isso de verdade, porém, parece que os resultados, embora muito inferiores, foram bem satisfatórios. Segundo dados da IEAD, o número de membros que, no início da década de 1990 era de aproximadamente 3 milhões, saltou para 8 milhões no final da década<sup>198</sup>.

As metas que, em linhas gerais, representavam o fortalecimento da instituição em suas bases, os fiéis, e em sua hierarquia, com a formação de obreiros, representavam também a certeza de que a década de 1990 seria um período importante da história da humanidade. Do ponto de vista do conhecimento sobre o tempo, a década em questão e toda a conotação mágica que tomava no ocidente, criavam a expectativa de que esta seria provavelmente a manifestação dos “últimos dias”, do fim da dispensação da Graça e da aproximação cada vez maior do fim do tempo.

De forma sistemática, Olson nos aponta o destino da história a partir desta visão dispensacionalista de tempo da IEAD. Finda a dispensação da Graça, a história adentrará no Milênio. O período que estamos abordando é sintomático em relação àquela dispensação posto que, ao interpretar eventos do mundo secular a partir de sua cosmovisão, a IEAD manifesta algumas preocupações e, também, algumas esperanças no que tange à virada de milênio. A igreja, de uma forma geral<sup>199</sup>, é o que ainda sustenta o mundo conforme se encontra atualmente, permanecendo a dispensação da Graça em que todos os que aceitarem a Cristo podem alcançar um final feliz no fim do mundo.

A suposta degradação moral pela qual o mundo passa é interpretada no âmbito da igreja como prenúncios de que esse fim se aproxima. Qualitativamente superior ao mundo secular, a igreja, elemento mais importante da dispensação da Graça, permanece como grupo escolhido por Deus para o cumprimento de seu projeto soteriológico. Para Olson, a igreja é “o sal que preserva o mundo” de forma que “quando for tirada do meio dos homens [...] então é que o mundo entrará em

---

<sup>198</sup> Ibid.

<sup>199</sup> Embora a IEAD se considere qualitativamente superior às demais instituições por sua história e pelo que representa no campo religioso brasileiro, ela não se julga como única agência de salvação. O pensamento assembleiano considera a igreja como um corpo místico, de forma que outras igrejas evangélicas também pode se tornar instrumentos para a redenção da humanidade. Outras religiões, no entanto, cujas doutrinas diferem das principais doutrinas protestantes são vistas como seitas ou heresias, não sendo possível, assim, pelas diferenças de crença e modos de vida, obter-se salvação por meio delas. Conf. SILVA, Ezequias S. *Revista Lições Bíblicas: 2º Trimestre (Mestre): Seitas e heresias: se alguém vos anunciar outro evangelho seja anátema*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

estado de ‘putrefação’ moral e espiritual”<sup>200</sup>. Após a volta de Cristo para buscar o seu povo escolhido, isto é, após o arrebatamento<sup>201</sup>, é previsto que o mundo entrará em estado caótico. A igreja, no entanto, segundo o pensamento doutrinário da IEAD, não passará por esse período. Para afirmar isso, os autores assembleianos se utilizam de analogias com o Antigo Testamento e de metáforas que produzem, em seus discursos, certa coerência conforme a lógica do pensamento religioso.

Em Lucas 17.26-30 Jesus faz analogia entre os dias de Noé no tempo do dilúvio e os dias de Ló, quando Deus subverteu as cidades de Sodoma e Gomorra. Esses juízos não ocorreram enquanto os judeus servos de Deus não estivessem em lugar seguro.<sup>202</sup>

Da mesma maneira, a igreja não passará pelos sofrimentos destinados aos infiéis nos “últimos dias”, mas ao contrário,

O destino da igreja rapidamente aproxima-se do seu glorioso desfecho, como também o destino do mundo de modo geral [...]. O plano divino da redenção chegará à sua conclusão exatamente como Deus o havia planejado e do modo como está revelado nas Escrituras. Esse plano prevê que todos os crentes falecidos, em Cristo, serão ressuscitados dentre os mortos, e na mesma ocasião os crentes que estiverem vivos serão transladados ou raptados, para se encontrarem com Cristo nos ares [...].<sup>203</sup>

Este texto nos mostra desde a importância dada à igreja na Terra, segundo o pensamento assembleiano, até o momento mais aguardado da cosmovisão pentecostal desde a ressurreição: o arrebatamento da igreja. O período que selecionamos para esta pesquisa nos mostra o quanto essa esperança foi e ainda é importante para a cosmovisão assembleiana. Uma mistura de medo e esperança pode ser percebida nas fontes analisadas, de forma que esses sentimentos foram, segundo nossa hipótese, mais estimulados e atomizados nos anos próximos à virada de milênio.

Em nossa pesquisa não pudemos afirmar que houve um medo generalizado sobre a virada 1999-2000, podemos, no entanto, indicar que houve uma intensificação no discurso sobre o tema estimulando a esperança de um final feliz para os fieis. As compreensões místicas sobre as viradas de milênio não são

<sup>200</sup> OLSON, Laurence. Op. Cit. p. 49-50

<sup>201</sup> O termo “arrebatamento” é muito utilizado no interior da IEAD para se referir à volta de Cristo. A Bíblia de Estudo Pentecostal, cujo comentário pode ser considerado o mais expressivo no que tange à exegese assembleiana, traz um estudo específico sobre o assunto em que aborda o termo como uma tradução do latim “*raptus*” que significaria “arrebato rapidamente e com força”. Este evento será muito rápido e juntará os mortos com os que estiverem vivos no momento, transformando seus corpos e lhes garantindo a imortalidade e a vida eterna com Cristo. Conf. Português. O arrebatamento da igreja. In: *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1849.

<sup>202</sup> Ibid. p. 149.

<sup>203</sup> Ibid. p. 141.

recentes, Hilário Franco Jr. já nos apontou uma suposta preocupação disseminada socialmente sobre esse período que teria ocorrido na virada para o ano 1000. Não compartilhamos desse pensamento, conforme demonstramos no capítulo “O tempo como construção social”, no entanto, o fato de não ter havido grande repercussão naquela sociedade que não tinha grandes preocupações em relação às datações, não significa que este medo não tenha existido, especialmente entre os mais eruditos.

A virada de 1999-2000 traz interpretações no interior da IEAD – conforme demonstramos em capítulo recente publicado em livro sob a organização de Oliva e Benatte – com conotações modernas de problemas bem presentes na sociedade da época, especialmente da década de 1990. A Revista Seara, publicada pela CPAD, em sua edição do ano de 1999 nos mostra claramente tais conotações:

A chegada do ano 2000 também tem tirado o sono de muita gente. Só que, hoje, o cenário é bem diferente: não são apenas religiosos que estão preocupados com o início do último ano do milênio. Para muitos, o caos virá [...] através do [...] *bug* do milênio, o mal que poderá confundir os computadores em 1º de janeiro de 2000.

[...] a principal preocupação é quanto ao que está sendo feito na área de serviços essenciais, como energia, telecomunicações, saneamento básico, aeroportos, hospitais etc.

[...]

Embora pareça sensacionalismo, [...] o mundo está diante de um problema de consequências ainda desconhecidas.

[...]

Como se vê, o *bug* do milênio expõe a fragilidade humana.<sup>204</sup>

Com elementos contemporâneos este texto mostra um dos medos que esse período trouxe a sociedade, em especial para a própria IEAD. Percebe-se uma preocupação com catástrofes que pudessem seguir-se a uma possível pane nos computadores pelo mundo, pois vivemos em um mundo informatizado, onde a maioria das atividades econômicas, políticas e sociais estão interligadas e são dependentes da rede informacional<sup>205</sup>.

<sup>204</sup> ZIBORDI, Ciro Sanches. *Quem tem medo do bug do milênio?* Seara, Rio de Janeiro, ano 42, nº 30, p. 15, maio/1999.

<sup>205</sup> Um trabalho importante mostrando as configurações sociais contemporâneas e as implicações sócio-político-econômicas da sociedade em rede na qual vivemos foi escrito por Manuel Castells e publicado pela Paz em Terra em três volumes. O trabalho trata de forma bastante clara e ampla as implicações das tecnologias contemporâneas, com destaque para as tecnologias informacionais na sociedade global em que vivemos. A análise de Castells passa, ainda que brevemente, pela questão dos medos milenaristas. O autor mostra na introdução do terceiro volume que esse medos que são de alguma forma pertinentes ao pensamento religioso, quando pensados à luz da compreensão analítica moderna são infundados. Um exemplo dado é a questão do calendário, onde Castells chama a atenção para o fato de que estamos no fim do milênio, mas apenas do ponto de vista do calendário gregoriano cristão. Conf. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000; Id. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000; e, Id. *Fim de Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Os medos apontados, conforme anunciamos, não são fictícios, mas estão inseridos no pensamento e no discurso assembleiano, sendo disseminados por seus periódicos, atribuindo-lhes interpretações que se encaixam na visão de mundo da instituição. Novamente podemos constatar que o tempo da história não é deixado de lado, ou visto separadamente, nem o tempo sagrado entendido apenas como um tempo ritual, mas ambos se fundem formando a complexa, porém sistemática, cosmovisão da IEAD. Um evento prognosticado no âmbito secular, como foi o Bug do Milênio, não poderia ser interpretado de outra forma que não fosse nos parâmetros da profecia bíblica. Portanto, toda possível falha cibernética e problemas dela recorrentes foram vistas como nada menos que um anúncio do tempo do fim e como representação da história sagrada assembleiana.

Muitos outros exemplos de que a humanidade vive no limiar da dispensação da Graça podem ser encontrados no jornal *Mensageiro da Paz*. O período da história parece tão preocupante que os editores lançam uma série de matérias relacionadas ao arrebatamento da igreja em uma seção intitulada “Últimos Dias”, entre os meses de Fevereiro e Novembro do ano de 1999, todas assinadas por um dos nomes mais proeminentes dentro da IEAD, o pastor Elienai Cabral. Dentre esses assuntos encontra-se “Desafiando a física e a metafísica”<sup>206</sup> e “A relatividade e a gravidade”<sup>207</sup>, matérias em que o autor aponta como o evento da volta de Cristo tende a desafiar as leis naturais ao levar a igreja para o céu, e as limitações espirituais ao ressuscitar os mortos. Segundo o autor,

Nada desse mundo pôde deter a elevação gloriosa do Rei dos reis [...] Sua vitória sobre a morte e o sepulcro deu-lhe uma exaltação merecida diante do pai e dos anjos. Ele recebeu um nome que é acima de todo o nome e os céus se abriram para recebê-lo[...].

À sua semelhança, a Igreja ultrapassará o campo gravitacional para o mais elevado e esperado encontro [...]. Nenhum instrumento, nenhum meio de transporte, nenhum poder físico poderá deter a Igreja naquele dia.<sup>208</sup>

O poder de Cristo, sua ressurreição e sua divindade servem de exemplo e permitirão que os fieis, no momento da sua volta, rompam com toda limitação de qualquer natureza ou ordem que possam, em situações normais, impedir que um evento sobrenatural possa ocorrer. O texto se revela como uma manifestação da esperança de que no futuro, ao findar a dispensação da Graça, os

<sup>206</sup> CABRAL, Elienai. Desafiando a física e a metafísica. In: CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1344, p. 24, Mar/1999.

<sup>207</sup> Id. A relatividade e a gravidade. In CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1345, p. 24, Abr/1999.

<sup>208</sup> Ibid.

fiéis assembleianos desfrutarão da tranquilidade do paraíso enquanto o mundo passa por um momento caótico. E este tempo se aproxima, conforme observamos em outra matéria, agora de 1996.

Ultimamente temos escutado muita coisa a respeito da *Plenitude dos tempos*. Quando usamos esta expressão, afirmando que a plenitude dos tempos está prestes a se cumprir, queremos dizer que todas as medidas de tempo conhecidas estão chegando ao fim. Em outras palavras, os dias, as horas e os minutos estão por se completar. O relógio se tornará muito em breve um objeto obsoleto e inútil.

[...]

Estou convencido que somos a igreja dos últimos dias e, como tal, devemos nos colocar inteiros debaixo [...] do Espírito Santo.<sup>209</sup>

Um texto como o descrito acima, nos leva a crer que havia sim certa preocupação com o momento histórico da virada de milênio, que é o que defendemos neste trabalho. Salientamos, no entanto, como já destacamos anteriormente, que os “medos” que permeavam o período se mesclavam com a esperança de que uma vida melhor está preparada para o fiel. Isso é resultado da configuração que apresenta a construção de tempo no interior da IEAD, um tempo dividido em épocas que, baseada em eventos preditos pelas profecias bíblicas, se mostra em seu momento derradeiro.

O tempo conforme compreendido no texto é naturalizado, de forma que parece que tudo que se construiu, desde as formas mais primitivas de contagem, até os relógios citados pelo jornal, são elementos inerentes à própria concepção temporal. Do interior da IEAD esta percepção deve ser compreendida como possível, pois de outra maneira a cosmogonia da instituição seria colocada em cheque. Porém, do ponto de vista da ideia de tempo que defendemos, a própria naturalização que ocorre no texto em relação ao tempo não pode ser entendida de outra forma, senão como um elemento socialmente construído, garantindo uma lógica para a forma de ver e de sentir o mundo da igreja em questão.

Com a proximidade do fim do tempo faz-se necessária, na construção temporal da IEAD, que o mundo passe por um momento de castigo divino, mas não sem que antes haja o evento mais esperado pelos fiéis: a volta de Cristo. Uma singularidade da visão assembleiana desse evento em relação a outras visões, especialmente as protestantes históricas<sup>210</sup>, é que a volta de Cristo se trata de um

<sup>209</sup> CPAD. Fim da História, início da glória. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1311, p. 18, Jun/1996. Itálicos do autor.

<sup>210</sup> Entenda-se por igrejas protestantes históricas a Igreja Luterana, a Igreja Batista, a Igreja Metodista e a Igreja Presbiteriana, que são as primeiras a se constituírem institucionalmente, e cujas participações no cenário religioso brasileiro são mais expressivas também.

evento que ocorrerá em dois momentos. Olson aponta que o primeiro momento trata-se da “trasladação dos crentes, tanto vivos como falecidos” para encontrar-se com Cristo nos ares. A representação iconográfica desse período na história da humanidade no anexo pode ser reconhecida nas três faixas brancas verticais que se erguem do plano terrestre ao plano superior. Essas faixas mostram claramente quem, segundo a IEAD, participará dessa primeira etapa do evento da volta de Cristo: “a igreja [que irá] ao encontro do Senhor nos ares”, e os mortos considerados “justos” que ressuscitarão em seus antigos corpos de forma miraculosa e também irão “ao encontro do senhor nos ares”.

Após a primeira etapa haverá na terra um período de sete anos de manifestação do juízo de Deus. Este período é chamado de “Grande Tribulação”. Em termos práticos, a Grande Tribulação representa o tempo em que a divindade cristã castigará os infieis e punirá o mundo com as pragas apocalípticas. Mas também é o período do lendário reinado do Anticristo, em que o mundo se reunirá em torno de um único governante. Esta última característica nos responde o porquê de instituições como a ONU, ou a criação de acordos e redes comerciais como o Mercosul, a Alca ou a União Européia representam sinais de um tempo que se aproxima do seu fim, sendo vistas pejorativamente como instituições ou alianças arquitetadas para a implantação do reinado do Anticristo.

À luz dessa interpretação da história humana, não poderíamos deixar de lado um texto capital para o entendimento do cenário mundial proposto nas representações do tempo da IEAD. O livro atribuído ao profeta Daniel está entre os textos apocalípticos mais famosos da escatologia assembleiana, nele percebemos claramente um elemento da imagem do anexo, a grande estátua cuja origem é atribuída a um sonho de Nabucodonosor, rei da Babilônia, interpretado por Daniel. Vamos ao texto:

Tu olhaste, ó rei, e diante de ti estava uma grande estátua: uma estátua enorme, impressionante, e sua aparência era terrível. A cabeça da estátua era feita de ouro puro, o peito e o braço eram de prata, o ventre e os quadris eram de bronze, as pernas eram de ferro, e os pés eram em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto estavas observando, uma pedra soltou-se, sem auxílio de mãos, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmigalhou. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados, viraram pó, como o pó da debulha do trigo na eira durante o verão. O vento os levou sem deixar vestígio. Mas a pedra que atingiu a estátua tornou-se uma montanha e encheu a terra toda. (Daniel 2:31-35)<sup>211</sup>

<sup>211</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000. p. 701.

A interpretação do sonho do rei babilônico Nabucodonosor por Daniel é emblemática para o entendimento de que a escatologia, no âmbito da IEAD, é um evento repleto de representações acerca do ambiente político mundial, ou pelo menos político ocidental, o que para a instituição pode ser encarado como a mesma coisa. A partir da sacralização da história humana, mesmo os povos, reinos ou nações que não aparecem nas interpretações do contexto do hoje chamado Oriente Médio são nelas inseridos como se a ele pertencessem. Isso porque a cosmogonia religiosa judaico-cristã insere toda história em seu contexto, representando, a partir da interpretação das profecias, de forma direta ou indireta, o destino de cada um dos grupos que supostamente engloba.

A imagem *O plano divino através dos séculos* (anexo) ajuda-nos a compreender como ocorre a inserção do pensamento escatológico assembleiano no ambiente político. O modelo que, conforme esclarecemos anteriormente, se divide em três planos distintos a partir da centralidade da Terra mostra, conforme interpretado por Daniel, que o processo histórico se aproxima de seu fim. Segundo Bergstén, o sonho de Nabucodonosor “é um resumo profético dos acontecimentos que vão desde o cativeiro babilônico, até a vinda de Cristo em glória”<sup>212</sup>. No texto bíblico a cabeça de ouro é associada ao reinado babilônico. Na compreensão assembleiana, Nabucodonosor detinha a “hegemonia mundial”, engendrando a ideia de um contexto político unificado no mundo antigo, o que para a história é incoerente, porém, para o ser humano religioso é perfeitamente compreensível.

O restante do sonho ganha representações que justificam a visão de tempo e da história assembleiana. Os rumos tomados pela dita “história geral”, nos parâmetros que o modelo epistemológico moderno lhe definem, isto é, uma história vista como processo, cujas influências dos acontecimentos são determinantes para a sociedade em geral, conforme preconiza ainda o modelo de análise social de Elias, são interpretados à luz da escatologia religiosa da IEAD, que lhes dão conotações que justificam sua forma de ver o mundo e definem aspectos importantes de sua identidade. Em outras palavras, a estatua descrita por Daniel estabelece que a história humana está dividida em períodos que dão a exata ideia

---

<sup>212</sup> BERGSTEN, Eurico. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Daniel, o estadista e profeta. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 28.

do momento temporal em que os fieis estão inseridos, mostrando que o fim se aproxima.

O primeiro período importante do cenário político mundial unificado é representado pela cabeça de ouro. Daniel indica que este período seria o próprio governo babilônico. Segundo a IEAD, a “Babilônia, nos dias de Nabucodonosor, detinha a hegemonia mundial”. Uma possível interpretação da importância desse período pode ser compreendida a partir do domínio caldeu sobre os judeus, povo cuja importância é capital para a história humana na cosmovisão da igreja.

Seguidamente temos a descrição de Daniel do peito e braços de prata. Este aspecto da estátua (ver anexo) também é interpretado à luz da escatologia religiosa, mostrando a sobreposição do reino medo-persa sobre o babilônico. O texto bíblico relata que neste período os judeus foram libertados do domínio caldeu, marcando o início de uma nova etapa no cenário político mundial<sup>213</sup>.

A nova etapa do processo histórico é representada a partir da interpretação da descrição do ventre e coxas da estátua, que são de cobre. Nela se vê a sobreposição do “reino grego”<sup>214</sup> sobre o medo-persa durante as Guerras Médicas como evento capital. Este fato ganha importância por representar, de alguma forma, a preparação do ambiente político-social para o nascimento de Cristo e a expansão do evangelho.

As conquistas de Alexandre, o Grande, [...] contribuíram para a expansão do cristianismo. Alexandre disseminou a cultura grega entre os povos conquistados. A helenização era a globalização nos padrões da época. A língua grega se tornou a língua diplomática e internacional, falada em todo o mundo civilizado. Por isso que o Novo Testamento foi escrito originalmente nesta língua [...]. Isso facilitava a comunicação do evangelho entre as várias etnias, eliminando as barreiras lingüísticas. Os romanos [...] se encarregaram de eliminar as fronteiras e de construir [...] estradas que interligavam as grandes cidades. Todos os povos do mundo civilizado daquela época estavam sob a legislação romana. Isso facilitava as viagens missionárias.<sup>215</sup>

O nascimento de Cristo é visto como o momento mais importante da história soteriológica do mundo, pois marca a chegada da “plenitude dos tempos”, um momento de plena realização do cristianismo. O tempo histórico é de tal forma associado ao tempo mítico no periódico, que o nascimento de Cristo ocorre em um

<sup>213</sup> Ibid. p. 29.

<sup>214</sup> Dominação que se consolida com a ascensão de Alexandre, o Grande, que deu continuidade às políticas expansionistas da cidade-Estado grega da Macedônia.

<sup>215</sup> SOARES, Ezequias. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Vivendo a Liberdade Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 56, 57.

momento divinamente “premeditado” a fim de o cristianismo se propagar da forma mais eficaz possível.

A ascensão do Império Romano, evento que notoriamente não ficou de fora, é representado pelas pernas de ferro. A romanização foi importante para que, através de suas conquistas “mundiais”, o evangelho fosse juntamente com elas levado a todas as extremidades da Terra conhecida naquele momento. Segundo Bergstén, “depois que o Império Romano foi derrotado [...], não surgiu mais outro reino mundial”<sup>216</sup>. Entender isso é de extrema importância já que a última parte da estátua é a representação do fim da dispensação da Graça, o período da Grande Tribulação. No âmbito político, os “pés com dedos de ferro misturado com barro” representam a ascensão de um novo governo mundial nos “últimos dias”, sendo o mesmo governado pelo Anticristo, conforme veremos.

Observemos que nesta representação sobre o tempo histórico, os materiais que compõem a estátua vão se tornando menos valiosos e mais inferiores. Com isto, o intérprete quer dizer que os reinos vão se tornando cada vez mais enfraquecidos, mostrando ao fiel que o reino do Anticristo não será tão sólido quando aparentará, de forma que, em determinado momento, o fim será inevitável. As alianças políticas que o último reino fará, representadas pela mistura de ferro com barro, são interpretadas como as alianças políticas e econômicas que ocorrem no cenário mundial contemporâneo, corroborando ainda mais para a compreensão de que o tempo se aproxima de seu fim. Estas alianças serão desfeitas a partir da própria intervenção divina, conforme mostrado no texto e na imagem do *plano divino através dos séculos*. A pedra que esmigalha os pés da estátua é a representação simbólica de Cristo que, após derrotar o Anticristo, estabelecerá seu reino milenial.

No *Mensageiro da Paz* encontramos alguns exemplos desse entendimento acerca dos acordos político-econômicos que se realizam no âmbito de uma sociedade global. Dentre as diversas matérias elencadas, cuja temática gira em torno da construção de uma nova ordem mundial e do estabelecimento de acordos e projetos de paz mundial, a que se encontra na no item 13 da tabela 4 merece nosso apreço.

---

<sup>216</sup> BERGSTÉN, Eurico. Op. Cit. p. 29

**Tabela 4** - Artigos extraídos do jornal *Mensageiro da Paz*, entre 1995-2005, que versam sobre o estabelecimento de uma “Nova Ordem Mundial” e do reino do “Anticristo”.

Qtd	Título	Mês/Ano
1.	Pós-moderno: o ambiente preparado para o anticristo	Mai/1995
2.	Nova Era: desafio para a igreja no tempo do fim	Ago/1995
3.	Menino com chifres reabre especulação sobre o Anticristo	Set/1995
4.	Globalização, uma nova Babel?	Out/1997
5.	Festa de papel picado (análise sobre a crise econômica no final do século)	Jan/1998
6.	O código do poder que está chegando	Mai/1999
7.	O sinal profético da globalização	Fev/2000
8.	Anticristo, um homem ou um sistema?	Abr/2000
9.	Microchips na pele é prenúncio do Anticristo?	Set/2001
10.	Utopia da paz mundial	Set/2001
11.	Euro, ícone da Nova Ordem Mundial	Abr/2002
12.	Israel, os EUA e a marca da besta	Mar/2003
13.	O mundo está à procura de um líder	Set/2003
14.	Chip considerado possível “sinal da besta” chega ao país	Dez/2003

Publicada sob o título “O mundo está à procura de um líder”, a matéria busca mostrar que os processos de acordo entre as nações do mundo tendem a um projeto de união entre as mesmas, de forma a imitar o evento da Torre de Babel narrado na Bíblia. O projeto da torre é rejeitado pela divindade, cuja justificativa é de que Deus aprova as divisões políticas entre as nações e as distinções culturais entre elas a fim de que “toda a terra” seja ocupada. Uma contrapartida desse projeto, isto é, a união entre as nações no cenário político mundial, representaria uma afronta a Deus, pois estabeleceria o cenário político-econômico-social ideal para a manifestação do opositor de Cristo. Segundo a matéria,

Não podemos esquecer que Deus revelou na Torre de Babel que seu plano para a humanidade não é a existência de nações que exerçam o controle absoluto sobre toda a Terra [...] Deus é Soberano.

Quando paramos para observar que estamos no limiar destes acontecimentos, causa-nos preocupação por aqueles que não têm convicção da sua salvação. Precisamos estar preparados para não sermos pegos de surpresa.<sup>217</sup>

Como os acontecimentos seculares sempre revelam a vontade divina, elementos tão importantes do cenário político-econômico não poderiam ser diferentes. A união das nações, os acordos entre elas são representados pela IEAD como avisos para os não convictos da salvação, mostrando que o tempo que se aproxima é, inevitavelmente, o período do governo do Anticristo, conforme previsto nos textos apocalípticos. É o momento em que a ira de Deus se manifestará durante a Grande Tribulação para punir todos os que aderiram ao regime do mal, à nova ordem mundial. O fim desse período culminará com o segundo momento da volta de Cristo (descrito na imagem do anexo como “Revelação de Cristo”), em que ele desfará a dispensação da Graça e implantará o período do “Governo Divino” ou “Milênio”, sendo este o termo que preferimos para esta pesquisa.

Outros elementos do mundo moderno ainda são interpretados como fatores que, de alguma forma facilitariam a implantação do governo do Anticristo na Terra. Estes elementos vão desde anomalias genéticas (“Menino com chifres reabre especulação sobre o Anticristo”), passando por invenções tecnológicas (“Microchips na pele é prenúncio do Anticristo?”; “Chip considerado possível “sinal da besta” chega ao país”), culminando com tendências filosóficas do pensamento (“Pós-moderno: o ambiente preparado para o anticristo”). Tudo o que representa, na visão da instituição, “perigo” ou “oposição” para o pensamento religioso – como é o caso do pós-modernismo com suas mudanças rápidas e ausência de verdades absolutas – ou mesmo “alternativa” à própria religião – como o movimento da Nova Era – devem ser vistos pelos fieis como uma tentativa de que o “inimigo” seja “entronizado” no planeta<sup>218</sup>.

Obviamente se pensarmos no mundo como se constitui atualmente, veremos que propostas de acordos comerciais, unificação de moedas, lutas por territórios e controle econômico se encontram no cerne do modelo econômico que vivemos. O desenvolvimento dos sistemas de informação são, sem dúvida, ferramentas importantes neste processo que tende a se intensificar mais. Interpretar

<sup>217</sup> CPAD. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1420, p. 15, Set/2003.

<sup>218</sup> Conf. *Ibid.* n. 1298, p. 20, Mai/1995; *Ibid.* n. 1301, p. 20, Ago/1995.

todas estas situações do ponto de vista do ser humano religioso, no entanto, requer atribuir um papel à divindade no meio secular em questão. Por isso, somente o fiel bem informado nas escrituras pode entender o momento histórico “conforme é”, de maneira que – de acordo com a doutrina assembleiana – “somente uma igreja cheia do Espírito Santo poderá resistir ao espírito do Anticristo que está em operação no mundo”<sup>219</sup>.

O papel do Anticristo é bem determinado no modelo doutrinário da IEAD. No ano de 2004 um trimestre todo foi dedicado ao estudo do “fim” ou à “doutrina das últimas coisas”. Neste estudo o Anticristo é apresentado com as seguintes missões: 1) “Criar uma religião onde o Diabo seja reverenciado”. Vale lembrar que todos os tipos de religião que diferem do cristianismo protestante e/ou pentecostal são classificadas como de inspiração demoníaca, porém, para a IEAD, a religião criada pelo Anticristo será de adoração ao próprio Diabo; 2) “Estabelecer uma economia fortemente centralizada”, cujo objetivo seria criar um sistema integrado de comércio para facilitar o recebimento do sinal da Besta; 3) “Destruir as bases da religião divina”, a fim de que as pessoas creiam que o Anticristo é uma divindade; 4) “Enganar a Israel fingindo ser o messias”. Por não ter Jesus Cristo como messias, Israel se tornará presa fácil do Anticristo (sobre o papel dos judeus no plano divino conforme concebido pela IEAD discorreremos adiante); e 5) “Multiplicar a iniquidade no mundo” promovendo o grande mal da humanidade que seria a transgressão às leis divinas, isto é, o pecado<sup>220</sup>.

É preciso esclarecer que todas as interpretações acerca dos “últimos dias” expostas nas revistas *Lições Bíblicas* e no jornal *Mensageiro da Paz* são sempre acompanhadas de citações de textos bíblicos. Esta é uma forma de dar legitimidade ao modelo representativo da realidade construído pela igreja, pois, quando bem respaldado no texto sagrado, são mais facilmente absorvidos pelos fieis de forma a tornar-se sua regra de vida e fé.

Um ponto de destaque nas representações do tempo da IEAD, já esboçado anteriormente é o papel de Israel neste momento do fim. Os judeus, isto é, a nação israelense como um todo, ganha importância para o cenário histórico que se apresenta sob a cosmogonia assembleiana, por serem compreendidos como “o

---

<sup>219</sup> ANDRADE, Claudionor de. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Vem o fim, o fim vem: a doutrina das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 45.

<sup>220</sup> Ibid. p. 48-49.

relógio de Deus para o mundo”, o que equivale dizer que os acontecimentos políticos, econômicos e sociais que envolvem os judeus e seu território na Palestina são interpretados como “sinais mais evidentes na atualidade em relação à volta de Cristo”<sup>221</sup>. Esta importância se manifesta, ainda, e com abundância, sob os escritos doutrinários presentes nas revistas *Lições Bíblicas* e sob as notícias que destacam a nação judaica no *Mensageiro da Paz*. A tabela abaixo faz parte do levantamento que realizamos nas fontes onde ganha destaque a história dos judeus.

**Tabela 5** - Lições que abordam a importância (orgânica) de Israel para a história da humanidade segundo a cosmovisão da IEAD (1995-2005).

Qtd	Título	Edição	Ano	Autor
1.	A salvação confirmada a Abraão	2º Trim.	1995	BÍCEGO, Valdir N.
2.	A palavra profética, o relógio de Deus	3º Trim.	1995	BERGSTEN, Eurico
3.	Abraão, história e modelo de fé	4º Trim.	1995	CABRAL, Elienai
4.	Lições de Israel para a igreja	4º Trim.	1997	GILBERTO, Antonio
5.	O fracasso espiritual dos judeus	2º Trim.	1998	SOARES, Esequias
6.	A experiência de Abraão, nosso pai na fé	2º Trim.	1998	SOARES, Esequias
7.	Problema da rejeição de Israel	2º Trim.	1998	SOARES, Esequias
8.	Israel, o relógio escatológico de Deus	3º Trim.	1998	CABRAL, Elienai
9.	Israel na Grande Tribulação	3º Trim.	1998	CABRAL, Elienai
10.	A verdadeira função da lei	2º Trim.	1999	SOARES, Esequias
11.	Quando Deus relembra o seu concerto	3º Trim.	1999	ANDRADE, Claudionor de
12.	A obstinada incredulidade de Israel	1º Trim.	2002	ANDRADE, Claudionor de
13.	A instabilidade política e religiosa de Israel	2º Trim.	2002	SOARES, Esequias
14.	Jeová é o Deus da Aliança	2º Trim.	2002	SOARES, Esequias
15.	O futuro de Israel	2º Trim.	2002	SOARES, Esequias
16.	A chamada de Abraão	4º Trim.	2002	CABRAL, Elienai

<sup>221</sup> CABRAL, Elienai. Op. Cit. p. 40.

---



---

17.	Lições do pacto abraâmico	4º Trim.	2002	CABRAL, Elienai
18.	A reconstrução do Santo Templo	4º Trim.	2004	ANDRADE, Claudionor de

---



---

Embora seja compreensível a inserção dos judeus na história do cristianismo, a forma com que Israel é tratada dentro da IEAD surpreende pelo relevante papel que lhe é atribuído. Com a valorização da sua história<sup>222</sup> desde os seus primórdios com a chamada de Abraão, passando pela escravidão no Egito, pela peregrinação no deserto, pela entrega da Lei a Moisés, pelo período dos juízes, dos reis e pela dominação romana, chegando a Cristo e à posterior Diáspora, Israel é visto como um elemento importante no projeto de salvação da humanidade implantado por Deus.

A observação da história dos judeus é compreendida, conforme podemos observar em alguns títulos da tabela 5 (especialmente o item 4) como um exemplo a ser apreciado para que não se incorra nos mesmos erros. É também um protótipo do que seria a igreja após o nascimento de Cristo. Para os "últimos dias", a nação de Israel é vista como um sinal que mostra a proximidade do fim do tempo, e sua história é entendida à luz da própria profecia bíblica. Vejamos o texto de Ezequiel 37:1-12:

A mão do Senhor estava sobre mim, e por seu Espírito ele me levou a um vale cheio de ossos. Ele me levou de um lado para outro, e pude ver que era enorme o número de ossos no vale, e que os ossos estavam muito secos. Ele me perguntou: "Filho do homem, esses ossos poderão tornar a viver?" Eu respondi: "Ó Soberano Senhor, só tu o sabes". Então ele me disse: "Profetize a esses ossos e diga-lhes: 'Ossos secos, ouçam a palavra do Senhor! Assim diz o Soberano Senhor a estes ossos: Farei um espírito entrar em vocês, e vocês terão vida. Porei tendões em vocês e farei aparecer carne sobre vocês e os cobrirei com pele; porei um espírito em vocês, e vocês terão vida. Então vocês saberão que eu sou o Senhor' ". E eu profetizei conforme a ordem recebida. E, enquanto profetizava, houve um barulho, um som de chocalho, e os ossos se juntaram, osso com osso. Olhei, e os ossos foram cobertos de tendões e de carne, e depois de pele, mas não havia espírito neles. A seguir ele me disse: "Profetize ao espírito; profetize, filho do homem, e diga-lhe: 'Assim diz o Soberano Senhor: Venha desde os quatro ventos, ó espírito, e sobre dentro desses mortos, para que vivam!'. Profetizei conforme a ordem recebida, e o espírito entrou neles; eles receberam vida e se puseram de pé. Era um exército enorme! Então ele me disse: "Filho do homem, esses ossos são toda a nação de Israel. Eles dizem: 'Nossos ossos se secaram e nossa esperança se foi; fomos exterminados'. Por isso profetize e diga-lhes: 'Assim diz o Soberano Senhor:

---

<sup>222</sup> Salientamos que estamos abordando a história dos judeus conforme a IEAD a concebe. Não cabe neste momento um julgamento ou investigação da veracidade ou não acerca da existência de Abraão, dos patriarcas, profetas ou qualquer outra personagem ou evento. Basta compreendermos que, do ponto de vista da instituição, toda a narrativa bíblica é uma verdade inquestionável.

Ó meu povo, vou abrir os seus túmulos e fazê-los sair; trarei vocês de volta à terra de Israel. (Ezequiel 37:1-12)<sup>223</sup>

A famosa passagem do “vale de ossos secos” reflete duas situações de Israel, uma física e outra espiritual. A primeira situação é manifesta pela dispersão dos judeus durante quase dois mil anos por vários países do globo, o que conseqüentemente os fez perder sua “terra santa” e o reconhecimento enquanto Estado político constituído. A segunda é compreendida como a morte espiritual dos judeus que, ao se afastarem de Deus, não reconheceram Jesus como o messias prometido.

Na interpretação da IEAD, a parte da profecia em que os ossos se juntam e os nervos e carnes começam a recobri-los representa o ressurgimento de Israel como nação, o que se consolidou em 1948. A outra parte em que o espírito de vida lhes são soprados representa o renascimento espiritual que ocorrerá ao final da dispensação da Graça, no final da Grande Tribulação<sup>224</sup>.

Corroboração para a atribuição de veracidade à profecia o movimento sionista que ganha espaço no ocidente no começo do século XIX. Cohn-Sherbok<sup>225</sup>, escritor judeu, cuja obra analisada realiza uma abordagem cronológica do movimento sionista, aponta a existência de dois aspectos para a reocupação da palestina pelos judeus. Em primeiro lugar, o autor trata da questão religiosa alegando que, por muito tempo, os judeus viveram em outros países como forasteiros, sendo rejeitados em muitos deles. A esperança desses judeus era a vinda do messias para, por meio de uma ação miraculosa e um domínio político sobre os outros povos, os transportar novamente para a “terra santa”. No entanto, a demora do aparecimento do messias e as constantes perseguições anti-semitas fez surgir no interior do judaísmo um sentimento de auto-redenção. Segundo Cohn-Sherbok, esse sentimento fez emergir um despertar religioso a fim de que os judeus dispersos buscassem meios de voltar à sua pátria a fim de lá esperar pelo messias.

O segundo aspecto do sionismo ocorre por questões políticas e não por um sentimento religioso. Alguns eruditos, entre eles Theodor Herzl, inconformados com a situação dos hebreus dispersos pelo mundo buscaram meios

<sup>223</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000. p. 688.

<sup>224</sup> CABRAL, Elienai. Op. Cit. p. 38-44. BERGSTEN, Eurico. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Daniel, o estadista e profeta. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 12-17.

<sup>225</sup> COHN-SHERBOK, Dan. EL-ALAMI, Dawoud. *O conflito Israel-Palestina: para começar a entender*. São Paulo: Palíndromo, 2005. p. 22-39.

de criar um movimento organizado a fim de trazer de volta seus “compatriotas”. Este segundo aspecto ganhou mais notoriedade, haja visto que seus líderes trataram de construir colônias e instituições que solidificassem a presença judaica na Palestina. O desfecho desse movimento (se é que podemos dizer que tenha havido um desfecho) é a criação do Estado de Israel pelas Nações Unidas em 1948.

Embora tenha ganhado uma interpretação secular, o movimento sionista é representado no discurso doutrinário assembleiano como o cumprimento da profecia bíblica acerca da restauração de Israel<sup>226</sup>. Para uma interpretação acerca das representações do tempo da IEAD, este evento se torna capital na compreensão da história e de seu desfecho a partir da interpretação de uma parábola de Jesus, quando em um de seus sermões, falava do fim do tempo: “Aprendei, pois, esta parábola da figueira: quando já seus ramos se tornam tenros e brotam as folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando verdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas.” (Mateus 24:32-33)<sup>227</sup>. Donald Stamps, em sua *Bíblia de Estudo Pentecostal* esclarece que a “figueira [...] representa a restauração de Israel como um Estado político (cf. Lc 13.6-9; Os 9.10). Em [Mateus] 21.29 a figueira aparece destacada das demais árvores, assim como Israel foi chamado para ser um povo separado (Dt 33.28)”<sup>228</sup>.

Por ser, enquanto povo eleito de Deus, o sinal maior de toda a vontade divina, a restauração de Israel como Estado reconhecido internacionalmente é, sem dúvida, o elemento simbólico mais importante na compreensão de que estamos vivendo os “últimos dias”, o fim da dispensação da Graça e na iminência da volta de Cristo. Essa concepção ganha força ainda com os constantes conflitos noticiados sobre o Oriente Médio. O *Mensageiro da Paz*, enquanto órgão oficial de veiculação de notícias da IEAD, neste ambiente propício, manifesta as opiniões da instituição elegendo para suas edições, sempre que possível, notícias sobre Israel apresentadas repletas de conteúdos simbólicos da escatologia assembleiana. Em geral, estas notícias aparecem exaltando Israel e colocando os palestinos como a personificação do mal. Observemos o que diz uma matéria publicada sob o título “O conflito no Oriente Médio no contexto bíblico”:

<sup>226</sup> Conf. CABRAL, Elienai. Op. Cit. p. 40-41.

<sup>227</sup> BÍBLIA. Português. Op. Cit. p. 1440.

<sup>228</sup> Ibid.

Não é de hoje que muito se tem estudado, pesquisado e escrito sobre o fim dos tempos. A cada evento que o Oriente Médio, e em especial Israel, esteja inserido [...] o assunto torna-se de uma importância crescente. Assim aconteceu desde o início dessa nova escalada de violência, também chamada de Segunda Intifada. Intifada é uma palavra árabe que significa “levante” ou “revolta”. As intifadas palestinas são caracterizadas pela desobediência civil e utilizam como armas, principalmente, as pedras. As revoltas são incentivadas pelas guerrilhas palestinas que pregam o uso de métodos radicais contra Israel.<sup>229</sup>

Colocando Israel como vítima dos conflitos, como um povo destituído que busca a terra que lhe “é de direito”, a IEAD reduz a questão Palestina a uma luta injusta e cruel. Toda manifestação de resistência caracteriza-se como desobediência civil, de forma que a notícia conduz o leitor a rejeitar toda forma de contestação, por eles caracterizada como desobediência civil. Esta notícia, segundo cremos, é emblemática ao mostrar que nenhuma forma de dissenso é aceita, de maneira que, quando transportada esta forma de pensamento autoritária, para o âmbito das relações institucionais da religião, é capaz de produzir no fiel uma certa coerção e inibição do livre pensamento. Em outras palavras, tudo o que não é por nós deve ser encarado como contra.

Uma outra versão para as intifadas, no entanto, é apresentada, onde um erudito palestino, Dawoud El-Alami<sup>230</sup>, aponta que tais conflitos ocorrem a partir da luta dos palestinos para manter seu território contra o avanço judaico. A versão de judeus “coitados” alvos dos apedrejamentos palestinos é alterada pela descrição de judeus fortemente armados com arsenal de última geração, lutando contra um povo que não tem um território, o reconhecimento político e, menos ainda, dinheiro para equiparar-se belicamente com Israel.

Entendemos que a visão de um judeu vitimizado pelos ataques palestinos parece mais uma apologia ao povo que, na cosmovisão assembleiana, representa uma escolha da divindade. Assim, todo e qualquer opositor à nação israelense é interpretado como uma afronta à divindade cristã, posto que os judeus são proprietários da “terra santa” por decisão divina. Aqueles, no entanto, que se colocam como aliados de Israel são exaltados pela IEAD, como é o caso dos EUA, por exemplo. Sobre este, em matéria publicada sob o título “Israel, os EUA e a marca da Besta”<sup>231</sup>, o *Mensageiro da Paz* acrescenta que por defender os interesses

<sup>229</sup> CPAD. O conflito no Oriente Médio no contexto bíblico. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1403, p. 15, Abr/2002.

<sup>230</sup> Para uma abordagem detalhada sobre a visão de um escritor palestino sobre o conflito ver: COHN-SHERBOK, Dan. EL-ALAMI, Dawoud. *O conflito Israel-Palestina: para começar a entender*. São Paulo: Palíndromo, 2005. p. 120-205.

<sup>231</sup> CPAD. Israel, os EUA e a marca da Besta. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1414, p. 15, Mar/2003.

judaicos, tem sofrido o “ônus sócio-político-econômico” das nações inimigas do Estado judeu.

Por tudo, podemos constatar que os conflitos que giram em torno do Estado de Israel são compreendidos como prenúncios de que o mundo caminha para o seu fim escatológico. Toda a pressão que gira em torno dos judeus, que em muitos casos são classificadas como anti-semitas, embora não se trate, em muitos casos, de um sentimento étnico, mas de embates políticos, segundo o discurso assembleiano, evidencia algo previamente arquitetado pela divindade e que culminará com uma pressão ainda maior sobre Israel. A criação de um Estado palestino seria um dos pontos cruciais para este momento, pois, com grande parte das nações pressionando o governo judaico, este entraria em uma previsível guerra, de forma a encurralá-los pelas forças de apoio à Palestina que, por sua vez, estarão sob o comando do novo líder mundial, o Anticristo.

O clímax desse conflito político entre Israel e os aliados dos árabes se dará exatamente no fim da dispensação da Graça, durante a Grande Tribulação, de forma que Israel será encurralado em seu território. Esse evento será posterior à primeira etapa da volta de Cristo, mas antes da segunda etapa. A IEAD entende que durante conflitos que se seguirão ao início desse período da “ira de Deus” uma parte de Israel se converterá ao “verdadeiro messias”, Jesus Cristo, e o buscará em suas orações para a vitória no conflito que se aproxima. A conversão de Israel ao final da Grande Tribulação será o sinal do segundo momento da volta de Cristo, em que ele descerá a Terra para, pessoalmente, auxiliar Israel na batalha e “derrotar o sistema mundano do Anticristo”<sup>232</sup>. Esta é a famosa batalha do Armagedom.

A imagem do *Plano divino através dos séculos* mostra a disposição dessa Batalha na linha da história. Observe-se que ela acontece após a Grande tribulação e é representada por um ser coroado (Cristo) que desce do céu em um cavalo branco e que derrota os exércitos do Anticristo, manifestando o hibridismo entre o religioso e o político presentes nesta representação do tempo.

Para a IEAD, a segunda etapa da volta de Cristo tem quatro objetivos. O primeiro é “punir os ímpios”, isto é, todos aqueles que não se converteram e que aceitaram o governo do Anticristo. O segundo, “socorrer Israel”, povo que a instituição entende como escolhido e que passará, durante os eventos apocalípticos,

---

<sup>232</sup> ANDRADE, Claudionor de. Op. Cit. p. 60-66.

por uma guerra em que, não fosse a ajuda do messias, estaria fadado à derrota. O terceiro objetivo é “levar Israel à conversão nacional”. O quarto, por fim, seria “derrotar as forças do Anticristo e implantar o Milênio”. Alguns textos bíblicos são utilizados de forma emblemática para o consenso dessa concepção dos acontecimentos no tempo do fim, especialmente no que tange a estas questões políticas que, conforme vimos, aparecem híbridas à questão religiosa dentro da concepção de tempo assembleiana. Observemos o texto do livro de Zacarias 12:7-10, em que de forma profética a voz de Deus aparece promovendo a salvação do povo que o crucificou, mas que nem por isso foi por ele totalmente abandonado. A salvação judaica prevista por Zacarias se materializa no Armagedom descrito em Apocalipse 19:11-16.

Naquele dia o Senhor protegerá os que vivem em Jerusalém, de forma que o mais fraco dentre eles será como Davi, e a família de Davi será como Deus, como o anjo do Senhor que vai adiante deles. Naquele dia procurarei destruir todas as nações que atacarem Jerusalém. E derramarei sobre a família de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de ação de graças e de súplicas. Olharão para mim, aquele a quem traspassaram, e chorarão por ele como quem chora a perda de um filho único, e lamentarão amargamente por ele como quem lamenta a perda do filho mais velho. (Zacarias 12:7-10)<sup>233</sup>

Vi o céu aberto e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça. Seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais. Está vestido com um manto tingido de sangue, e o seu nome é Palavra de Deus. Os exércitos do céu o seguiam, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos. De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. "Ele as governará com cetro de ferro". Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES. (Apocalipse 19:11-16)<sup>234</sup>

Notadamente os textos bíblicos ajudam a formar a concepção de responsabilidade orgânica, com forte valorização do coletivo em detrimento ao individual, aspectos bem presentes no pensamento assembleiano. Isso nos ajuda a compreender como se dão as relações pessoais no interior da IEAD, relações que se caracterizam pelo consenso, pela necessidade pregada da obediência à liderança – por isso o alto investimento e controle nos periódicos de doutrinação – e pela rejeição e total condenação às práticas de resistência que esporadicamente ocorrem. Esse elemento ajuda-nos a entender, ainda, o porquê de uma instituição

<sup>233</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000. p. 759-760.

<sup>234</sup> *Ibid.* p. 1000.

crescer tanto, como é o caso das IEAD, mesmo em um mundo que prima pela dessacralização e pela desmistificação.

O tempo assembleiano conforme se configura nos ajuda a compreender, ainda, como o pentecostalismo fez renascer de forma tão ampla o sentimento milenarista, realizando uma releitura do mesmo, valorizando ao invés do medo, a esperança, ainda que o medo esteja de alguma forma presente em menor grau, conforme já apontamos. A capacidade que os meios midiáticos produzidos no interior da IEAD possuem nos permite vislumbrar, também, o fortalecimento da concepção de um evento tão antigo, por muito tempo negado pelas instituições mais expressivas do cristianismo, mas tão caro às interpretações dos eventos apocalípticos que é o Milênio.

Ressaltamos que o “sentimento milenarista” e Milênio devem ser encarados como dois elementos distintos em nossa abordagem sobre a cosmovisão assembleiana. O primeiro refere-se aos medos e esperanças que se espalham por um grupo ou meio acerca de uma data repleta de conteúdos e simbolismos místicos e apocalípticos. Em geral, ocorre em épocas de viradas de século ou milênio de acordo com o calendário socialmente instituído. Alguns trabalhos sobre isso foram produzidos, como é o caso de Franco Jr. que já apontamos anteriormente. Já o Milênio trata-se, não de um sentimento, mas de um evento que se segue ao curso da história humana, mas que dela se difere pela ausência de conflitos e dos males sociais por um período de mil anos, conforme o próprio nome sugere.

Existem difusas na sociedade ocidental algumas concepções sobre esse suposto período da história, principalmente no interior das religiões cristãs. Fundamentadas em textos bíblicos como os de Isaías 2:1-5, 11:1-9, 25:6-9, 55:12-13 e 66:18-23, Daniel 2:31-36 e Apocalipse 20:1-6, a ideia de Milênio passou por diversas transformações e releituras, ganhando força em alguns períodos e perdendo em outros. Um trabalho importante sobre o assunto foi produzido por Jean Delumeau<sup>235</sup>. Em sua obra *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*, Delumeau tenta reconstruir as concepções acerca desse período desde sua gênese até as suas transformações em utopias da sociedade moderna. Segundo o autor, a ideia de um período de paz e tranquilidade sofre transformações, passando de uma ideia do

---

<sup>235</sup> DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

fenômeno religioso para concepções utópicas, como é o caso da concepção de “progresso” e do “comunismo”, por exemplo.

Embora seu texto seja emblemático e capital no estudo do Milênio, consideramos que deixa uma lacuna quando o autor deixa de lado o fenômeno religioso para referir-se apenas às concepções seculares que o evento adquire no século XIX. Compreendemos que, no interior do pentecostalismo em ascensão, o Milênio ganha novas proporções e significações religiosas, ainda que se trate de um evento político e, de certa forma, secular. Um texto com a configuração dada por Delumeau seria compreensível se fosse escrito no século XIX, quando o pentecostalismo ainda germinava, ou mesmo até meados do século XX, quando ainda nos parecia um fenômeno obscuro pela ausência de dados, especialmente censitários, que apontassem especificidades dos pentecostais.

Creemos que escrever um texto sobre o Milênio passa pela necessidade da compreensão geral do que ele significa religiosamente, pois tem suas origens no fenômeno religioso. Nossa intenção aqui, no entanto, é principalmente realizar um apontamento do significado deste período, pois não estamos realizando uma genealogia do assunto, mas traçando seu significado dentro da concepção de tempo da IEAD. De qualquer maneira é importante entendermos que o Milênio tem suas raízes na espera vetero-testamentária, cujo objetivo seria “a vitória definitiva do Senhor, a regeneração completa de Israel e, ao mesmo tempo, a paz e a felicidade estendidas na Terra a todas as nações”<sup>236</sup>, conforme bem apontou Delumeau.

Os objetivos apontados, cuja gênese encontra-se nos textos sagrados dos judeus, ratificam a compreensão do Milênio e dos períodos que o antecedem, dando bases para afirmarmos que, mesmo passando por releituras, sua concepção tem origens muito remotas na história da humanidade. Outra anotação importante é a influência dos textos bíblicos na formação da visão dispensacionista assembleiana, onde a instituição vai buscar, mediante suas interpretações, uma coerência para os acontecimentos seculares de forma a se alinharem à sua cosmovisão religiosa.

Embora no campo religioso o entendimento sobre o Milênio escape às instituições mais expressivas até o século XIX, ele ganha importante espaço com o

---

<sup>236</sup> Ibid. p. 20.

advento do pentecostalismo. Dentro da IEAD ganha conotações muito específicas com a compreensão da história dividida pelas dispensações.

Delumeau esclarece que, desde Agostinho, que se afasta da concepção de Milênio pela exaltação deste aos prazeres terrestres, a abordagem sobre o evento é marginalizada, sendo totalmente apagada da teologia oficial da Igreja no século V, pelo decreto de Gelásio, que distingue os escritos canônicos dos apócrifos. O decreto “mantém o Apocalipse entre os primeiros, mas lança a suspeita sobre os escritos milenaristas”<sup>237</sup>. Entre os protestantes históricos que emergem a partir do século XVI, a concepção de Agostinho também é amplamente difundida. Isso ocorre porque a hipótese de um Milênio, naquele momento, fugiria à ideia de uma volta iminente de Cristo que estava associada ao fim do mundo<sup>238</sup>, portanto, inconcebível com os mil anos de paz e harmonia terrestres.

Para Delumeau, a ideia de um Milênio terrestre, embora permanecesse marginalizada no ocidente, sempre o permeou, sendo decisivo para o que ele chama de “formação do espírito moderno”. O autor associa as utopias à influência do milenarismo no âmbito secular. O que propomos a partir da análise das fontes é que, dentro do pentecostalismo, o debate sobre o milenarismo foi reascendido com conotações religiosas na interpretação do secular. O progresso, a ciência, o desenvolvimento das tecnologias foram compreendidos a partir de um hibridismo na compreensão entre história e teologia que, para o cristianismo transformaram-se na mesma coisa. Todo o processo de desenvolvimento da sociedade ocidental, todos os avanços alcançados ao longo da idade moderna foram vistos como, nada menos que um sinal da volta iminente de Cristo e do início do fim do tempo. Dentro da cosmovisão assembleiana, especificamente, como o anúncio de que a dispensação da Graça se aproxima de seu momento final.

O texto de Daniel 12:4, de acordo com a tradução João Ferreira de Almeida<sup>239</sup>, é especialmente esclarecedor para a forma com que se configurou a interpretação do desenvolvimento social no pensamento pentecostal assembleiano: “E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará”<sup>240</sup>. Nele podemos ver

<sup>237</sup> Ibid. p. 31.

<sup>238</sup> Ibid. p. 152-153.

<sup>239</sup> É a tradução mais amplamente utilizada pelo meio protestante e pentecostal no Brasil, sendo apresentadas diversas revisões em sua tradução. A IEAD utiliza em sua principal bíblia comentada (a *Bíblia de Estudo Pentecostal*) a tradução “Revista e corrigida”.

<sup>240</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p.

um dos fundamentos para se compreender todas as inovações da modernidade como sinal do fim do tempo.

O fim do tempo passa necessariamente pelo fim da dispensação da Graça e início do período milenial no pensamento da IEAD. A volta de Cristo, o Armagedom, a restauração e exaltação da nação de Israel são elementos que precederão o reinado de mil anos de Cristo na terra<sup>241</sup>. Analiticamente, diríamos que o Armagedom não representaria o fim do tempo, já que o mundo ainda passaria por mais mil anos do governo de Cristo. Para o pensamento religioso, no entanto, este é o período predeterminado pela divindade para estabelecer a paz no planeta enquanto seu arquiinimigo, o Diabo, ser espiritual que controlaria o Anticristo, estaria preso no inferno, porém, já predestinado a ser solto para travar a última batalha contra Deus.

Ao tratarmos o Milênio do ponto de vista da visão assembleiana, não queremos dizer com isso que há total consenso em relação a este período no meio protestante e pentecostal contemporâneo. Ao contrário, há algumas linhas que adotam posturas diferentes acerca do mesmo, como ocorreram ao longo de toda a história do cristianismo no ocidente, conforme nos mostra Delumeau em sua obra. Atualmente podemos elencar duas vertentes mais expressivas: os “pós-milenaristas” e os “pré-milenaristas”<sup>242</sup>. Em ambos os casos, o ponto divisor é a volta de Cristo.

Os pós-milenaristas defendem que Cristo voltará após um longo período de expansão e prosperidade do evangelho, sendo que o termo Milênio é apenas uma figura representativa desse tempo, não significando necessariamente mil anos. Os pré-milenaristas, em contrapartida, defendem que Cristo voltará antes da implantação do Milênio, que este período é literalmente de mil anos e que é precedido por um período de castigo divino (Grande Tribulação) pós-arrebatamento ao qual a igreja não passará. Acrescido ao conceito de dispensação, a IEAD compartilha deste último entendimento, pois, segundo o discurso da igreja, os objetivos do Milênio seriam: 1) “Exaltar a Cristo”; 2) “Manifestar o Reino de Deus na

---

1269. Destaquei a tradução de João Ferreira de Almeida, pois é a utilizada na principal Bíblia utilizada na IEAD. Também porque outras traduções dão conotações diferentes para o mesmo texto, conforme se vê em: BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000, p. 712: “Mar você, Daniel, feche com um selo as palavras do livro até o tempo do fim. Muitos irão por todo lado em busca de conhecimento”.

<sup>241</sup> Conf. OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 163-182.

<sup>242</sup> DOCKERY, David S. *Manual bíblico vida nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 893-894.

sua plenitude”; 3) “Mostrar que este mundo pode ser administrado com justiça e equidade”; e 4) “Deixar bem claro que os reinos deste mundo pertencem a Cristo”<sup>243</sup>.

Somados aos objetivos descritos por Andrade na revista *Lições Bíblicas* temos alguns textos que ajudam a entender a Terra ideal que caracterizará o Milênio descrito pela IEAD. Será um período de perfeita paz política sob o domínio do próprio Cristo:

Foi isto que Isaías, filho de Amoz, viu a respeito de Judá e de Jerusalém: Nos últimos dias o monte do templo do Senhor será estabelecido como o principal; será elevado acima das colinas, e todas as nações correrão para ele. Virão muitos povos e dirão: "Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas". Pois, a lei sairá de Sião, de Jerusalém virá a palavra do Senhor. Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra. Venha, ó descendência de Jacó, andemos na luz do Senhor! (Isaías 2:1-5)<sup>244</sup>

E, por causa dos seus atos e das suas conspirações, virei ajuntar todas as nações e línguas, e elas virão e verão a minha glória. Estabelecerei um sinal entre elas. Eles proclamam a minha glória entre as nações. Também dentre todas as nações trarão os irmãos de vocês ao meu santo monte, em Jerusalém, como oferta ao Senhor. Farão como fazem os israelitas quando apresentam as suas ofertas [...]; e também escolherei alguns deles para serem sacerdotes [...]. Assim como os novos céus e a nova terra que vou criar serão duradouros diante de mim, declara o Senhor, assim serão duradouros os descendentes de vocês e o seu nome. De uma lua nova a outra e de um sábado a outro, toda a humanidade virá e se inclinará diante de mim, diz o Senhor. (Isaías 66:18-23)<sup>245</sup>

Haverá abundância de alimentos e uma incrível aniquilação dos instintos naturais de sobrevivência e da cadeia alimentar:

Com suas palavras, como se fossem um cajado, ferirá a terra; com o sopro de sua boca matará os ímpios. A retidão será a faixa de seu peito, e a fidelidade o seu cinturão. O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com o bode, o bezerro, o leão e o novilho gordo pastarão juntos; e uma criança os guiará. A vaca se alimentará com o urso, seus filhotes se deitarão juntos, e o leão comerá palha como o boi. A criancinha brincará perto do esconderijo da cobra, a criança colocará a mão no ninho da víbora. Ninguém fará nenhum mal, nem destruirá coisa alguma em todo o meu santo monte, pois a terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar. (Isaías 11:4-9)<sup>246</sup>

Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho. Neste monte ele destruirá o véu que envolve todos os

<sup>243</sup> ANDRADE, Claudionor de. Op. Cit. p. 70-71.

<sup>244</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000. p. 542.

<sup>245</sup> Ibid. p. 596.

<sup>246</sup> Ibid. p. 550.

povos, a cortina que cobre todas as nações; destruirá a morte para sempre [...] (Isaías 25:6-8)<sup>247</sup>

O Milênio será um período em que as diferenças serão apagadas em nome da paz, da prosperidade e do conforto para todos os viventes. A igreja arrebatada estará em lugar privilegiado “junto com Cristo, regendo o mundo”<sup>248</sup>. Para a IEAD, é o momento em que o tempo chega “próximo” à sua plenitude, próximo, pois ainda não estará na eternidade esperada, embora em seu entendimento desfrutará de lugar privilegiado ao lado da divindade. Não fica claro qual o verdadeiro papel da igreja neste período, parece-nos, pelas descrições das fontes, que estamos falando de espécies de conselheiros ou legisladores, porém esse entendimento não pode ser encarado de forma rigorosa.

O que nos parece, no entanto, é que esta dispensação do Milênio derruba todo entendimento dialético da sociedade, conforme a concebemos. O período de perfeita paz apresentado pela IEAD em seu entendimento da história, não é compatível com uma sociedade de conflitos, contradições, contrassensos e, portanto, com a própria historicidade. Segundo Olson, o Milênio será o tempo de paz não alcançado pelos esforços políticos humanos:

As Nações Unidas, organização mundial que tem por alvo promover a paz entre as nações, também não consegue seu objetivo. As frequentes conferências de paz também não conseguem, por mais nobres que sejam esses esforços. Sabemos que a paz mundial será concretizada somente com o estabelecimento do Reino de Cristo [...]. Os estadistas esquecem-se de que as guerras só serão afastadas quando a causa das guerras, a iniquidade do coração humano for erradicada.<sup>249</sup>

Toda e qualquer forma de negociação no âmbito político é interpretada à luz da existência de uma vontade divina regente do tempo e da história. Os conflitos são entendidos como consequência do pecado dos seres humanos e, como o pecado não deixará de existir, eles continuarão até o reinado divino, o Milênio. O cristão assembleiano, no entanto, para estar preparado e se livrar dos sofrimentos decorrentes da ira divina que advêm à Terra pela Grande Tribulação e, também, para assegurar seu lugar privilegiado ao lado da divindade neste período de paz, deve manter-se sempre preparado, através de uma vida ascética, da manutenção da sua fé, sempre fundamentada nas doutrinas recorrentes nos ensinamentos da

<sup>247</sup> Ibid. p. 559

<sup>248</sup> Ibid. p. 70.

<sup>249</sup> OLSON, Lawrence. Op. Cit. p. 172.

instituição. Segundo Cabral, “a grande lição que aprendemos [...] é que devemos estar sempre preparados e atentos ao grande momento da vinda de Jesus para a igreja”<sup>250</sup>, afinal, aqueles que mantiverem sua fé, isto é, “os crentes em Jesus estarão livres de qualquer condenação e irão desfrutar da eternidade”<sup>251</sup>.

Pensar em uma sociedade tão harmoniosa, sem contradições, como a que terá lugar no reino milenial condiz, em nossa opinião, a pensá-la como uma sociedade sem história. Seria este então, para a IEAD, o início de um fim da história? O ponto crítico da dispensação do Milênio é, sem dúvida, o momento em que o Diabo será solto, no final dos mil anos.

O Apocalipse mostra que, terminados os mil anos, Satanás será temporariamente solto, e sairá a seduzir as nações, buscando induzi-las a se revoltarem contra o Cristo [...] Mas eis que sairá fogo do céu, e destruirá os que se houverem levantado contra o Senhor.<sup>252</sup>

Obviamente já há um vencedor predeterminado para esta última batalha, cujo fim seria o castigo eterno do Diabo, do mal e de todos os que não aceitaram a fé em Cristo. Este castigo viria de uma sentença dada por Deus no Juízo Final, após o qual, a divindade destruiria o mundo com fogo, criando “novos céus e nova terra”, conforme a interpretação que a IEAD realiza do texto de Apocalipse 21, e conforme está disposto na imagem do anexo, logo ao final da linha da história.

No cenário que se apresenta neste modelo cosmogônico, ao findar a última dispensação, o Milênio, qual seria o futuro dos seres humanos? Já compreendemos que, em termos de representação do tempo, o entendimento da IEAD é de uma sociedade orgânica, com responsabilidades recaindo mais sobre contingentes do que sobre indivíduos; compreendemos também que o tempo está sob o controle divino e que a história é “a história da salvação da humanidade”; compreendemos que o tempo está dividido em períodos ou dispensações pré-determinadas no qual se insere este plano soteriológico. Mas e em relação ao futuro dos indivíduos nesta representação temporal que a maior igreja pentecostal do Brasil construiu, qual será?

<sup>250</sup> CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Parábolas de Jesus: advertências para os dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 87.

<sup>251</sup> CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Escatologia: o estudo das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 93.

<sup>252</sup> ANDRADE, Claudionor de. Op. Cit. p. 79.

Os anos de 1995-2005 deixaram claros que, na cosmovisão assembleiana, seu tempo passava pela iminência da volta de Cristo, e que esta expectativa não se frustrou com o não acontecimento. Uma hipótese para a permanência desta esperança talvez possa ser encontrada nas manifestações do Espírito Santo e da *glossolalia*, elemento que mantém viva a crença na profecia de Joel sobre o derramamento do Espírito nos “últimos dias”. Talvez por isso os medos que permearam o período foram superados no interior da IEAD, pela esperança na volta de Cristo, no arrebatamento da igreja e na confiança de desfrutar de um lugar privilegiado no Milênio vindouro. Cabe ressaltar que, embora a volta de Cristo não tenha se realizado, percebemos que ela permaneceu uma expectativa bem presente no interior da instituição, tanto que no ano de 2005, de 52 lições estudadas, 12 falavam especificamente sobre o seu retorno.

Talvez esperar mais de dois mil anos por um evento seja loucura para o ser humano moderno, habituado ao racionalismo iluminista, porém estamos falando do ser humano religioso, cuja vida se fundamenta nas estruturas do sagrado<sup>253</sup>. O que, no fundo, este ser humano almeja é estar próximo à sua divindade e desfrutar de uma vida feliz – Este pode ser encarado como um dos motivos do forte crescimento das igrejas na atualidade, especialmente as de apelo carismático, dentre as quais, as pentecostais. – e o tempo é este período de preparação para que os fieis alcancem este objetivo.

Entender o tempo assembleiano, assim, é perceber que este tempo previamente arquitetado por Deus avança linearmente para um futuro escatológico. Corrobora com essa compreensão o texto retirado do *Mensageiro da Paz*

Cada grão de areia que passa é um grão de areia a mais na ampulheta do tempo, o que nos leva para mais perto do final da História da Humanidade. Não se assuste com esta afirmação, pois esta conversa de fim dos tempos tem para o cristão um sabor de festa, visto que o fim da História marcará o início da glória.<sup>254</sup>

Os medos são deixados de lado em nome de uma esperança e certeza de que, conforme se manteve coeso aos preceitos divinos constantemente ensinados pela IEAD, o fiel desfrutará de uma vida melhor neste planeta em um período que aniquilará todo o sofrimento humano e que, no final, desfrutará da vida eterna.

<sup>253</sup> ELIADE, Mircea. Op. Cit. p. 19-23, 106-108.

<sup>254</sup> CPAD. Fim da História, início da glória. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1311, p. 18, Jun/1996.

Como representação da realidade construída socialmente, o discurso da instituição tende a inserir o fiel em uma realidade contraditória presente na cosmovisão do grupo, pois, em geral, este não compreenderá como legítima outras formas de interpretação, conduzindo seus membros a práticas e pensamentos que o identifiquem e garanta o pertencimento necessário, o que facilita a doutrinação imposta pela igreja.

Nesse sentido, os indivíduos tendem a viver confiando no modelo cosmogônico proposto pela instituição, esperando as benesses que lhes são “garantidas” pela fé que possuem. O que não significa dizer que a instituição, por meio de suas lideranças, não acredita também no modelo doutrinário proposto. Ao contrário, Geertz já nos alertou sobre as convicções que a religião é capaz de produzir nos indivíduos. Por isso, esperar a vida eterna é tão compreensível enquanto proposta da IEAD para os seus seguidores.

Um primeiro olhar para o modelo cosmogônico da IEAD nos traz a impressão de que ela não trata apenas da história enquanto fato passado, mas associa-a também ao futuro através das interpretações proféticas. Assim, grosso modo, poderíamos dizer que a instituição propõe também uma “história do futuro”, basta olhar para *O plano divino através dos séculos* (anexo). Para a ciência histórica, no entanto, o modelo proposto para o tempo e para o futuro dos seres humanos na Terra representaria o fim das contradições que movem a vivência das pessoas, o desmantelamento dessa rede complexa e dinâmica de funções que chamamos sociedade e o “fim da história”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, ao abordarmos as compreensões de tempo dentro da IEAD, nos propomos a realizar uma interpretação do discurso da instituição acerca do tempo, buscando nas fontes elencadas para esta pesquisa como o tempo se apresentou e quais as possíveis propostas de uma prática social pelos fieis contidas no ideário assembleiano. Focalizando o tema com o olhar fundamentado no pensamento de Chartier, Elias e Eliade, construímos uma análise levando em consideração um elemento de crucial importância para a representação temporal e, conseqüentemente, para a própria história no âmbito da igreja: a escatologia. As representações vistas como elementos que atribuem uma identidade e conduzem a uma prática social nos permitiram, ainda que de forma hipotética, conjecturar sobre possíveis recepções, mas fazendo isso sempre de olho nos objetivos do discurso e da concepção temporal que ele traz.

O histórico que elaboramos sobre o tempo nos permitiu compreender como se construiu no interior do cristianismo uma visão de tempo que coloca a história secular no âmbito de uma história sagrada. Compreendemos assim, que é fator estruturante das religiões cristãs essa compreensão da história, pois ao se tornar um fenômeno que abarcou arbitrariamente (em seu pensamento) todo o mundo a partir da encarnação do próprio Deus em Jesus Cristo, o cristianismo necessitou de uma construção social da ideia de tempo em que o mundo estivesse totalmente sob o controle divino. Contribuíram para a sedimentação do pensamento cristão todo o processo de cristianização do ocidente, bem como o acúmulo de conhecimento que, ao longo da história, foi sendo visto, revisto, reelaborado no interior das diversas instituições cristãs, chegando a nossos dias e influenciando também, como não poderia deixar de ser, o pentecostalismo.

Agostinho, o primeiro teólogo ocidental a problematizar a ideia de tempo em sua época, na chamada antiguidade tardia, já abordava de forma surpreendente e, cremos, extemporânea esta questão. Para ele, o tempo estava diretamente vinculado à existência humana e, mais importante ainda, à capacidade que os indivíduos possuem de refletir sobre o mesmo. O processo de síntese que a sua sociedade havia desenvolvido evidentemente, e por várias razões de cunho técnico, geográfico, social, etc. não o permitira chegar a conclusões precisas sobre o

que seria o tempo. Mesmo atualmente essa problemática tem-se colocado no pensamento e na prática cotidiana.

Acreditamos que os avanços no conhecimento permitiram a produção de um pensamento mais elaborado e, nesse sentido, mais preciso sobre a temporalidade. O problema é que no desenvolvimento do pensamento humano, tentou-se colocar o conceito de tempo em “caixinhas” e distribuí-lo por cada área do conhecimento. Assim, a concepção do tempo que se faz no âmbito da filosofia passou a diferenciar-se da concepção da história, que se diferenciou das ciências da natureza, e assim por diante.

A grande contribuição de Norbert Elias nessa discussão está em que ele coloca tais concepções para serem pensadas em suas interações, próprias da dinâmica e da convivência social e da constituição da cultura. O conceito de tempo, assim, passa a ser entendido, para o autor, de forma relacional. Isso não quer dizer que não haja diferenças importantes que caracterizam cada área do conhecimento, ou cada grupo social que pensa o tempo, mas significa dizer que, socialmente, as ideias de tempo sofrem influências umas das outras, de forma que tais influências só podem ser compreendidas quando colocamos o tempo sob suspeição, quando o problematizamos.

O tempo, assim, não é apenas um, mas dependendo do lugar social em que se pensa sobre ele, assim aparece. Geralmente homogeneizado pelos grupos sociais ou áreas do conhecimento, o tempo parece indicar uma concepção absoluta, um dado imutável e natural. Isso decorre, segundo Elias, do alto grau de síntese que se desenvolve nos meios sociais, especialmente os contemporâneos. O autor, porém, também nos mostrou que entender o tempo como síntese social no âmbito de uma sociedade dinâmica, requer entendê-lo como um elemento decorrente do desenvolvimento da sociedade. Quer dizer que, para construirmos uma ideia de tempo aceitável do ponto de vista sócio-histórico, precisamos entender a inter-relação das diversas formas de tempo que formam a teia social.

O capítulo “O tempo como construção social” desta dissertação foi uma tentativa de disponibilizar uma análise sobre estas inter-relações entre as diversas formas de conhecimento do tempo. Nele destacamos que o tempo histórico foi inserido no tempo sagrado pelas religiões cristãs. Logo, a IEAD enquanto tal, também sacraliza seu tempo, realizando releituras dos acontecimentos sociais à luz do pensamento pentecostal sobre a temporalidade. Essas releituras são entendidas

a partir da necessidade da instituição em justificar sua cosmovisão, criando nos fieis perspectivas sobre aquilo que se espera que ele creia, sempre de acordo com a visão da igreja.

Ao declararmos isso, isto é, essa espécie de controle da igreja sobre os fieis, não o fizemos apenas de olho em seus aspectos de manutenção do poder e da hierarquia. Buscamos esclarecer também, que no interior do poder constituído dentro da IEAD, há o elemento da convicção em relação ao que se acredita como verdade e como ensinamentos que contribuem para o bem dos fieis. Seríamos ingênuos se achássemos que não existem aproveitadores, ou mesmo um misto de ambição e convicção sincera do que se prega como verdade. Entretanto, o que tentamos mostrar é que ambos fazem parte e devem ser levados em consideração em qualquer análise de história das religiões e religiosidades, assim como o fizemos ao considerar o tempo.

Baseado nesses elementos, compreendemos que a IEAD constrói sua visão de tempo e a dissemina através de seus instrumentos midiáticos e doutrinários. Dentre esses instrumentos, elencamos dois periódicos de suma importância para a igreja. São periódicos oficiais, conforme mostramos, que, além de ser uma importante fonte de renda para a CPAD e a CGADB, também se revestem de uma aura sagrada, representando estudos e análises da palavra de Deus no caso da revista *Lições Bíblicas*, e que revelam a veracidade do cumprimento dessa palavra, como é o caso do jornal *Mensageiro da Paz*.

Toda importância atribuída ao discurso neles contidos que, via de regra, é o próprio discurso assembleiano, contribui para revestir a história e o tempo de uma aura sagrada. O tempo da história é, inquestionavelmente, o tempo sagrado, marcado pela encarnação do filho de Deus e confirmado por um evento fundante do tempo da igreja: o Pentecostes. Já demonstramos como a IEAD insere-se no tempo da divindade, tornando-se dele participante como elemento fundamental a partir da ideia do tempo divinamente arquitetado. As dispensações são nada além de um projeto divino no qual a igreja adquire importância a partir do momento em que a história adentra na dispensação da Graça. Esta, por sua vez, é confirmada a partir da morte de Cristo e da manifestação inicial do Espírito Santo materializada pela *glossolalia*.

O século XIX foi importante, pois é nesse momento, após um “apagão” das manifestações do Espírito Santo, conhecido teologicamente como

“cessacionismo”, que ocorre um avivamento dentro do cristianismo protestante. Influenciado claramente pelo movimento pentecostal, interpretados na maioria das vezes à luz da profecia de Joel, os eventos que se seguiram ao século XIX nos EUA deram origem, entre outros movimentos, à IEAD no Brasil, que, posteriormente, tornou-se a maior igreja pentecostal do mundo. O movimento pentecostal com seu “derramamento do Espírito Santo” revelava que o tempo se aproximava de seu fim. Era inegável que tais manifestações sobrenaturais só poderiam indicar que Deus estaria preparando seu povo para os “últimos dias”.

É a respeito dessa instituição, solidificada ao longo das décadas, que construímos nossa explicação para a sua visão do tempo, apontando sempre o vínculo da história secular à história sagrada. Para a IEAD, esta é a “verdadeira história” que deve ser compreendida para a salvação. Logo, tudo que se produziu e ainda se produz no âmbito secular, tanto material quanto intelectualmente, é interpretado sob a perspectiva do sagrado. Assim, o tempo do progresso e da técnica no qual os fieis assembleianos vivem assume uma conotação escatológica, revelando em que período da história este fiel se encontra, isto é, no tempo do fim.

Sob o olhar das profecias bíblicas é possível, segundo a instituição, compreender que se vive nos últimos dias. O fim desse período conhecido como dispensação da Graça estaria próximo. Os medos milenaristas apresentados assumem conotação de esperança quando pensados sob o olhar institucional, pois sobre os fieis o castigo divino não recairá, já que estes não passarão pelo período de transição da atual dispensação para a dispensação do Milênio: a Grande Tribulação. Esta por sua vez, é entendida como um castigo divino aos infieis e a preparação para o reinado do próprio Cristo com a derrota do Anticristo.

Toda dedicação que se pôde perceber nas fontes à temática escatológica coloca o tempo como um elemento central no pensamento assembleiano. O discurso da igreja direciona-se no intuito de que os fieis estejam preparados para a volta de Cristo, de forma a não passar pelo castigo divino. Assim, os medos se tornam esperança, uma esperança que só a fé poderia sustentar a partir da sua construção cosmogônica. Enquanto o desenvolvimento tecnológico e científico apresenta suas formas e constroem uma sociedade cada vez mais supostamente irreligiosa, o pensamento religioso assembleiano caminha na contramão, mostrando que o futuro não se apresenta tão promissor quanto o pensamento progressista estabelece, ao menos não para os infieis. O tempo está

fadado ao seu fim, porém, para o ser humano religioso assembleiano, há a esperança do Milênio com Cristo e da vida eterna em um momento em que o tempo será aniquilado, na eternidade. Com essa esperança construída a partir de sua ideia de tempo podemos crer que o cristão da IEAD proclama frente a um fim considerado iminente: “Venha o Teu reino”<sup>255</sup>.

---

<sup>255</sup> CPAD. “Venha o Teu reino”. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1353, p. 13, Dez/1999.

## FONTES PRIMÁRIAS

### Bibliografias:

ALMEIDA, Abraão de (et. al). *Historia das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus: Memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1979.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

OLSON, Lawrence. *O plano divino através dos séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

### Revista *Lições Bíblicas*:

VIEIRA, Antonio M. N. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Evangelho de João: o retrato do Verbo. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍCEGO, Valdir N. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Calvário, o lugar da salvação. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BERGSTEN, Eurico. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Daniel, o estadista e profeta. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Gênesis, o princípio de todas as coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

COUTO, Geremias do. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Discipulado e Integração: o segredo para o crescimento da Igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

BÍCEGO, Valdir. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Aprendendo com os erros e acertos dos servos de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

SOARES, Esequias. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Atos, o padrão para a igreja da última hora. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

GILBERTO, Antonio. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Aluno): Sal e luz: as marcas do cristão atual. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Anjos, uma perspectiva bíblica e atual. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

SILVA, Ezequias S. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Seitas e heresias: se alguém vos anunciar outro evangelho seja anátema. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Salmos: a lira da Israel na devoção do homem moderno. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

GILBERTO, Antonio (et. al.). *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Aluno): I e II Coríntios: Os problemas da igreja e suas soluções. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

BÍCEGO, Valdir. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Aluno): Verdades pentecostais: O Evangelho de Cristo anunciado com poder. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

SOARES, Esequias. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Romanos: o evangelho da justiça de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Escatologia: o estudo das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

COUTO, Geremias do. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Igreja: projeto de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Tiago, a prática da vida cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

SOARES, Ezequias. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Vivendo a Liberdade Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Malaquias: contra o formalismo e as iniquidades na casa de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Efésios: a Igreja nas regiões celestiais. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

GILBERTO, Antonio. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Aviva, ó Senhor, a tua Obra! Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Os ensinamentos de Jesus para o homem atual. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

SOARES, Ezequias. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Evangelismo e Missões: a igreja cumprindo a sua tarefa. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

ANDRADE, Claudionor. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Não terás outros deuses diante de mim: quando a idolatria ameaça a Igreja de Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Doutrinas bíblicas: edificando sobre o fundamento de Cristo e dos Apóstolos. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

COUTO, Geremias do. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Sermão do monte: a transparência da vida cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Hebreus: ...os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

LIRA, Eliezer. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): 1 e 2 Pedro: a esperança do cristão em tempos de angústia. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

ANDRADE, Claudionor de. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): Judas: batalhando pela genuína fé cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

SOARES, Esequias. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Oséias: a restauração dos filhos de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Ética cristã: confrontando as questões morais. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Abraão: êxitos e fracassos do amigo de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ANDRADE, Claudionor de. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): O sofrimento dos justos e o seu propósito. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

SOARES, Esequias. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Visão panorâmica do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Aprendendo diariamente com Cristo. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Mordomia Cristã: servindo a Deus com excelência. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERGSTÉN, Eurico. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): A pessoa e a obra do Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LIRA, Eliezer. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Família cristã: eu e a minha casa serviremos ao Senhor. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas*: 3º Trimestre (Mestre): Colossenses: A perseverança da igreja na Palavra nestes dias difíceis e trabalhosos. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ANDRADE, Claudionor C. *Revista Lições Bíblicas*: 4º Trimestre (Mestre): Vem o fim, o fim vem: a doutrina das últimas coisas. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

GILBERTO, Antônio. *Revista Lições Bíblicas*: 1º Trimestre (Mestre): O fruto do Espírito: a plenitude de Cristo na vida do crente. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CABRAL, Elienai. *Revista Lições Bíblicas*: 2º Trimestre (Mestre): Parábolas de Jesus: advertências para os dias de hoje. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

RENOVATO, Elinaldo. *Revista Lições Bíblicas: 3º Trimestre (Mestre): Vida Santa até a volta de Cristo: conselhos para uma vida vitoriosa.* Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

COUTO, Geremias do. *Revista Lições Bíblicas: 4º Trimestre (Mestre): E agora, como viveremos? A resposta cristã para tempos de crise e calamidade moral.* Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

**Jornal Mensageiro da Paz:**

- CPAD. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1294, Jan/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1295, Fev/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1297, Abr/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1298, Mai/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1301, Ago/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1302, Set/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1304, Nov/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1305, Dez/1995.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1306, Jan/1996.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1308, Mar/1996.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1311, Jun/1996.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1316, Nov/1996.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1318, Jan/1997.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1320, Mar/1997.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1321, Abr/1997.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1322, Mai/1997.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1326, Set/1997.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1327, Out/1997.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1329, Dez/1997.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1330, Jan/1998.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1333, Abr/1998.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1335, Jun/1998.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1339, Out/1998.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1344, Mar/1999.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1345, Abr/1999.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1346, Mai/1999.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1347, Jun/1999.  
 \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz.* Rio de Janeiro, n. 1348, Jul/1999.

- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1350, Set/1999.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1352, Nov/1999.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1353, Dez/1999.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1354, 1ª quin. Jan/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1355, 1ª quin. Fev/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1356, 2ª quin. Fev/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1358, 2ª quin. Mar/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1360, 2ª quin. Abr/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1365, 2ª quin. Jun/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1371, 1ª quin. Out/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1376, 2ª quin. Dez/2000.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1377, 2ª quin. Jan/2001.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1381, 1ª quin. Mar/2001.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1385, 1ª quin. Mai/2001.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1388, 2ª quin. Jun/2001.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1393, 1ª quin. Set/2001.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1394, 2ª quin. Set/2001.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1396, 2ª quin. Nov/2001.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1400, Jan/2002.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1401, Fev/2002.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1403, Abr/2002.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1404, Mai/2002.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1406, Jul/2002.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1412, Jan/2003.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1414, Mar/2003.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1415, Abr/2003.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1416, Mai/2003.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1420, Set/2003.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1423, Dez/2003.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1427, Abr/2004.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1428, Mai/2004.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1431, Ago/2004.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1433, Nov/2004.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1437, Fev/2005.
- \_\_\_\_\_. *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1439, Abr/2005.

- \_\_\_\_\_. *Messageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1442, Jul/2005.
- \_\_\_\_\_. *Messageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1445, Out/2005.
- \_\_\_\_\_. *Messageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1446, Nov/2005.
- \_\_\_\_\_. *Messageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1447, Dez/2005.
- \_\_\_\_\_. *Messageiro da Paz*. Rio de Janeiro, n. 1515, Ago/2011.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A cidade de Deus: contra os pagãos* Petrópolis-RJ: Vozes, 1990. (vols. I e II).
- ALMEIDA, Abraão de. *Deus revela o futuro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Tratado de Teologia Contemporânea*. Rio de Janeiro: CPAD, 1980.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
- ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o censo 2000. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p. 75-80, 2003.
- ARNS, Paulo Evaristo. *O que é igreja*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BARRERA, Julio Treballe. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à história da bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Vida, 2000.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- BRANDÃO, Carlos R. *Memória do sagrado: estudo da religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, 2005. p. 100-115.
- \_\_\_\_\_. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. São Paulo: Vozes, 1997.
- CAMPOS JR, Luis de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: África, 1995.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, sentido, história*. Campinas: Papyrus, 1997.
- \_\_\_\_\_; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CGADB. *Estatuto da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, Porto Alegre, 28 de fevereiro de 2007, Art. 86, IV. Disponível em <<http://www.cgadb.com.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. *Formas e sentido, cultura escrita: distinção e apropriação*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Práticas da leitura*. São Paulo: Liberdade, 1996.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COHN-SHERBOK, Dan; EL-ALAMI, Dawoud. *O conflito Israel-Palestina: para começar a entender*. São Paulo: Palíndromo, 2005.

COSTA, Paulo R. F. (et. al). *Manual da doutrina das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*. 2004. Tese (Doutorado) - apresentada ao Departamento de Ciências da Comunicação da USP, 2004..

D'ALESSIO, Márcia Mansor. *Reflexões sobre o saber histórico*. São Paulo: UNESP, 1998.

DAMIÃO, Valdemir. *História das religiões*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

DEFLEUR, Melvin; *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

\_\_\_\_\_. O milenarismo. In: \_\_\_\_\_. *De religiões e de homens*. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *O pecado e o medo (vol. I e II)*. Bauru: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. *O que sobrou do Paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOCKERY, David S. *Manual bíblico vida nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos "Annales" à "Nova História"*. São Paulo: Ensaio, 1992.

DUBBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pistas de nossos medos*. São Paulo: UNESP, 1999.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Editora 70, 1999.

\_\_\_\_\_. *História das crenças e idéias religiosas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FALCON, Francisco José. *História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERNANDES, Claudemar A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCO JR, Hilário. *O ano 1000: Tempo de medo ou de esperança?* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado) - apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da UNICAMP, 1993.

GAARDER, Jostein (et. al). *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GEE, Donald. *Pentecoste*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILBERTO, Antonio. *A Bíblia através dos séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

\_\_\_\_\_. *Manual da escola dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

GLEISER, Marcelo. *A criação imperfeita: cosmos, vida e o código oculto da natureza*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

- GONZALEZ, Justo. *A era dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- GUIMARÃES, Robson Franco. Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 31-53, 2005.
- HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HOUTART, François. *Sociologia da religião*. São Paulo: Ática, 1994.
- IBGE. *Censo 2000*. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/>>.
- JHONSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LIMA, Délcio. *Os demônios descem do norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- MALERBA, Jurandir. *Ensaio: teoria, história e ciências sociais*. Londrina: Eduel, 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Imprensa e capitalismo*. São Paulo: Kairós, 1984.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MENDONÇA, Antonio. Sindicato de mágicos: pentecostalismo e cura divina (desafio para as igrejas). *Estudos da Religião*, São Paulo, v.6, n. 8, 1992.
- MENDONÇA, Nadir. *O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MINA, Andréia M. S. *Nós e o mundo. A construção do "outro": alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na década de 1990*. 2004. Dissertação (Mestrado) - apresentada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC.
- NASCIMENTO, Patrícia C. *Jornalismo em revista no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.
- NERI, Marcelo C. *Economia das religiões*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- NOVA CULTURAL. *Larousse cultural: dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

NOVAES, Adauto. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NOVAES, R. R. *Os escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Iser, 1985.

OLIVA, Alfredo dos Santos. *A história do diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2007.

\_\_\_\_\_; BENATTE, Antonio P. (Orgs.). *Cem anos de pentecostes: capítulos de história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

QUEIROZ, José J. (et. al). *Interfaces do sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: PUC, 1996.

RODRIGUES, Vinicius E. Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1999-2000). In: OLIVA, Alfredo S.; BENATTE, Antonio P. (Orgs.). Op. cit. p. 213-214.

RORTY, Richard. VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: solidariedade, caridade, ironia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

SILVA, Wanda A. *Religião e sociedade contemporânea: uma análise da religião no mundo atual*. SME, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Beatriz M. (Org.). *Sociologia da religião no Brasil: revisando metodologias, classificações e técnicas de peso*. São Paulo: PUC, 1998.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

**ANEXO**

